

ANA ROSA ZIRPOLI LEITE

**PROFISSÃO DOCENTE: CONEXÕES ENTRE
HISTÓRIAS, SABERES E IDENTIDADES.**

Orientadora: Professora Doutora Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida
Coorientadora: Professora Doutora Isabel Pereira Pinto

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

PORTO
2013

ANA ROSA ZIRPOLI LEITE

**PROFISSÃO DOCENTE: CONEXÕES ENTRE
HISTÓRIAS, SABERES E IDENTIDADES.**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Doutora Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida
Coorientadora: Professora Doutora Isabel Pereira Pinto

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

**Porto
2013**

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a Deus por iluminar os meus caminhos me dando coragem sempre para enfrentar os desafios da vida, principalmente nos momentos de transição e mudança no decorrer das minhas etapas de vida.

Agradeço inicialmente a minha querida mãe, Leonora, por ter herdado esse amor pela educação, da qual ela sempre se orgulhou e trilhou um caminho de muita dignidade, devoção e fé.

Ao meu querido pai, João, a quem eu devo minha verdade, justeza, criticidade e firmeza em cada passo de minha história, em cada projeto de vida que me entrego.

Às minhas duas filhas, Bruna e Luisa que são os verdadeiros tesouros que tenho e que me trazem a esperança, tranquilidade, beleza e acima de tudo me levam a estar atenta as coisas mais simples da vida, ao lugar onde mora a verdadeira riqueza de viver.

Ao meu amado companheiro de vida Emerson, a quem eu devo os tesouros da minha vida e tudo o que juntos passamos e conquistamos. A quem sou muito grata pela cumplicidade, compreensão e acima de tudo pelo grande amor que construímos.

Aos meus irmãos, Teresa e João Carlos, os quais estão sempre juntos partilhando nossos momentos de vida familiar.

À Berenice a quem partilho os cuidados no dia-a-dia com minha casa e principalmente para com minha família.

À minha compreensiva orientadora Profa. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida a qual me orientou e mostrou os caminhos e as fontes que me nutriram de conhecimentos essenciais para o meu desenvolvimento e crescimento profissional.

À minha coorientadora Profa. Dra. Isabel Pereira Pinto a qual devo as minuciosas correções realizadas e revisadas.

À minha amiga Augusta, companheira de muitos anos de estrada e que apesar das mudanças que enfrentamos em nossas vidas, continuamos a compartilhar momentos marcantes, buscando forças uma na outra para seguirmos em frente.

À Michelline companheira também de muitas batalhas enfrentadas, com quem pude compartilhar alguns momentos desse trabalho e assim me sentir menos solitária nesse processo de construção. É também a quem devo a formatação dessa pesquisa.

A todas as professoras e profissionais com os quais trabalhei muitos anos como coordenadora pedagógica e pude desenvolver uma formação continuada diferenciada e ousada que só foi possível de ser realizada pela disponibilidade e entrega desses profissionais que sempre apostaram e confiaram em meu trabalho.

As professoras que fizeram parte das entrevistas revelando um verdadeiro espírito de colaboração e que foram os atores principais dessa pesquisa.

A todas as minhas amigas e amigos que de uma forma ou de outra estão sempre me apoiando e que, cada um a seu modo, me alimenta com sua sabedoria trazendo um aprendizado diário.

À Adriana, secretária da NUPESF, pela paciência e disponibilidade de nos ajudar quando precisamos.

Minha gratidão a todos!

“Nossa vida muda a cada segundo, mas é a soma de todos os momentos que faz com que você seja tão diferente e tenha uma história que só você pode contar, isso porque a vida não é feita de traços retos, perfeitos e comuns. A vida é feita do seu talento de transformar até os mais simples acontecimentos em lembranças inesquecíveis”.

(Autor desconhecido)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender o papel da construção de identidade no processo de formação e profissionalização do professor.

Esta pesquisa foi realizada com uma amostra de oito (08) professoras numa Escola Municipal no bairro do Bongi na cidade do Recife-PE e que atende crianças do Ensino Fundamental das séries iniciais.

Os discursos das professoras foram coletados através de entrevistas semiestruturadas numa abordagem qualitativa de pesquisa. São relatos apresentados considerando suas histórias de vida como metodologia e narram os acontecimentos importantes desde a infância, o processo de formação por elas vivenciado, suas práticas pedagógicas, suas vivências profissionais e os saberes construídos ao longo de suas carreiras. Utilizamos para analisar os resultados o método da análise de discurso.

Os resultados dessa investigação ou as considerações aqui apresentadas foram elucidados a partir dos dados coletados através dessas narrativas, as quais foram possíveis fazer uma análise na relação e confronto entre esses discursos marcados por diversos pontos comuns encontrados e discutidos. Propomo-nos fazer uma relação sobre quem são elas, o que querem da profissão e principalmente o seu papel na escola sob uma ótica do desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional e que acreditamos auxiliar na compreensão e construção de suas identidades.

Pretendemos assim, contribuir também para o processo de formação numa dimensão subjetiva do sujeito que ensina baseada nas pesquisas de autores que se apoiam na perspectiva do método autobiográfico, nas histórias de vida e sua utilização na formação de professores para o avanço nos estudos sobre os professores e a profissão docente.

Palavras chaves: Construção de identidade, Histórias de vida, Saberes, Formação de professores, Profissão docente.

ABSTRACT

The present study aims to understand the role of identity construction in the process of training and professionalization of the teacher.

This survey was conducted with a sample of eight (08) teachers in a school Hall in the neighborhood of Bongi in the city of Recife-PE and serving children of the elementary school of the initial series.

The speeches of teachers were collected through semi-structured interviews in qualitative research approach. Are reports presented considering their life stories as methodology and narrate the important events from childhood, they forming process experienced, their pedagogical practices, their professional experience and knowledge built throughout their careers. Use to analyze the results of speech analysis method.

The results of that investigation or the considerations have been elucidated on the basis of the data collected through these narratives, which were possible to do make an analysis on the relationship between these speeches and marked by several common points found and discussed. We will make a statement about who they are, what they want of the profession and its role in school under a perspective of personal, professional and organizational development and we believe assist in understanding and construction of their identities.

We will thus also contribute to the process at a subjective dimension of the subject teaching based on research of authors support the autobiographical method in life stories and their use in teacher training to advance in the studies on teachers and the teaching profession.

Key words: construction of identity, life stories, Knowledge, teacher training, teaching profession.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise de Discurso

ADI - Auxiliar do Desenvolvimento Infantil

CEB - Ciclo do ensino Básico

CEEL - Centro de Estudos em Educação e Linguagem

CPDOC/FGU- Programa de História Oral ao Centro de Investigação e Documentação
Histórica Contemporânea do Brasil

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FATIN - Faculdade de Tecnologias

FD - Formação Discursiva

GT - Grupo de Trabalho

MEC - Ministério de Educação e Cultura

MG - Minas Gerais

PCR - Prefeitura Cidade do Recife

PE - Pernambuco

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

ÍNDICE GERAL

Resumo	5
Abstract	6
INTRODUÇÃO	12
Capítulo I – CICLO DE VIDA PROFISSIONAL E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	
1. O CAMINHO DAS HISTÓRIAS DE VIDA E AS FASES DO CICLO DE VIDA PROFISSIONAL	19
1.1. O conhecimento de sua própria história	22
1.2. Aspecto sócio cultural	24
2. IDENTIDADE DOCENTE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS	25
2.1. O processo de construção da identidade dos professores	26
Capítulo II - FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE	
1. FORMAÇÃO DOCENTE	31
1.1. Saberes experienciais	33
2. EVOLUÇÃO DO ENSINO: CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO MUNDIAL	34
2.1. Situação atual dos professores	36
2.2. Uma visão diferente de formação profissional	37
Capítulo III - DESENHO METODOLÓGICO	
1. METODOLOGIA	42
2. PERGUNTA DE PARTIDA	46
3. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	46
3.1. Objetivo geral	47
3.2. Objetivos específicos	47
4. HISTÓRIAS DE VIDA COMO FONTE DE DADOS	47
4.1 A Entrevista como instrumentos de Coleta de Dados	48
5. CONTEXTO DA PESQUISA	49
6. POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO	50
7. INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	51
Capítulo IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	
1. FORMAÇÃO DISCURSIVA	54

1.1 Formação Discursiva: Perfil e Fases do Ciclo de Vida das Entrevistadas	54
1.2 Formação Discursiva: Experiência de Vida (aspectos sociais e culturais)	59
1.3 Formação Discursiva: Identidade Profissional Docente	64
1.4 Formação Discursiva: Percorso de Formação e Profissionalização	70
1.5 Formação Discursiva: Entraves da Profissão	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
BIBLIOGRAFIA	89
APÊNDICES	94
APÊNDICE I	95
APÊNDICE II	96
APÊNDICE III	97

INDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - Categorias de Análise da identidade	29
QUADRO 2 - Depoimentos das professoras na FD “Perfil das Professoras”	57
QUADRO 3 - Depoimentos das professoras na FD “Perfil das Professoras”	58
QUADRO 4 - Depoimentos das professoras na FD “Experiências de Vida”	62
QUADRO 5 - Depoimentos das professoras na FD “Experiências de Vida”	63
QUADRO 6 - Depoimentos das professoras na FD “Experiências de Vida”	64
QUADRO 7 - Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”	67
QUADRO 8 - Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”	68
QUADRO 9 - Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”	69
QUADRO 10 - Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”	73
QUADRO 11 - Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”	74
QUADRO 12 - Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”	75
QUADRO 13 - Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”	76

QUADRO 14 - Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”	80
QUADRO 15 - Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”	81
QUADRO 16 - Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”	82

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - Ciclos de Vida Profissional dos Professores em Fases	22
TABELA 2 - Amostra dos professores selecionados tendo como critérios de inclusão anos de experiência, tempo de serviço e idade	51

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Inter-relação entre professor, escola e saber	15
--	----

INTRODUÇÃO

Lutar contra a exclusão, contra o fracasso escolar, contra a violência, desenvolver a cidadania, a autonomia, criar uma relação crítica com o saber, tudo isso exige que os professores transformem-se em formadores. Sem dúvida esta é uma tarefa bastante complexa e que os leva a percorrer árduos caminhos, para isso é de fundamental importância assumir uma postura reflexiva e crítica diante da sua profissão.

Somente a partir da década de 90, alguns estudiosos têm tido o interesse em publicar experiências e obras que se preocupem por utilizar propostas diferentes em relação à formação de professores, numa visão progressista da educação. Para tal, é de fundamental importância considerar as histórias de vida dos professores nos processos de construção da sua identidade e carreira profissional. Esse processo de construção, não deve ser entendido como algo independente do contexto, mas como um processo que agrupa as experiências práticas, as relações, os interesses sociais e políticos; possibilitando ao professor integrar técnica com os conhecimentos teóricos e práticos.

A formação do professor numa visão diferenciada e de futuro na educação desse país, deve passar por um processo de crescimento pessoal e aperfeiçoamento profissional, além da formação da cultura escolar, que inclua implementação e consolidação de novas práticas participativas e de gestão democrática. Conforme Nóvoa (1991), a formação do professor crítico reflexivo implica três tipos de desenvolvimento: pessoal, profissional e organizacional. Os professores precisam ser narradores de suas próprias histórias e experiências, como forma de compreender a complexidade da profissão docente diante da crise de identidade que se encontram, resultado, entre outras questões, da separação, ao longo de algumas décadas, entre o profissional e o pessoal. Pensando numa nova perspectiva sobre os processos de formação, diz o autor:

“Hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.” (Nóvoa, 1995b, p.9)

Trabalhar a partir das abordagens (auto)biográficas, interesse de alguns teóricos nos últimos anos no circuito educacional, pode significar a exploração do conhecimento de si e

das práticas docentes na busca de investigar, pensar e refletir sobre essas práticas no plano pessoal e profissional.

Nóvoa (1995b, p.8), nos chama atenção quando fala do método (auto)biográfico e a formação de professores:

“O mal-estar que atinge os professores ameaça tornar-se crônico. Há medidas que é urgente tomar, no exterior e no interior da profissão docente. As abordagens (auto)biográficas podem ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram actualmente os professores e a delinear uma profissionalidade baseada em novas práticas de investigação, de acção e de formação.”

Desta forma, entende-se que a formação do professor não ocorre em momentos distintos – primeiro a formação teórica e depois a experiência prática – mas no diálogo da prática com a teoria. Segundo Donald A. Schön (1997) que é professor do Massachusetts Institute of Technology (EUA) e um dos autores internacionalmente mais importantes no que se refere aos estudos sobre formação de profissionais práticos, ao refletir sobre a prática, o professor desenvolve uma atividade investigativa que irá caracterizá-lo como produtor de conhecimentos práticos sobre o ensino.

Na mesma corrente de pensamento à de Nóvoa (1995) e Schön (1997), Zeichner (1993) destaca a importância do contexto, afirmando que o professor, além de refletir sobre sua prática, necessita analisar as condições de produção desse trabalho, ou seja, levar em conta as condições sociais, políticas e econômicas que interferem em sua prática pedagógica.

Os estudos acadêmicos em nível de mestrado e doutorado que pesquisamos apontam o estado de arte das investigações acerca da temática: Santos (2012, ULHT/PT), “A construção de identidade profissional docente: relatos de histórias de vida”, buscou os saberes que permeiam as trajetórias de vida pessoal e profissional dos professores, levantando as questões que envolvem a profissionalização e formação desses profissionais e que influenciam na construção de sua identidade. António (2002, ULHT/PT), “O outro lado do espelho: auto-representações das funções das professoras”, refletiu sobre os papéis dos docentes na escola e como isso influi em seus modos de agir, suas expectativas e frustrações no decorrer da docência. Amorim (2010), “Profissão docente: uma nova identidade”, esta investigação voltou-se para um estudo sobre os traços que destingem as identidades na profissão de professor em algumas escolas particulares da cidade de Belo Horizonte em MG – Brasil. Ferreira (2006), “Ser professor: construção de identidade em processo auto-formativo”, o estudo teve como foco principal, compreender de que forma o professor

constrói sua identidade reconhecendo-se ou não como um sujeito inserido no sistema escolar. Cavaliere (2009), “A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida”, esta dissertação visou compreender como se constitui a identidade profissional docente, pelo viés das histórias de vida de professoras do Ensino Fundamental de Rede Municipal de Juiz de Fora – MG.

Assim, nossa investigação, voltada para análise das histórias de vida na construção da identidade profissional dos professores, nos leva a tomar como questão de partida responder o seguinte problema: **Qual a relação entre a construção de identidade e o processo de formação e profissionalização docente?** Tomamos como sujeitos e lócus da investigação as professoras da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife – PE – Brasil.

As categorias de análise desta investigação centralizam-se na profissão de professor, nas suas histórias de vida, na construção de identidade profissional e os saberes construídos ao longo de suas carreiras.

Desta forma, assim como Nóvoa (1995), Shön (1997) e Zeichner (1993), Giroux (1997) trazem sua contribuição se pensarmos numa dimensão política da educação. Servimo-nos da literatura nos fundamentando e apoiando também em autores como – Goodson (1995), Tardif (2007), Lessard (2008), Moita (1995), Hall (2005), Huberman (1995), Dubar (2005, 2006), Bauman (2005) entre vários outros, que assim como os já citados anteriormente, são pilares teóricos fundamentais nessa investigação e que convergem para o ponto central da profissão de professor voltada para a necessidade de considerar as histórias de vida dos docentes, a construção de “identidades” e no lugar que os saberes ocupam na formação do professor pesquisador crítico-reflexivo.

O que nos levou a realizar essa pesquisa foram as inquietações vividas ao longo da carreira profissional da pesquisadora cuja necessidade percebida e observada, através do trabalho de orientação e supervisão das práticas docentes, é a de possibilitar aos professores fazerem uma relação de suas experiências de vida com as suas práticas profissionais na construção de um processo identitário como profissional de educação, autor de seu próprio trabalho.

Dessa forma, nos deparamos com uma realidade educacional que nos intriga e nos leva a fazer reflexões a respeito de uma questão central: como o professor, em seu discurso, é capaz de discutir e avaliar o seu trabalho numa visão crítica-reflexiva, quando as lacunas em relação a sua prática pedagógica e as dificuldades enfrentadas por ele no dia-a-dia da profissão continuam a existir? Entendemos assim, que há contradições entre o conhecimento

acadêmico, científico, a atuação prática e a realidade social, nos direcionando a levantar alguns questionamentos: Como acontece o processo de construção da identidade docente? Qual a contribuição que as histórias de vida têm nessa construção identitária? O estudo sobre o ciclo de vida profissional docente ajuda a entender o professor ao longo de sua profissionalização? Qual a relação dos saberes construídos no processo de formação profissional e em sua prática pedagógica?

Acreditamos que a contribuição desse estudo seja referente à oportunidade dada aos professores de pensar o seu papel na escola sob uma ótica do desenvolvimento pessoal e profissional. É poder repensar o papel da escola como instituição organizacional na formação docente, pensando a educação sob o olhar do mundo contemporâneo na educação básica, significando repensar todo esse sistema de valores e ideais concebidos desde o século XVIII e que continuam presentes até os dias de hoje, sofrendo influências religiosas, políticas, da mídia, tomando como senso comum, a prática do conhecimento incorporado ao pensamento educacional ocidental. Desta forma, contribui para repensar também nosso trabalho nas práticas supervisivas e em nosso próprio processo de formação. É preciso provocar mudanças tanto na realidade pedagógica, na vida dos próprios professores, como no ambiente institucional, dado que há uma inter-relação entre escola, saber e professor.

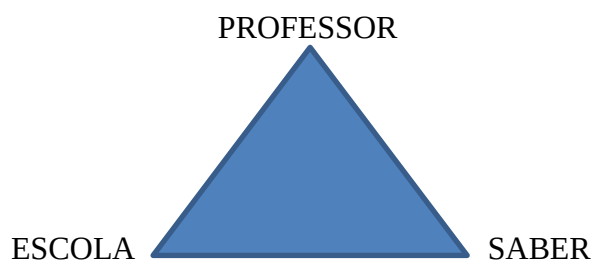


Gráfico 1: Inter-relação entre professor, escola e saber

A partir desta investigação, esse estudo procura compreender o processo de construção da identidade a partir do sujeito que ensina: sua história pessoal, social, existencial e profissional. Tem como objetivos:

- Analisar o perfil do professor formador na atualidade.

- Analisar o processo de construção de identidade do professor, levando em conta contextos de formação e de experiência profissional.
- Relacionar o ciclo de vida profissional docente com etapas vividas.
- Relacionar os saberes do professor com o processo de construção de identidade docente.

Essa pesquisa foi realizada com professoras de uma Escola da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Recife e que trabalha com crianças do Ensino Fundamental I. Partimos, como pressuposto, dos estudos de Huberman (1995) sobre o ciclo de vida profissional do professor, baseado nos estudos clássicos do ciclo de vida pessoal.

Como subsídio para a investigação, o presente trabalho baseia-se num estudo de caráter qualitativo como objeto das Ciências Sociais, com referencia nas afirmações e estudos de Minayo (2009). Foi utilizada como instrumento de pesquisa e coleta de dados uma entrevista semiestruturada, a qual foi realizada com uma amostra de oito (08) professoras pertencentes, como docentes, dessa comunidade escolar e que estabeleceram uma relação de confiança e disponibilidade com a pesquisadora. As entrevistas é uma importante estratégia para o trabalho de campo na pesquisa qualitativa. (Minayo, 2009)

A pesquisa segue as seguintes etapas: método escolhido (histórias de vida), lócus da pesquisa, sujeitos da pesquisa (população e amostra do estudo), instrumentos de coleta de dados, análise dos dados (análise de discurso (AD)) e por fim análise e discussão dos resultados que foram distribuídos através de capítulos.

Utilizamos as histórias de vida como metodologia para essa investigação significando o lugar do professor no processo educativo e colocando-o como agente central nesse contexto de pesquisa. Foi abordado nesta etapa da investigação, o importante papel do pesquisador a luz dos estudos de Gonzaga (2006), que defende a criatividade dos pesquisadores na busca do método próprio. Através das narrativas das entrevistadas, pudemos colher informações necessárias para analisar os discursos com bases nas teorias de Orlandi (1999), pesquisadora responsável em difundir a Análise de discurso (AD) no Brasil. Foram abordados em relação às categorias de análise, aspectos biológicos, existenciais, sociais e culturais, explorando o universo do professor a partir da infância, adolescência e chegando à fase adulta. Esta última, permeada por desde a escolha da profissão, passando pela formação profissional, relação de identificação com a profissão até os entraves da mesma. Tal análise foi realizada tomando como referência os pontos comuns encontrados a partir do confronto

entre os discursos sejam eles divergentes ou não. Discursos esses que precisam produzir sentidos e significados.

Organizamos esta pesquisa em quatro (04) capítulos:

O primeiro capítulo – “**Ciclo de Vida Profissional e Construção da Identidade Docente**”, é constituído pelas histórias de vida e as fases do ciclo de vida profissional como aspectos primordiais para compreender quem são esses professores, quais suas prioridades, escolhas e ajudar a entender a complexidade da profissão de professor; pela identidade docente, entender seu percurso de permanente construção e sua importância nos processos de mudança no ensino para profissionalização do professor e autoria da própria prática.

O segundo capítulo – “**Formação Profissional Docente**” pensamos na formação sob uma ótica de renovação das propostas de ensino, que possa nos levar a verdadeiras transformações das relações entre as várias dimensões que vão sendo construídas sejam elas na formação profissional ou na formação pessoal; apontamos os “saberes experienciais” como um conhecimento fundamental para a prática pedagógica e como conteúdos valiosos para a formação dos professores a qual temos a necessidade de repensá-la nos seus variados eixos (dentro e fora da escola) na educação; abordamos a evolução do ensino e sua relação com as transformações sociais ocorridas, delineada por uma breve exposição sobre o contexto histórico da educação que aponta como necessidade conhecer o ontem, outras realidades educacionais mundiais, para projetamos o que queremos para o amanhã. Por último, apresentamos uma visão diferente de formação profissional à luz de alguns autores.

O terceiro capítulo – “**Desenho Metodológico**” percorremos os caminhos da abordagem metodológica na investigação, definimos o método escolhido que foi o das histórias de vida, o campo investigativo e sua caracterização, os sujeitos e instrumentos eleitos para a pesquisa de campo e a análise dos dados dos discursos coletados baseada na teoria da análise de discursos (AD).

No último e quarto capítulo - “**Análise e discussão dos resultados**” apresentamos a análise dos dados referentes aos resultados obtidos nas entrevistas. Definimos cinco (05) formações discursivas (FD): perfil e fases do ciclo de vida das entrevistadas, experiências de vida, identidade profissional, percurso de formação e profissionalização e entraves da profissão, que serviram de subsídio para a análise e compreensão do objeto estudado.

Ressaltamos nas “**Considerações finais**” as constatações da pesquisa ao longo do estudo no que se refere ao problema apresentado, os objetivos a serem atingidos e a análise e discussão dos resultados da investigação. Portanto, faz-se necessário destacar os limites desse

estudo entendendo que ele deve ser um indicativo para questões e estudos futuros desta área na certeza de que aqui é apresentado um pequeno recorte desse universo enigmático que é a profissão de professor.

CAPÍTULO I –

CICLO DE VIDA PROFISSIONAL E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

1. O CAMINHO DAS HISTÓRIAS DE VIDA E AS FASES DO CICLO DE VIDA PROFISSIONAL

O presente estudo busca fazer relações entre o percurso histórico da carreira do professor na educação, a construção identitária através da sua própria história e dos “ciclos de vida profissional” os quais acarreta em processos de mudança significativos na ação pedagógica para um ensino contemporâneo.

As etapas pessoais de vida, publicado por Levinson, segundo Goodson (1995), levam aos professores tomar decisões e fazer escolhas que são decisivas no seu caminho profissional. Dependerá da compreensão do “ciclo de vida” de cada pessoa. Atualmente, alguns autores vêm desenvolvendo estudos significativos em relação à maneira como os professores constroem a sua carreira e enfrentam as dificuldades da mesma.

Os estudos sobre os “Ciclos de Vida Profissional dos Professores” de Huberman (1995), que é um desses estudiosos o qual fundamentamos nossa pesquisa, foram além de uma verificação entre os estudos “clássicos” do ciclo de vida individual e o ciclo de vida profissional dos professores do ensino secundário (que era o que se conhecia até então), passando pela curiosidade e fascínio sobre a complexidade das questões impressas na carreira dos professores e no percurso do ensino.

Faz-se necessário identificar e analisar as fases vividas da carreira do professor que, segundo esses estudos, se organizam em sete (07). A primeira delas é a “Entrada na Carreira” que descreve dois aspectos importantes que a compõe. A “sobrevivência” que é o início do confronto com a realidade da profissão que se apresenta bastante complexa às provações iniciais e suscitam uma série de questionamentos e dificuldades enfrentadas pelo professor iniciante em relação à disciplina dos alunos, condições de trabalho, inadequação dos materiais didáticos, enfim, o abismo entre teoria e prática. A “descoberta”, em contrapartida, favorece

ao estímulo e empolgação apresentados inicialmente em relação à experimentação do novo, no sentimento de ser e estar (ou se sentir) professor.

A fase de “Estabilização” é constituída pelo momento da escolha profissional, de “afirmação” e “libertação” do seu trabalho. Traz segundo as amostras de Watts (1980) e de Field (1980), cit. por Huberman (1995), o sentimento de conforto, confiança e apropriação do próprio jeito de ensinar do professor.

Os caminhos individuais vão deixando de ser homogêneos e passam a ser mais diversos após as fases iniciais. Sendo assim, a fase de “Diversificação” é marcada pela experimentação e ousadia profissional em relação à diversificação do “material didático”, aos “modos de avaliação”, “a forma de agrupar os alunos”, “as sequencias do programa”, entre outros. Há, segundo Huberman (1995), um retrato de motivação e dinamismo por parte dos professores. Prick (1986), cit por Huberman (1995), em sua amostra atrela à motivação a “ambição pessoal” dos professores que migram para os cargos administrativos em busca de “mais autoridade, responsabilidade e prestígio”. Já Cooper (1982), cit. por Huberman (1995), explica que o lançar-se aos desafios é a busca ainda não atingida da “eficácia e competência”. Como forma ou “necessidade de manter o entusiasmo pela profissão” é o que Watts (1980), cit. por Huberman (1995, p.42) defende em sua análise das fases da atividade docente.

“Pôr-se em Questão” é o período, geralmente compreendido entre os 35 e 50 anos de idade, ou entre o 15º e o 25º anos de profissão, caracterizado como o “meio da carreira”. Em suas pesquisas (Prick, 1986; Adams, 1982; Sikes, 1985; Harmer, 1979; cit. por Huberman, 1995) observaram que essa é a fase em que os professores se perguntam sobre o que fizeram de suas vidas, realizando um balanço delas e por muitas vezes se permitindo a fazer novas escolhas. Essa “crise” pode ser provocada pela rotina escolar que traz a mesmice da sala de aula, ou pela desilusão da profissão advinda da falta de êxito em suas experiências de vida. Não há afirmativas que os professores passam pela mesma fase de questionamentos, pode ser que sim e pode ser que não, depende muito mais dos aspectos extrínsecos em relação ao social do que aspectos próprios da natureza de ser professor.

Nos estudos empíricos de Peterson (1964); cit. por Huberman (1995), os professores de 45 a 55 anos sentem falta de seu dinamismo e ativismo de antes. Em outros estudos empíricos (cf. Prick, 1986; Lightfoot, 1985; Rempel e Bentley, 1970) falam que nessa fase de “Serenidade e Distanciamento Afetivo”, o nível de ambição e investimento diminuem, em contrapartida a “sensação de confiança e de serenidade aumentam”. As pessoas não estão mais em busca de aprovação. As expectativas iniciais em relação a profissão vão se reduzindo

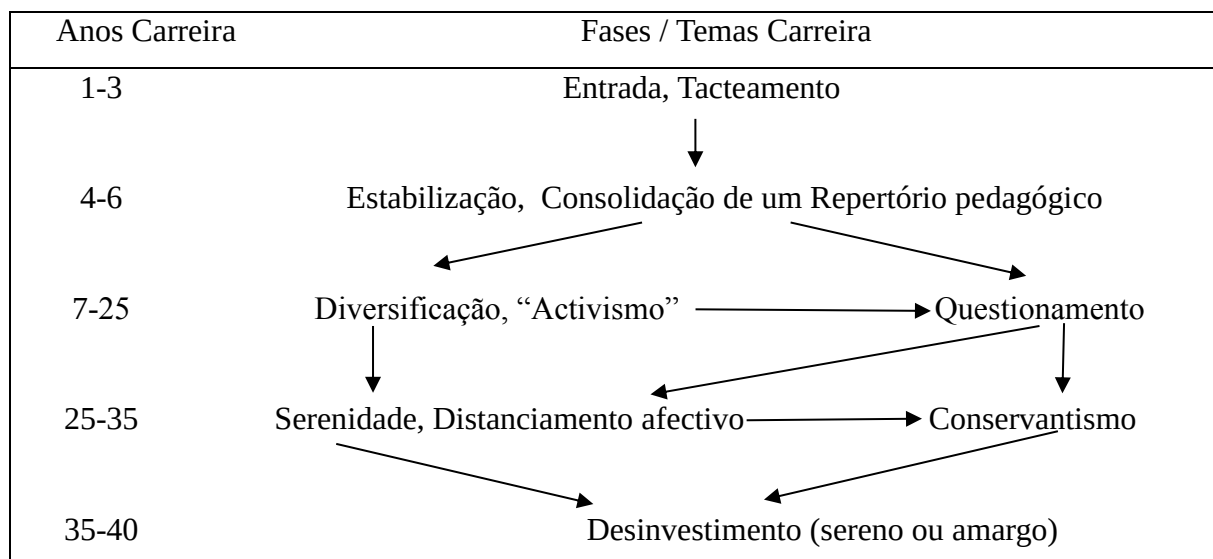
ao que vai sendo possível se realizar, encarando de forma mais paciente as questões de sala de aula. Para Huberman e Schapira, (1979) cit. por Huberman, (1995); o distanciamento afetivo é criado, em sua maioria, pelos alunos que resistem ter relações mais próximas com os professores mais velhos e se identificam com os mais jovens, tratando-os como irmãos ou irmãs mais velhos. Os autores (cf. Lightfoot, 1985; Prick, 1986) acrescentam a este estudo uma visão mais “sociológica” apontando as dificuldades de dialogar, apresentadas pelas diferentes gerações e que pertencem as diferentes “subculturas”.

Na fase do “Conservantismo e Lamentações” há uma estreita “relação entre a idade e o conservantismo”. Nos estudos clássicos de psicologia Lowenthal et al., (1975); Ryff e Baltes, (1976); Riley et al., (1968); Neugarten e Datan, (1973); cit. por Huberman, (1995, p.45), apontam que com o avançar da idade, as pessoas tendem a ficar mais rígidas, conservadoras, resistentes ao desafio do novo e bastante cautelosas. Progressivamente esses comportamentos vão se agravando e aos 50 anos acelera.

Nesta última fase do ciclo de vida, as pessoas dão um mergulho de volta para dentro de si mesmas. Investem mais tempo nas suas vidas e na vida social. Os professores passam a desinvestir no fim de suas carreiras frente aos ideais e objetivos iniciais. Segundo os estudos de (cf. Becker, 1970; cit. por Huberman, 1995) alguns professores, ainda no “meio da carreira”, passam pela desilusão da profissão por não ter conseguido alcançar tais objetivos. Não há estudos empíricos para demonstrar esta fase do “Desinvestimento”. De qualquer forma, é difícil pensar que o que acontece com o professor, no final de suas carreiras, aconteça de forma diferente dos outros profissionais, que em um percurso natural da maturidade profissional, se distanciam e se preparam para a saída.

De forma sintetizada, segue adiante um quadro esquemático que ilustra como Huberman (1995), sequenciou as fases da carreira profissional do professor secundário. O autor aponta para esta última fase, do Desinvestimento, duas formas de se chegar nela (de forma amarga ou serena). Chama a atenção de que a maneira mais “harmoniosa” seria: Diversificação – Serenidade – Desinvestimento sereno.

Tabela 1: Ciclos de Vida dos Professores em Fases segundo Huberman (1995, p.47).



1.1.O conhecimento de sua própria história

Goodson (1995) vem ampliar a investigação sobre as histórias de vida dos professores, em que, através de suas experiências próprias vividas, compreendeu a necessidade de saber mais quem são esses professores em relação as suas prioridades de vida e sua relação de compromisso com seu trabalho (escola e ensino). Ele defende a importância de dar voz e ouvidos ao professor e relevá-lo ao papel de “professor como investigador” na melhoria da prática de ensino, através do método de *investigação-acção*.

O mesmo autor propõe uma investigação detalhada da vida e do trabalho do professor para os estudos de investigação educacional. Como não há relevância em considerar os dados sobre a vida dos professores aos paradigmas de investigação existentes, ele defende que o que deve ser mudado são os paradigmas para que assim se adeque a esses tipos de dados de extrema valia. Na intenção em tornar os professores em investigadores, Goodson (1995) levanta a necessidade de fazer negociações entre esses professores e os investigadores externos. É preciso dar voz e vez aos dois grupos de investigadores respeitando as diferenças de posicionamento de cada grupo e o que cada um tem a contribuir em termos de conhecimento. Sabendo-se que essa relação não está equilibrada, alerta a necessidade de definir antecipadamente e de forma clara, as condições, ou seja, o papel e a contribuição de cada parte na pesquisa.

O conhecimento da sua própria história, que estabelece múltiplas relações com os saberes, fazeres e pensares do e no mundo contemporâneo, dá possibilidade ao professor articular de forma contextualizada, crítica e transformadora sua ação pedagógica e o seu ser profissional.

Mas quem são esses professores de hoje? Que histórias eles trazem em sua bagagem profissional e de vida? Que influências receberam em sua caminhada? Quais são suas escolhas? Que tipo de professor eles querem ser?

Estas reflexões podem ser as justificativas para que o professor precise se apropriar dos momentos significativos de sua história, revendo seus percursos pessoais e profissionais, narrar suas histórias de vida e provar que os métodos (auto) biográficos podem ser sim um caminho para uma maior profissionalização e valorização do docente utilizado nos programas de formação, dentro e fora das universidades.

Embora seja indiscutível compreender a importância que a teoria tem em nossa prática docente, não podemos pensá-la dissociada das nossas experiências pessoais, dos processos pelo qual passamos. Percorrer o caminho das histórias de vida dos docentes é um fator de grande importância.

O desenvolvimento pessoal e profissional de um professor é um processo complexo e tecido conforme ele se posiciona em relação às múltiplas situações contraditórias de sua prática. Ser professor implica enveredar por um caminho nem sempre fácil de ser trilhado. Muitos são os desafios esbarrados pela profissão: ambientes de trabalhos, salários, as relações e as condições de trabalho, a educação familiar contemporânea, entre outros.

“Os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais; todos eles comportam situações problemáticas que obrigam a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores (Shön, 1990). As situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto respostas únicas: O profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. (Nóvoa, 1995a, p.27).

O espaço para escuta docente, a valorização de seus saberes, as narrativas de vida, as autobiografias podem, sem dúvida, ser um caminho para ajudar os professores em sua capacidade, não só de observação, como também de autoconhecimento, reflexão e assim consequentemente de superação e transformação.

A profissão de professor está impregnada de valores e ideais. É uma profissão que se desenvolve num espaço rico de relações humanas, o que vem a justificar a importância de se trabalhar esse *eu pessoal*, juntamente com o *eu profissional*.

“Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”. (Nóvoa, 1995b, p.10).

1.2. Aspecto sócio cultural

Faz-se necessário, então, entender o conhecimento enquanto significativo na sociedade atual, como forma de expressão do sujeito individual e do sujeito sócio-cultural, que pode ser explorado pelo universo escolar.

Quando pensamos no sujeito em sua pluralidade cultural, consideramos que cada um vive a sua experiência no interior de uma determinada cultura, que lhe dá a significação. Os diferentes contextos – históricos, sociais, políticos, religiosos, ambientais e econômicos, possibilitam a criação de diferentes significações sobre o conhecimento. A cultura, por exemplo, de crianças de um determinado lugar é diferente da cultura de crianças de outros lugares, que vivem contextos diferentes, variando os significados de cada cultura.

A prática pedagógica é variável nos diferentes contextos educativos, está refletido no que as pessoas conhecem e entendem como conhecimento e no significado cultural do lugar em que elas estão inseridas; nas histórias de vida de cada profissional, as quais foram e são construídas ao longo do tempo; no processo de formação vivido por cada um, enfim, por fatores diversos. Para compreender o conhecimento e a prática pedagógica de um determinado professor, faz-se necessário fazer toda essa viagem histórica ao longo de sua vida pessoal e profissional, sua formação, seus *saberes experienciais* relacionados à sua prática reflexiva, percebendo-o como professor pesquisador, investigador e crítico, autor de sua própria prática. Suas histórias de vida, suas experiências vividas a partir do contexto sociocultural em que se desenvolvem, são fatores primordiais que estão diretamente ligados ao seu processo de investigação e transformação e que influenciam o modo de pensar e atuar dos professores.

Considerando o histórico como o objeto de estudo das Ciências Sociais, Minayo (2009) explica a existência das sociedades que são organizadas diferentemente umas das outras, dependendo do espaço que se constroem. Ao mesmo tempo podemos ver pontos comuns se viveram num mesmo período histórico. Assim, as sociedades vivem o presente

decorrente de seu passado para que desta forma tenham a possibilidade de construir, de forma dialética, o futuro. A autora conclui que “a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social” (Minayo, 2009, p.12).

Bauman (2005) nos chama a atenção para as relações estabelecidas atualmente no mundo virtual eletrônico e que têm a tendência de serem frágeis e passageiras ao contrário dos três principais e sólidos pilares que constituem a identidade que são: a família, o estado e a igreja. Assim ele descreve que nos encontramos numa era *líquida moderna* onde os indivíduos são flutuantes, móveis e ágeis vistos e valorizados por uma cultura do descartável, caracterizada por ser passageira. Os fluidos não mantêm “uma forma por muito tempo” (Bauman, 2005, p.57), mudam sua forma por intervenção de qualquer força externa, a qualquer momento. Isso justifica o termo metafórico utilizado pelo filósofo e sociólogo, para referir-se a *liquidez da modernidade* como algo flexível na sua forma e mutável em relação ao tempo.

“Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”. (Bauman, 2005a, cit.por Cugini, 2008, p. 161).

Ressaltamos a necessidade de trabalhar as relações interpessoais, o resgate e o respeito às múltiplas identidades culturais, levando o professor a reelaborar suas propostas pessoais e profissionais.

2. IDENTIDADE DOCENTE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Neste trabalho, buscamos levar o professor a refletir a sua prática, a partir de suas narrativas de vida, como processo para construção da identidade, levando em consideração que identidade é o resultado de constantes transformações que ocorrem a partir das relações sociais, que permeiam os discursos dos instrumentos cognitivos, afetivos e experienciais. É também uma forma do professor ser e de se representar no mundo. Segundo Nóvoa (1995) esse caminho pode ser um terreno fértil, mas pode ser também um risco no sentido de se tornar banalizado, na medida em que se valoriza demais esse discurso focado no pessoal e perde-se a dimensão teórica que a sustenta.

A identidade sendo um conjunto de características próprias que diferenciam pessoas de outros seres pode ser definida por inúmeros conceitos. Em relação a nossa pesquisa sobre a formação de professores, numa perspectiva de suas experiências pessoais e da reconstrução de suas memórias através da compreensão das suas próprias histórias na profissão docente, Nóvoa (1995) define a identidade como:

“um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. (...) O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”. (Idem, pp.16-17).

Isso nos levou a pensar que nossas identidades não se constroem apenas no momento em que atuamos como profissionais, mas na observação do fazer do outro, também pelas experiências que tivemos com nossos professores e com outras pessoas ao longo de nossas vidas. Ampliando nossa discussão sobre identidade, Hall (2005) distingue na concepção do sujeito pós-moderno a identidade como algo não fixo, mas em constante construção. Segundo o autor, a identidade é:

“...definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (Idem, p. 13).

Outra definição sobre identidade, defendida por Dubar (2005), traz a identidade social marcada pela dualidade, que acrescenta às demais definições citadas anteriormente.

“...a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. (Idem, p.136).

2.1.O processo de construção da identidade dos professores

Quais as influências percebidas na construção desse caminho profissional do professor e que fazem relação com os processos de construção da identidade?

Para compreendermos quem são esses professores, precisamos além de entender o percurso histórico em suas práticas educativas, fazer uma relação com a construção de sua identidade através da sua própria história, o qual acarreta em processos distintos e individuais de mudança.

Por entender o valioso instrumento de análise que este estudo representa, buscamos as referências de pesquisadores interessados em compreender o processo de construção da identidade, sua importância e a subjetividade no processo de formação da mesma.

Bauman (2005), nos fala sobre as “identidades” como pertencimento a alguma nação, sociedade, comunidade, cultura, religião, algo que é flexível e que está em constante mudança. As variáveis em relação a essas transformações se dão através das decisões tomadas pelo sujeito, dos caminhos percorridos e da forma de ação.

Somente faz sentido para as pessoas saberem quem elas são, a que identidades pertencem, quando se acredita que elas têm algo diferente uma das outras.

Diante da procura de um sentimento de pertença, em busca de relacionamentos, surgem as “comunidades virtuais” como uma febre do mundo atual onde os vínculos afetivos entre as pessoas não possibilitam a constituição de uma identidade favorável.

Em relação às problemáticas da vida moderna, Bauman (2005), aponta a globalização e suas consequências para a identidade como um assunto bastante complexo e fundamental a ser abordado e estudado. Em seu livro *Identidade*, na entrevista que compõe o conteúdo do livro, faz uma analogia entre identidade e o jogo de quebra-cabeças, diz que para se constituir uma identidade é preciso fazer o mesmo que compor um quebra-cabeça, mas um quebra-cabeça “incompleto”, inacabável. No quebra-cabeça a imagem construída já vem pronta, você sabe aonde vai chegar encaixando cada peça. Para compor sua identidade existem muitas peças, mas a imagem do que se quer alcançar não pode ser previsto, ou seja, fica na incerteza de ter peças essenciais para a montagem, de ter a certeza na seleção e escolha delas, de serem adequadas para o lugar escolhido. Faz-se necessário saber fazer essas escolhas e colocar as peças nos seus devidos lugares, considerar toda a construção ao longo dessa constituição.

É possível escolher sua identidade em relação a sua vontade, mas em contrapartida existem pessoas que se deparam com a opressão de identidades determinadas por outras pessoas e não conseguem ou não tem autorização para renunciar. Sendo assim, Bauman (2005) se encarrega de chamar nossa atenção em relação às Identidades:

“As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (Idem, p.19).

Bauman (2005) como forma de caracterizar o homem na atualidade, que habita em um mundo cada vez mais individualista e difícil de viver, aponta o surgimento do “homem sem vínculos” traduzido ao termo por ele adotado como o “homem líquido-moderno” livre de relacionamentos, compromissos, ou seja, volúvel e inseguro daquilo que quer ter.

Não é preciso cultivar o medo de viver a liberdade, nem o medo de não se deixar viver a liberdade até as últimas consequências, mas preservar as referências que garantem nossa segurança é um dos maiores desafios e dificuldades da humanidade. Analisando a identidade relacionada com a liberdade do indivíduo, Bauman (2005) reflete sobre as condições oferecidas às pessoas para a construção da identidade que, para ele, precisamos nos debruçar a esta grande problemática social que se refere à fatia das pessoas que habitam as margens da sociedade e que não exercem seu poder de escolha, mas sim de uma imposição e exclusão, fruto da modernidade livre.

“São as pessoas recentemente denominadas de “subclasse”: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade (...) Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada *a priori*. O significado da “identidade da subclasse” é a *ausência de identidade*, a abolição ou negação da individualidade, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral”. (Idem, p.45).

Assim ele afirma que a questão sobre identidade está relacionada principalmente ao contexto social no qual o indivíduo pertence e não se encontra somente no âmbito subjetivo. Cugini (2008) diz que Bauman critica inclusive “a ideia de identidade nacional, ligada ao estado, por considerá-la fruto da ideologia, algo imposto e não natural”. (Cugini, 2008, p.169)

Ao mesmo tempo em que vivemos num mundo instável corremos atrás instintivamente de segurança, mas também não podemos viver fixados ou presos aos mesmos valores do passado. Como fazemos parte desse *mundo líquido*, também deveremos estar sempre em movimento. Essa nova sociedade também é constituída pelo deslocamento de uma crença de valores na eternidade (que serviu de orientação por muito tempo para o homem moderno) para se viver na infinitude (onde o tempo está além de qualquer limite). É pensar no tempo em um movimento constante. Para a *modernidade líquida* esses valores fixos e estruturadores da eternidade de uma determinada sociedade são levados em conta como uma

recusa. Assim, a sociedade está voltada aos interesses individuais, não mais para os valores coletivos e sociais do período moderno. Essa individualidade é um marco forte na *modernidade líquida* que atinge antes de tudo e fundamentalmente os valores e as relações afetivas da vida do homem.

Diante de toda essa modernidade cheia de contradições, crises e conflitos sociais, vivemos mergulhados também pelas crises pessoais. Dubar (2006) propõe em seu livro *A crise das Identidades*, analisar as relações entre *a crise da modernidade* e *a crise das identidades* percebendo a ligação de dependência entre elas. Ele define *a crise das identidades* como um momento também difícil socialmente e historicamente, uma forma de expressão dos acontecimentos que interagem entre si. Para falar em crise não podemos deixar de nos deter nas propostas do autor que faz uma estreita relação da *crise das relações sociais* com as *crises existenciais da subjetividade*. Estudos atuais realizados por sociólogos traz a subjetividade como forma de investigação nas pesquisas sobre identidade e na análise dos aspectos sociais na contemporaneidade, diferentemente da sociologia clássica que relaciona o social ao econômico como forma simplificada de pensar as relações sociais.

Ao falar da *crise antropológica*, termo utilizado por Dubar (2006) bastante adequado e amplo para denominar a crise da identidade social, o autor se refere “ao tipo de crise que afeta, ao mesmo tempo, os comportamentos econômicos, as relações sociais e as subjetivas individuais”. (Idem, p.15). Para ele, existem duas formas sociais ou identitárias: comunitárias que se refere ao eixo relacional e societárias referente ao eixo biográfico/histórico.

As várias articulações surgidas da dualidade encontrada na identidade social em relação aos processos relacional e biográfico são definidas pelo mesmo autor como *categorias de análise da identidade*, ilustrada na tabela abaixo:

Quadro 1 - Categorias de análise da identidade

Processo relacional	Processo biográfico
Identidade para o outro	Identidade para si
Atos de atribuição	Atos de pertencimento
“Que tipo de homem ou de mulher você é” = dizem que você é	“Que tipo de homem ou mulher você quer ser” = você diz que é
Identidade – numérica (nome atribuído) – genérica (Gênero atribuído)	Identidade predicativa de Si (pertencimento reivindicado)
Identidade social “virtual”	Identidade social “real”
Transação objetiva entre - identidades atribuídas/propostas	Transação subjetiva entre - identidades herdadas

- identidades assumidas/incorporadas	-identidades visadas
Alternativa entre - cooperação – reconhecimento - conflitos – não-reconhecimento	Alternativa entre - Continuidades _ reprodução - Rupturas _ produção
“Experiência relacional e social do PODER”	“Experiência de estratificações, discriminações e desigualdades sociais”
Identificação com instituições consideradas estruturantes ou legítimas	Identificação com categorias consideradas atraentes ou protetoras
Identidade social marcada pela dualidade	

Fonte: Dubar (2005, p.142).

Articulamos também alguns enfoques teóricos em que podemos refletir sobre as experiências de formação e construção de saberes que fundamentam as narrativas de vida dos professores e analisamos a capacidade de autonomia desses profissionais em suas escolhas na execução de sua profissão, presentes na construção de sua identidade.

CAPÍTULO II –

FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE

1. FORMAÇÃO DOCENTE

Numa formação de professores, a experiência escolar anterior tem um papel predominante nas representações pessoais sobre a educação escolar. Tais representações, diz respeito aos professores, aos alunos, aos conteúdos de aprendizagem, as estratégias de ensino, revisitação dessas experiências, comparação com suas práticas atuais ou com situações de aprendizagens que estão sendo planejadas.

Como é possível elaborar novas propostas sobre a formação de professores e que possam nos levar às transformações necessárias ou emergentes nas práticas educativas?

É preciso encontrar meios para viabilizar a formação permanente, valorizando um conhecimento imprescindível para a prática docente – o saber constituído na práxis. Também é necessário considerar o professor como um profissional autônomo que desenvolve o seu conhecimento no próprio processo de construção e reconstrução de sua prática reflexiva. Tal enfoque vem permitindo aos professores trazer suas experiências vividas e a relação destas com sua prática docente, o que eles puderam incorporar em sua sala de aula além dos referenciais teóricos estudados no curso de licenciatura, suas concepções em relação a seus alunos, a outros professores, as famílias, a sociedade, a eles próprios, enfim, aos modelos que lhes foram ou são significativos em sua trajetória e que constituem sua identidade como profissional de educação. Assim, os professores precisam se apropriar dos saberes que trazem, exercendo com autonomia, suas atividades pedagógicas.

Baseado também em reflexões e originado do seu trabalho de investigação, Moita (1995, p.115) sintetiza o seguinte:

“O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e

reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação”.

Assim, Moita (1995) nos convida a compreender as relações que vão sendo construídas, como um processo formativo incessante de trocas, aprendizagens e interações. A autora define interação, a relação transformadora entre as variadas dimensões e/ou espaços de vida, sejam eles de formação profissional ou de formação pessoal, levando a esta última um sentido mais amplo da palavra a qual ela relata como os *universos socioculturais*.

Por sua vez, Nóvoa (1995) nos situa historicamente relatando que é na década de 90 que o foco do sistema educacional se dá pela formação continuada dos professores. Ele coloca este fato como um grande desafio na educação contemporânea, porque não está apenas em capacitar os professores, mas também em prepará-los para desenvolver outras funções dentro de um contexto diferente e “novo” na visão da profissão docente. Pontua a necessidade de reconhecer as faltas e as falhas nos programas de formação para assim resignificar o que pensamos sobre a formação de professores.

“A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”. (Nóvoa, 1995a, p.25)

Para nós, essa definição do conceito de formação na busca da “autoformação” encontrado na citação de Nóvoa (Ibidem), é a que melhor nos parece responder às necessidades do professor reflexivo no atual panorama de educação. No contexto da formação continuada de professores dentro da escola, ao supervisor cabe o papel de contribuir, junto ao professor, para a melhoria de seus trabalhos profissionais e conseqüentemente para a formação continuada dos docentes. Partindo dessa afirmativa:

“...o supervisor não é mais aquele sujeito que possui um “superpoder” de assessorar, acompanhar, controlar e avaliar o trabalho que os professores realizam nas escolas, mas aquele que constrói com os professores seu trabalho diário”. (Medina, 1997, p.21).

Entende-se assim como definição de supervisão, na visão de Alarcão (1987) e Tavares (1987) que, o professor mais conhecedor e habilitado tenha a possibilidade ou autonomia de direcionar, nortear, outro professor em seu percurso e desenvolvimento profissional, num processo mútuo de aprendizagem.

1.1.Saberes experienciais

Tardif (2007), em seu livro “Saberes Docentes e Formação Profissional” defende que os saberes do professor (o quê e como ensinar), são construções sociais que dependem intimamente da sua própria história, da história de uma sociedade, da sua cultura, das hierarquias predominantes na educação, que se constroem ao longo de sua vida profissional e que aos poucos amadurecem no exercício de sua prática educacional. Coloca o *saber experiencial* como fundamental na constituição da competência profissional e dos fundamentos da prática docente.

Repensar então, o verdadeiro lugar que os *saberes experienciais* ocupam no campo educacional é poder pensá-los como conteúdos essenciais no processo de formação do professor. Diante disso:

“Os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais; são, ao contrário, formados de todos os demais, mas retraduzidos, “polidos” e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência”. (Idem, p.54).

Sendo assim, faz-se necessário refletir, numa relação dialética, sobre o lugar dos docentes como produtores de saberes advindo de sua prática e que poderiam ser reconhecidos, dentro da esfera acadêmica, por outros grupos também produtores de saberes. Tardif (2007) faz uma provocação em relação à criação de um novo profissionalismo e coloca como condição básica que os professores devem falar o que pensam sobre o currículo e as disciplinas e principalmente sobre sua própria formação profissional, só dessa forma os *saberes experienciais* serão valorizados para a sua profissionalização.

Partindo da formação docente Demailly (1995), identifica seis saberes profissionais que podem ser formalizados, que se enumeram:

1. Competências éticas
2. Saberes científicos e críticos
3. Saberes didáticos
4. Competências *dramáticas* - definidas pelo autor como a improvisação, o que nunca se repete (Idem, p.153) e Competências relacionais
5. Saberes e saber-fazer pedagógicos
6. Competências organizacionais

Ela aponta também que diante da necessidade que o professor tem de mudança, de novas elaborações de suas propostas faz-se necessário que ele sofra algum tipo de pressão, seja para atender as necessidades dos alunos, para a descoberta de novos conhecimentos ou pela sua disponibilidade em lidar com o novo, a mudança.

É preciso desenvolver no professor o querer, a vontade de mudar levando-o a um *desenvolvimento pessoal* para o alcance de um desenvolvimento profissional.

Nóvoa faz referência a Goodson (1991, cit. por Nóvoa, 1995) que defende a valorização das práticas docentes e de suas vidas na construção de identidade enfatizando a importância das mesmas na construção do próprio saber. Desta forma, Dominicé (1990) intensifica e amplia esse pensamento:

“Devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber activamente ao longo do seu percurso de vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interactiva e dialógica”. (Dominicé, 1990, pp. 149-150, cit. por Nóvoa, 1995a)

2. EVOLUÇÃO DO ENSINO: CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO MUNDIAL

Compreender como vivem outras sociedades, indo além de uma perspectiva individualista, singular, é uma das principais necessidades, hoje em dia, de vários países. Isso é um grande desafio para os diferentes setores de uma sociedade, inclusive o educativo (Tardif e Lessard, 2008). Para isso, faz-se necessário entender o ontem para construirmos o amanhã, ou seja, fazer uma viagem histórica sobre o ensino e sua evolução.

Em artigo, Pereira, Carolino e Lopes (2007), apresentam um trabalho como resultado de uma pesquisa desenvolvida em Portugal, através da análise documental a cerca da temática da formação inicial e da identidade profissional docente do 1º CEB (Ciclo do Ensino Básico) nas últimas três décadas do século XX. Apontam que houveram transformações consideráveis no decorrer desse período, a respeito do currículo de formação inicial dos professores do 1º CEB. Afirmam que essas mudanças indicam um diálogo claro entre as propostas curriculares e as dimensões sociais, políticas e culturais.

Tardif e Lessard (2008), no livro *O Ofício de Professor (história, perspectivas e desafios internacionais)* fazem uma correspondência da evolução do ensino com as transformações ocorridas na sociedade, apontando a proporcionalidade entre a complexidade de uma sociedade, com a da profissão de ser professor. Considera-se hoje, fundamental que os professores se constituam em verdadeiros profissionais. Falar de formação docente é falar de profissionalismo. Mas o que se entende por verdadeiros profissionais? Ao longo do texto teremos oportunidade de compreender melhor essas questões, a partir da reunião, que os autores fazem, de pesquisadores internacionalmente importantes no estudo da formação de professores sobre os vários olhares nas diferentes sociedades do mundo. Assim, podemos constatar marcas em relação às dificuldades atravessadas pelos professores e que a partir dos anos 80 e com maior importância no início dos anos 90, começam a apresentar transformações significativas.

Darei alguns exemplos das dificuldades, tensões e mudanças, apontadas por esses autores e que mostram um panorama mundial na evolução do ensino.

Fazendo uma abordagem histórica da educação, atravessando o tempo através da sua evolução, o ensino ocupava um lugar de pouca valorização e remuneração. No passado, as pessoas não precisavam ter uma boa formação e o nível de exigência, quanto à profissionalização, era muito baixo. Mas o que mudou comparado aos tempos atuais? O que será que realmente evoluiu provocando transformações na profissão de professor?

Tardif e Lessard (2008) mostram em seus estudos que, só a partir da segunda guerra mundial, aproximadamente há 50 anos, o ensino tem evoluído para um lugar diferente, um lugar de maior modernização, valorização e de maior formação acadêmica (universitária). Essa evolução ocasionou e ocasiona transformações na própria profissão de professor, influenciando em suas carreiras e em sua identidade profissional. O ensino é, portanto, considerado hoje uma atividade, como já foi dito anteriormente, repleta de desafios e que exige competências complexas, envolvendo diversas áreas do conhecimento, bem como áreas da vida social. Os autores, afirmam que a profissão docente exige uma atividade profissional com níveis bastante altos de cobrança em relação às variadas competências “tanto das necessidades dos alunos quanto das exigências da vida escolar e social”. (Tardif e Lessard, 2008, p. 9). Eles descrevem outras transformações na profissão docente, chamam atenção para a aposentadoria de em média 30% a 40% dos agentes escolares norte americanos, britânicos e franceses, levando a pensar na renovação desses docentes como difícil tarefa diante da complexidade da profissão. Em relação às várias dificuldades encontradas, o que vem

causando, por exemplo, nos Estados Unidos, o abandono da profissão logo no início da carreira, leva a uma lenta e difícil absorção de uma nova geração de professores. Na Inglaterra, Robert Moon (2008, cit. por Tardif e Lessard, 2008), comenta sobre a perda de credibilidade da profissão docente e a falta de renovação dos professores a partir do conservadorismo da era Thatcher.

“As próprias bases da formação escolar se tornam então problemáticas, enquanto os conteúdos e os modos de conhecimento que os professores devem apresentar aos alunos se revelam incertos, contestáveis e contestados. ...A “sociedade do saber” parece querer estruturar-se marginalizando e excluindo da sua dinâmica de crescimento uma porção importante da população, e notadamente uma parte importante das jovens gerações”. (Tardif e Lessard, 2008, pp. 11-12)

A situação no Brasil não é muito diferente, alguns estudiosos são movidos a desenvolver suas pesquisas em decorrência do cenário de insatisfação, desvalorização da profissão docente, na busca de compreender as aberturas e limites da profissão, as múltiplas significações correspondentes ao trabalho do professor e que leva ao discurso sobre o “*status* do ensino”, ou seja, tentar entender o que é a profissão docente e o lugar social que ela ocupa.

“Considerando-se que as transformações do estilo de vida acabaram atingindo a subjetividade e a sociabilidade desses agentes sociais, a imagem pública dos professores e das professoras, quando comparada com as das décadas passadas, aparece como problemática, pois, ao lado da representação social de pessoas pouco competentes ou pouco qualificadas para o exercício da profissão, o imaginário social atual ainda está fundado na retórica da missão, do sacerdócio e da vocação, arquétipo que impregna fortemente a história desse grupo profissional”. (Lelis, 2008, p. 59).

Parece-nos assim, que o panorama educacional em relação à valorização e remuneração não evoluiu muito no decorrer dos tempos. Nos foi possível constatar essa realidade mais de perto através da análise dos discursos das professoras entrevistadas quando relatam essas condições da profissão como verdadeiros entraves da mesma.

2.1. Situação atual dos professores

Ao longo da história da educação, poucas foram as oportunidades dadas aos professores para que se manifestassem sobre suas práticas pedagógicas, no entanto, são frequentemente responsabilizados pela má qualidade do ensino. Várias ações institucionais

vêm sendo introduzidas no universo escolar: propostas curriculares, planos educacionais, sistemas de avaliação, entre outras. Os professores não têm opinado a respeito, como se fossem profissionais incapazes de manifestarem-se sobre o que os afeta diretamente.

O que se tem visto é a escassez de profissionais com boa formação atuando nas escolas em geral. A falta de uma formação de qualidade, focada na realidade social, onde os professores possam fazer pontes de suas práticas com o que é proposto nas universidades, compromete significativamente o desenvolvimento do processo criativo e reflexivo que poderia estar acontecendo nas escolas básicas. Delatam assim, professores despreparados para um ensino consciente, crítico e correspondente com a realidade. Essa relação entre o processo de construção do conhecimento e a formação ou papel do professor na escola, acarreta um processo de ensino-aprendizagem desvinculado do mundo contemporâneo.

Tal situação talvez possa ser explicada pelo fato de que a educação, por muito tempo, norteou-se pela racionalidade técnica, que concebe o exercício profissional como uma atividade meramente instrumental, voltada para a solução de problemas através da aplicação de teorias, métodos e técnicas. É fundamental discutir como ocorre a formação em serviço – viabilizada por políticas públicas – para melhor compreensão de como o professor está sendo preparado, ou não, para o desempenho de sua prática docente.

2.2. Uma visão diferente de formação profissional

Vivendo numa sociedade marcada por diferenças de classe, gênero, cor, raça, etnia e outros, é fundamental a reflexão sobre a dimensão política do ato educativo. Giroux (1997, p. 161) defende a idéia de que o trabalho docente é um trabalho intelectual e não puramente instrumental ou técnico, argumentando que, se “nós dignificamos a capacidade humana de integrar pensamento e prática, [...] destacamos a essência do que significa entender os professores como profissionais reflexivos”. Assim, diz ele: “é preciso encarar os professores como intelectuais transformadores”, o que significa conferir à docência essa dimensão política.

Convergindo para a mesma ideia defendida pelos autores estudados e aqui já referenciados, acreditando positivamente na participação e contribuição dos professores nas análises dos currículos escolares, Goodson (1995) levanta alguns pontos que deixam claros a

necessidade de considerar as histórias de vida dos professores. Os *incidentes críticos*, assim nomeados pelo autor, são uns desses pontos por quais passam os professores. Ele faz uma constatação sobre a consistência dos discursos dos professores relacionando suas próprias vidas com sua prática educativa. Chama a atenção e até considera injusto o fato de que, ouvir a voz dos professores não tenha sido considerado, durante tanto tempo, algo relevante para os investigadores. Outro ponto fundamental, levantado por ele, é considerar de grande valor para a constituição da própria história do professor, o ambiente e sua origem sociocultural além das suas experiências de vida no exercício da prática profissional. O “estilo de vida”, suas identificações e culturas, fazem uma diferença significativa para o desenvolvimento de seu processo educativo na relação com sua identidade pessoal.

Lelis (2008), aponta a necessidade de se construir políticas públicas voltadas para a valorização do ensino em seus vários sentidos e significados.

Considerando que esse estudo tenha sido realizado no âmbito de uma escola pública, tomo como base de referência as reflexões de Nóvoa (2008), que tem como grande desafio, a tentativa de entender sobre o “fim da educação” e sobre a escola.

O autor levanta a necessidade de renovar o “espaço (social) público da educação” (Nóvoa, 2008, p.225) e sugere a necessidade de resgatar o movimento associativo, onde a escola não seja mais o lugar só de especialistas (pedagogos, psicólogos, médicos, etc.), mas também o espaço das famílias e comunidades atuantes na gestão escolar.

De forma complementar, propõe pensar a escola como um espaço social *democrático* que interaja simultaneamente com outros espaços (*cultura, comunicação, arte e ciência*), descentralizando da escola o poder absoluto do ensino, sem considerá-la como única forma de aquisição do conhecimento.

Uma terceira e última sugestão, Nóvoa (2008) faz em relação ao lugar do saber. É preciso combater o lugar de desvalorização que o saber ocupa, pensando-o através de uma visão contemporânea, como algo novo, amplo e complexo na relação de ensino-aprendizagem.

A partir dessas considerações, ele acredita na necessidade de mudar as propostas de formação docente e propõe o desenvolvimento de três “famílias de competência”: *saber relacionar e saber relacionar-se* em relação ao *dilema* da comunidade; *saber organizar e saber organizar-se* em relação ao *dilema* da autonomia; *saber analisar e saber analisar-se* em relação ao *dilema* do saber (Nóvoa, 2008, p.228)

“... os docentes são, ao mesmo tempo, objetos e sujeitos da formação. É no trabalho de reflexão individual e coletivo que eles encontrarão os meios necessários ao desenvolvimento profissional”. (Ibidem).

Para se pensar em um verdadeiro desenvolvimento profissional, faz-se necessário uma formação de qualidade numa perspectiva do trabalho individual do professor somado ao coletivo docente. Nóvoa (1995) afirma que a formação deve atuar na promoção de professores reflexivos-críticos, de suas práticas e no contexto de sua profissão, assim:

“A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas”. (Nóvoa, 1995a, p.27).

Quando Nóvoa (1995) aponta a importância do desenvolvimento organizacional ele remete a inovação das escolas e do sistema educativo. Ele afirma, porém que se deve criar uma nova “cultura da formação de professores” pelas escolas de ensino superior a partir da necessidade de trocar e somar experiências entre essas instituições afastando a falta de ação dos atores de educação. Segundo Popkewitz (1995, p.37), em relação à reforma do ensino: “Palavras como reflexão e poder de decisão dos professores são uma referência contínua na planificação e nas práticas da reforma”.

Portanto, para falarmos de mudança no sistema educativo precisamos colocar a formação de professores como ponto central dessa discussão, repensando o modelo atual, apoiado pela racionalidade técnica e refletindo sobre as novas propostas acima descritas.

Dentro de uma perspectiva de obtenção da qualidade do ensino, Garcia (1995) destaca alguns aspectos necessários para a formação de professores. O primeiro refere-se as inter-relações entre a formação inicial e a formação continuada de professores, chama a atenção para o conceito de *desenvolvimento profissional* como *evolução e continuidade*. Deixa claro que a formação inicial não pode ser responsável ou dar conta de profissionalizar o professor, mas sim todo um processo profissional percorrido ao longo de suas carreiras. O outro aspecto é como alguns autores, assim como Garcia (1995), designa por *indagação-reflexão*, estratégia utilizada com os professores para facilitar a reflexão a respeito da problemática educacional que vai além dos limites da sala de aula. A reflexão, portanto, é um instrumento na relação ensino-aprendizagem bastante utilizado na atualidade em formação de professores. Donald Schön foi o maior responsável em difundi-lo propondo o conceito de

reflexão-na-acção que em relação a uma nova visão sobre a profissão docente, ressalta a importância do professor em aprender através da análise e interpretação da própria prática.

“O movimento crescente no sentido de uma prática reflexiva, cujas origens remontam a John Dewey, a Montessori, a Tolstói, a Froebel, a Pestalozzi, e mesmo ao Emílio de Rousseau, encontra-se no centro de um conflito epistemológico. Nas Universidades a racionalidade técnica está a ressurgir. Simultaneamente, estamos mais conscientes das inadequações da racionalidade técnica, não só no ensino, mas em todas as profissões. Correm-se riscos muito altos neste conflito de epistemologias, pois o que está em causa é a capacidade para usarmos as facetas mais humanas e criativas de nós próprios”. (Schön, 1995, p.91)

Segundo citação de Gómez (1995), existem duas formas diferentes de explorar a problemática do profissional de educação. A concepção do:

“...professor como técnico-especialista que aplica com rigor as regras que derivam do conhecimento científico e o professor como prático autónomo, como artista que reflecte, que toma decisões e que cria durante a sua acção”. (Zeichner, 1983, cit. por Gómez, 1995, p.96)

Uma concepção não anula a outra, devemos ter um olhar sobre a atividade profissional docente como uma atividade *reflexiva e artística*, permitindo também a aplicação do conhecimento científico-técnico quando se fizer necessário. Um dos fatores fundamentais para ocorrer à aprendizagem é o professor ter a abertura e disponibilidade em suas atitudes, resultando em um processo de autodesenvolvimento na aplicação desse olhar.

Gómez (1995) aponta a necessidade de considerar o *pensamento prático* do professor nos levando a repensar o papel do professor na busca da profissionalização e o seu processo de formação na aproximação entre a prática e o conhecimento acadêmico.

É preciso que esse professor construa seu próprio caminho profissional, faça comparações, experimente, crie alternativas, tome suas decisões no enfrentamento dos problemas cotidianos em sua realidade, não só se apropriando, mas também indo além do conhecimento que vem da racionalidade técnica. “Na base desta perspectiva, que confirma o processo de reflexão na acção do profissional, encontra-se uma concepção construtivista da realidade com que ele se defronta”. (Schön, 1987, p.36; cit. por Gómez, 1995)

Zeichner (1993) nos chama atenção para que não basta discutirmos e elaborarmos teorias na visão do professor *practicum* (palavra utilizada por Schön, que advém do termo prática reflexiva) que traduz como os professores pensam sobre suas práticas em ação. É preciso que além das mudanças necessárias no currículo educacional temos que desenvolver uma politização da profissão docente e lutar por melhores condições em relação aos programas de formação. Assim ele analisa que:

“A politização crescente dos professores universitários associados ao *praticum* não poderá, por si só, resolver os problemas existentes nesta área, que exigem mudanças curriculares e organizacionais. Receio que, se não começarmos a confrontar activamente as realidades políticas do nosso estatuto marginal no âmbito mais vasto da educação terciária e a criticar a intervenção centralizadora do Estado na formação de professores, as nossas aspirações e esperanças continuem a ser frustradas. Dada a importância inegável desta problemática para a qualidade da formação dos professores, temos a obrigação moral e ética de apoiar esta corrente de acção à medida que caminhamos para um *practicum* dos anos 90”. (Zeichner, 1995, p.135).

CAPÍTULO III –

DESENHO METODOLÓGICO

1. METODOLOGIA

Estão incluídos na metodologia, o método, as técnicas, a experiência e a criatividade do pesquisador. Esta última qualidade atribuída ao pesquisador é essencial para o avanço das pesquisas. A ousadia de ir além das regras é considerada importante fator para o progresso das ciências que segundo Kuhn (1978) em seu trabalho emblemático, acontece com a quebra dos paradigmas, ou seja, levar as teorias e os métodos à discussão provoca o aparecimento de novos referenciais teóricos fazendo uma grande transformação na ciência. A habilidade de resolver problemas do “solucionador de quebra-cabeças”, termo utilizado pelo autor, motivará ao pesquisador solucionar o problema até antes não resolvido ou não melhor solucionado.

Moita (1995) elenca alguns pressupostos que nortearam sua pesquisa com base metodológica na abordagem biográfica, a partir da luz de alguns teóricos como: Dominicé (1985), Ferrarotti (1983), Nóvoa (1988) e Gaulejac (1989).

Segue abaixo uma síntese desses pressupostos que ajudaram a fundamentar também a minha pesquisa:

1. O “saber” precisa ser o discurso dos narradores (professores em formação);
2. É fundamental definir os eixos que delimitam o campo da investigação;
3. É preciso haver coerência entre o objetivo da pesquisa e o que é narrado;
4. Não generalizar as conclusões levando-se em consideração que cada história de vida é única
5. A qualidade da pesquisa depende da confiança e entrega que se estabelece entre as pessoas já que se trata de fazer memória de suas vidas
6. É importante a qualidade dessas relações estabelecidas, se pensarmos também na “garantia da correção metodológica”.
7. É necessário que os investigadores possam, através das identificações estabelecidas nos processos de formação, refletir sobre seus próprios processos formativos.

Moita coloca o plano pessoal no centro de sua análise como um projeto bastante amplo e composto por outros diversificados projetos, como por exemplo, o plano profissional.

Fazemos a partir de agora uma exposição das ideias de alguns estudiosos que comungam com as experiências de Moita, assim como entre eles, numa perspectiva qualitativa da pesquisa.

Para Minayo (2009), a pesquisa é imprescindível na atualização e sustentação do ensino em relação à realidade. Todo o trabalho de investigação surge a partir de um problema, de uma indagação ou dúvida sobre a vida cotidiana. A pesquisa qualitativa, especificamente nas Ciências Sociais não pode e nem deve ser quantificada, “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Idem, p.21).

Pimenta (2006), em suas pesquisas na formação e na prática dos docentes revela a importância da *pesquisa-ação* ressaltando o carácter *crítico-colaborativa* que a mesma tem e que mais tarde vai configurar-se *pesquisa-ação crítico-colaborativa*, segundo (Thiollent, 1994; Kincheloe, 1997; cit. por Pimenta, 2006, p. 38). Ela complementa que:

“A importância da pesquisa na formação de professores se dá no movimento que compreende os docentes como sujeitos que podem construir conhecimento sobre o ensinar na reflexão crítica sobre sua atividade, na dimensão coletiva e contextualizada institucional e historicamente” (Pimenta, 2006, p.27).

Ou seja, para a autora, ao mesmo tempo em que a pesquisa é desenvolvida para tentar compreender a realidade, também exerce a formação dos docentes.

Segundo Gonzaga(2006), a pesquisa ainda não conquistou um lugar sólido na formação acadêmica, fala que ainda não criamos uma cultura em relação a sua importância a partir das séries iniciais na escola, a qual é fundamental na formação dos alunos. Faz-se necessário pensar a importância da pesquisa na escola e seu papel indispensável no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Se partirmos da afirmativa feita anterior de que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*, o pesquisador, portanto, necessita ter o papel de questionador, capacidade de análise e está sempre atento a tudo que encontra ao seu redor. Assim como, ter a capacidade de fazer relações entre as teorias que sustentam sua pesquisa com a realidade estudada, procurando contextualizar e conceituar as descobertas e teorias de forma dialética. Para obtenção do sucesso da pesquisa qualitativa é necessário ter uma boa relação, mantendo a proximidade e interação entre o pesquisador e o entrevistado como condições fundamentais.

De acordo com as colaborações da investigação de Gonzaga (2006), apoiado nas contribuições de Taylor e Bogdam, listaremos algumas características fundamentais da pesquisa qualitativa, principalmente e especificamente o que se entende sobre a postura dos pesquisadores.

Partimos do princípio de que os pesquisadores devem ter uma postura de investigação flexível. Que possam analisar a realidade pesquisada do passado ao presente, tendo uma visão global das pessoas e situações. Eles precisam ser aceitos pelos entrevistados de forma natural, sem que haja algo forçado.

É fundamental que os pesquisadores qualitativos estabeleçam uma relação de identificação com as pessoas. Devem assumir uma postura imparcial, sem tender a fazer julgamentos prévios ou tecer opiniões próprias.

Todas as informações colhidas na investigação devem ser consideradas em seus pequenos detalhes pelo pesquisador. Os pesquisadores qualitativos devem manter a estreita relação com o “mundo empírico”. Tudo merece atenção aos olhos e ouvidos dos mesmos que precisam ser criativos e estimulados “a criar o próprio método” (Gonzaga, 2006, pp. 74, 75). Os métodos qualitativos aproximam os cientistas de seus entrevistados por possuir um caráter humanista.

Os diversos métodos apresentados na pesquisa qualitativa é uma das características inerentes a esse tipo de investigação e nos possibilita obter fatos da realidade com o objetivo de serem confrontados a partir do ponto de vista do próprio método. A investigação do tipo qualitativa nos permite fazer análises comparativas das informações alcançadas, cruzar dados, contrastar e validar os conhecimentos, conservando a “flexibilidade”. (Gómez, 1999; cit por Gonzaga, 2006, p.70)

Existem proposições de que a pesquisa quantitativa prevalece a pesquisa qualitativa por razões historicamente hierárquicas assumindo seu caráter “objetivo e científico” em diferenciação com o caráter “subjetivo e impressionista” da abordagem qualitativa. Apesar das diferenças entre esses dois tipos de pesquisa, acredita-se que as duas abordagens podem ser complementares sem que uma venha ser melhor que a outra. Segundo Minayo (2009), a diferença é da ordem da “natureza e não hierárquica”. Afirmo, mesmo causando polêmica entre as diferentes correntes teóricas sobre os dois tipos de abordagem, que mesmo opostas, elas se complementam e que dependendo da forma como tratadas, podem resultar numa rica produção de conhecimentos e tornar o estudo mais profundo.

Dentre as principais correntes teóricas, o *compreensivismo*, por exemplo, entende que as Ciências Sociais necessita compreender a “realidade humana vivida socialmente” (Minayo, 2009, p.23) trazendo como expressão maior a busca de significados e a subjetividade presentes na formação das relações humanas, valorizando os instrumentos da pesquisa qualitativa. A autora afirma que:

“...o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela”.(Idem, p.14).

Assim, classifica de forma bem didática, a pesquisa qualitativa em etapas que se complementam e se comunicam entre si. São estas a seguir: *a fase exploratória, o trabalho de campo e a análise e tratamento do material empírico e documental*.

Sem querer me aprofundar muito nessas fases, faço uma pequena explicação sobre cada uma delas e na sequência me detenho ao papel e postura do pesquisador.

Na *fase exploratória* é elaborado o projeto de pesquisa e preparado as condições para iniciar o trabalho de campo. O *trabalho de campo* é a exploração prática da realidade que segundo Lévy-Strauss (1975; cit. por Minayo, 2009), consiste no momento central da pesquisa qualitativa. Essa etapa é considerada, utilizando outras palavras, a alma da pesquisa, é o momento que o pesquisador se aproxima de seu objeto de estudo na busca de construir “um conhecimento empírico” fundamental para a pesquisa das Ciências Sociais. (Minayo, 2009, p.61). A última etapa que é a *análise e tratamento do material empírico e documental* trata-se de tentar compreender e interpretar a realidade pesquisada fazendo uma articulação com os estudos teóricos que fundamentam a investigação.

Quando se opta pela escolha da pesquisa qualitativa, Gonzaga (2006, p.71) se apoia nas ideias de Minayo (1994) e aponta que:

“é visível que o imaginário do sujeito pesquisado não pode ser quantificado, pois seu universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes correspondem a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Gonzaga (2009) fala em seus estudos metodológicos que Serrano (1998), através de suas reflexões sobre a pesquisa qualitativa, enfatiza que o educador pesquisador precisa se

deter fundamentalmente a prática na investigação de um problema e mudança da realidade, numa visão do homem como indivíduo pertencente ao social.

O uso da pesquisa qualitativa na educação já é bem antigo e pode ser percebido “desde a época da cultura grega, nas obras de Heródoto e Aristóteles” como disse Erickson (1973, cit. por Gonzaga, 2006, p.71).

Escolheremos as considerações de Bogdan e Biklen (1982, cit. por Gonzaga, 2006) como referencia para a análise histórica da pesquisa qualitativa em educação, os quais estabelecem quatro (04) períodos no decorrer de seu desenvolvimento. Segundo Gonzaga (2006), Gómez (1999) considera esses estudiosos uns dos que possuem os estudos mais importantes na contribuição científica da pesquisa qualitativa.

Faremos a seguir um breve caminho histórico com a intenção de situar esses períodos através dos tempos. O primeiro período compreende desde o final do século XIX até a década de 1930, quando surgiram as primeiras investigações qualitativas. Da década de 1930 aos anos de 1950, há uma queda de interesse pela perspectiva qualitativa. Por volta da década de 1960, que compreende o terceiro período, há uma transformação social e reaparecem os métodos qualitativos. O último e quarto período, que teve início nos anos 1960, é marcado pelo começo da pesquisa qualitativa realizada por pesquisadores procedentes da área de educação.

2. PERGUNTA DE PARTIDA

Relembramos a Pergunta de partida que constitui o fio condutor do presente estudo:
Qual a relação entre a construção de identidade e o processo de formação e profissionalização docente?

3. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Analisar a relação dos saberes do professor com o seu processo de construção de identidade, considerando a experiência profissional e pessoal e a formação contínua do docente.

3.2. Objetivos Específicos

O estudo tem como objetivos específicos:

- Analisar o perfil do professor formador na atualidade.
- Analisar o processo de construção de identidade do professor, levando em conta contextos de formação e de experiência profissional.
- Relacionar o ciclo de vida profissional docente com etapas vividas.
- Relacionar os saberes do professor com o processo de construção de identidade docente.

4. HISTÓRIAS DE VIDA COMO FONTE DE DADOS

Escolhemos as histórias de vida como método para nossa pesquisa por se tratar de uma investigação sobre a carreira dos professores. Tecemos uma rede de relações a partir de suas próprias experiências de vida desde sua infância até sua profissionalização, passando por um valioso processo de construção de sua identidade.

Sobre as histórias de vida Minayo (1999, p.53, cit. por Gonzaga, 2006, p.78) considera que:

“...sua principal função é retratar experiências vividas, mas também as definições dadas por pessoas, grupos ou organizações. Pode ser escrita ou verbalizada e compreende os seguintes tipos: a história de vida completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida; e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa num determinado setor da experiência em questão”.

As histórias de vida assim como outros métodos subjetivos de pesquisa constituem os estudos biográficos e quando utiliza os recursos orais fazem parte da história oral. Historicamente falando, a entrada da história oral no Brasil foi durante os anos 1970, a partir do Programa de História Oral do Centro de Investigação e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV), se intensificando a partir dos anos 1990 da concepção da Associação Brasileira de História Oral que foi em 1994, auxiliada pela divulgação de trabalhos na área e pelos seminários realizados.

Nóvoa e Finger (1988), assim como Minayo (2009) já citada anteriormente, acreditam que “As ciências da educação compreenderam de modo intuitivo a importância do método biográfico, que veio revelar não só um instrumento de pesquisa, senão também um instrumento de formação”. (Nóvoa e Finger, 1988; cit por Gonzaga, 2006, p.79)

4.1 A Entrevista como Instrumento de Coleta de Dados

Foi elaborado um guião de entrevista para auxiliar a pesquisa junto às professoras. Como se tratava de relatos sobre as histórias de vida pessoal e profissional e suas relações com seu processo de profissionalização, a pesquisa realizada foi de ordem ou de forma qualitativa.

As entrevistas foram realizadas com oito (08) professoras destinadas a investigar as fases de suas carreiras profissionais, distribuídas dessa forma: duas (02) professoras com sete (07) a dez (10) anos de carreira, três (03) professoras com onze (11) a vinte (20) anos de carreira, três (03) professoras com vinte e um (21) a vinte oito (28) anos de carreira.

Foi possível fazer reflexões a cerca de suas biografias, identificar lugares, situações ou acontecimentos importantes, pessoas de referência que influíram em suas vidas e escolhas profissionais.

Estar no papel de narradora de sua própria história, proporcionou a cada docente ter um distanciamento necessário para que, através da sua fala, pudesse analisar e compreender melhor o seu percurso profissional e as influências ocorridas nesse processo e que são imprescindíveis na construção de sua identidade.

Foram levantadas as dificuldades encontradas no ofício de ser professor, as quais não poderiam deixar de passar pelas questões sócio-políticas-culturais, assim como as possíveis alternativas (saídas) na questão de fundamental importância para a sociedade que é a

educação (ou o ato de ensinar). Sendo assim, foi possível redimensionar o entendimento de si mesmo, enquanto profissional, suas expectativas e anseios, oportunizando futuras escolhas.

Ao longo da investigação e do que vai sendo dissertado, incluímos trechos dos relatos narrados pelas professoras afirmando as ideias, hipóteses ou análises levantadas pelo pesquisador e subsidiadas pelos autores em questão.

Inicialmente obtivemos uma conversa informativa com a diretora da escola, esclarecendo nossa intenção de estudo a partir do tema proposto: “Profissão Professor: conexões entre histórias, saberes e identidades”. Organizamos junto a ela uma listagem das nove (09) professoras existentes correspondentes aos turnos da manhã e tarde.

Somente foi possível acontecer à realização das entrevistas com o auxílio das estagiárias que se disponibilizaram para substituir as professoras em suas salas de aula nos momentos em que as mesmas se encontraram realizando as entrevistas. Podemos usufruir da sala da Biblioteca, por ser um ambiente fechado, climatizado e tranquilo para esses encontros. Para a realização das entrevistas, foi utilizado pela pesquisadora um gravador de voz e um guia base de questões que orientaram a fala das entrevistadas, possibilitando ocorrer uma conversa informal entre as mesmas e a analista.

A entrevista é uma das estratégias utilizadas pelo pesquisador no período do trabalho de campo, favorece a comunicação e a coleta de dados sobre uma determinada questão a ser pesquisada. Utilizamos para essa pesquisa a entrevista semiestruturada já que nossa metodologia é embasada nas histórias de vida. Esse tipo de entrevista “combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada”. (Minayo, 2009, p.64)

5. CONTEXTO DA PESQUISA

A população pesquisada pertence ao corpo de professoras de uma escola da rede municipal de ensino da cidade do Recife – PE, que atende crianças de baixa renda pertencentes às séries iniciais do Ensino fundamental (1º ao 5º ano). Esta mesma escola oferece no período da tarde o Projeto Mais Educação destinado às crianças que estudam no horário da manhã, com atividades extraclasse de dança, judô, letramento. Oferece também o Ensino para Jovens e Adultos (EJA) no período da noite para a comunidade local.

A escola fica localizada em San Martin, um bairro de subúrbio na cidade do Recife – PE e funciona num prédio dividido por duas unidades.

Tem uma boa estrutura física, apresenta manutenção satisfatória, composta por 05 salas de aula, 01 sala de informática (laboratório), 01 secretaria, sala da direção climatizada, 01 biblioteca também climatizada e bem equipada de livros, cozinha, refeitório, banheiros e um pátio com piso de cimento que fica na parte da frente do prédio da escola. As salas em sua maioria são amplas e bem arejadas, algumas são climatizadas.

Há distribuição diária de merenda nos intervalos da aula, assim como distribuição de material escolar, livros, mochilas, garrafas, fardamento completo incluindo meias e tênis, atendendo as necessidades da comunidade escolar.

6. POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

Huberman (1995), a quem nos baseamos nessa amostragem, fundamenta sua pesquisa “O ciclo de vida profissional dos professores”, estabelecendo um comparativo dos estudos clássicos dos ciclos de vida pessoal, especificamente focado nos professores do ensino secundário, identificando as fases transitórias na evolução e no processo de desenvolvimento de suas carreiras até então vistos somente no início delas ou na formação inicial.

Em nossa investigação tomamos seus estudos como referência, por acreditar na influência dos estágios particulares de vida que percorremos em nossa vida profissional. Isso nos ajuda a compreender o universo da profissão de professor.

Há na escola um grupo composto por nove (09) docentes no período da manhã e tarde, que subsidiaram a pesquisa, das quais uma amostra de oito professoras foi selecionada por se apresentarem disponíveis em participar da pesquisa naquela ocasião.

A forma de organizar a população em estudo com relação às categorias agrupadas aconteceu inicialmente de forma natural.

As professoras formaram três categorias pelo tempo de experiência em suas carreiras: de 07 a 10 anos; 11 e 20 anos e 21 a 28 anos.

Fizemos a escolha por utilizar codinomes com o objetivo de representar e preservar a identidade das professoras pesquisadas que são: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8.

Portanto, foi possível fazer uma classificação proporcional das categorias em se tratando das proximidades entre os tempos de experiência profissional, assim conseguimos organizar por esses conjuntos de professoras, tomando a média entre os dados informados em relação às idades e o tempo de carreira:

Primeira categoria – de 07 a 10 anos de carreira = 7 anos média
 (quant. professoras 02) de 44 a 49 anos de idade = 46 anos e $\frac{1}{2}$ média
Segunda categoria - de 11 e 20 anos de carreira = 16 anos média
 (quant. professoras 03) de 38 a 40 anos de idade = 40 anos média
Terceira categoria - de 21 a 28 anos de carreira = 25 anos e $\frac{1}{2}$ média
 (quant. professoras 03) de 48 a 55 anos de idade = 51 anos e $\frac{1}{2}$ média

Na tabela é possível visualizar de forma esquemática os dados das amostras coletadas:

Anos de experiências	07 -10 anos	11-20 anos	21-28 anos
Média de anos na carreira	07 anos	16 anos *	25 anos e $\frac{1}{2}$
Média das idades	46 anos e $\frac{1}{2}$	40 anos	51 anos e $\frac{1}{2}$
Quantidade de professoras	02 professoras	03 professoras	03 professoras

Tabela2 – Amostra dos professores selecionados tendo como critérios de inclusão anos de experiência, tempo de serviço e idade.

*Uma dessas professoras tem 12 anos de carreira, mas apenas 03 anos na rede municipal.

7. INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Considerando a Análise e Interpretação de Dados como etapa final da investigação, Gomes (2009) alerta que se não forem suficientes às informações coletadas, deveríamos voltar ao campo e complementar os dados pesquisados, ou se emergir dados novos no campo, inesperados, que não tínhamos levantado referenciais teóricos de sustentação a respeito desse novo, teríamos que buscar outras leituras bibliográficas que nos fizessemos compreender melhor a realidade.

Quando partimos para análise propriamente dita dos pontos comuns encontrados através das informações dos entrevistados, tanto poderemos observar pontos congruentes como divergentes. Dessa forma, “sempre haverá diversidade de opiniões e crenças dentro de um mesmo segmento social e a análise qualitativa deve dar conta dessa diferenciação interna aos grupos” (Gaskell, 2002; Gomes et al., 2005; cit. por Gomes, 2009, p.80)

O tratamento dado à produção de discurso das entrevistas foi realizado no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) na linha francesa que privilegia os sentidos que emergem da produção discursiva.

O discurso é o veículo através do qual o homem, como ser que tem a condição de “significar e significar-se”, retrata a realidade social possibilitando transformá-la e transformar-se ou permanecer em um mesmo movimento.

A Análise de Discurso (AD) teve seu início nos anos 1960 e tem como objeto de estudo o próprio discurso. No Brasil é representada por Eni Orlandi, grande pesquisadora no mundo acadêmico responsável por difundir-la. A Análise de Discurso (AD) é formada pela relação de três áreas do conhecimento: a Psicanálise, o Marxismo, a Linguística. Na citação abaixo a autora descreve as principais contribuições dessas áreas para a Análise de Discurso (AD), sem se colocar a serviço delas e entendendo as limitações existentes em cada uma.

“Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história”(Orlandi, 1999, p.19).

A Análise de Discurso (AD) é o estudo da língua como produtora de significados possibilitando a análise para além do que é dito. Assim se difere da análise do conteúdo a qual faz uma análise interpretativa do que significa o texto. Para a autora (Idem, p.18) a Análise de Discurso (AD): “produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela concebe em sua discursividade”. Desta forma, a escolhemos para analisar, em nossa investigação, os discursos das entrevistadas através de suas histórias de vida.

A AD não para na interpretação vai além dela procurando entender o sentido que o texto produz. Não existem receitas nem uma verdade absoluta que possa ser vista através do texto. O analista precisa compreender e analisar os gestos de interpretação existentes nos

textos se utilizando de mecanismos próprios. É de sua competência criar as questões que darão início a análise, o objetivo da mesma e a natureza do material analisado. Faz-se necessário estar atento para perceber aquilo que o texto produz e tudo o que a sua volta faz sentido. A memória tratada no contexto do discurso é tida como interdiscurso. O interdiscurso, por sua vez, é algo que já foi dito e esquecido, retorna fazendo sentido ou com um significado próprio daquela situação discursiva. Para a autora o interdiscurso assim como o intertexto “mobilizam” as “relações de sentido”,

“...no entanto o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso”.(Idem1999, p.34)

A formação discursiva (FD) “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. A autora complementa e “define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determine o que pode e deve ser dito”. (Idem, p.43)

Orlandi (1999) nos chama atenção para o que não é dito o qual tem relação com o dizer e que deve ser levado em consideração como método para análise. Em seu livro *Análise de Discurso* (1999) ela cita O. Ducrot (1972) como trabalho de referencia do não-dizer, o qual vem sendo motivo de estudo de alguns estudiosos da área de Linguística:

“Distinguindo, na origem de sua reflexão, como diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido)” (Idem, p.82).

A autora lembra que existe outro modo de se pensar o não dito na análise de discurso. Referindo-se ao silêncio, aponta o mesmo como um discurso que vai além do não-dito (Orlandi, 1993, cit.por Orlandi, 1999). “Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. (Ibidem)

CAPÍTULO IV-

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As entrevistas foram realizadas a partir de dias previamente agendados, utilizamos o gravador como recurso. Em momento posterior as entrevistas foram transcritas para procedermos às análises do discurso (apêndice III). Do produto das entrevistas surgiram as cinco formações discursivas (FD) descritas abaixo e que compõem a dissertação, representando a produção de discursos das oito (8) professoras entrevistadas.

1. Formações Discursivas (FD):

- Perfil das entrevistadas e fases do ciclo de vida profissional
- Experiências de vida
- Identidade Profissional
- Percurso de formação
- Entraves da Profissão

1.1 Formação discursiva: Perfil e Fases do Ciclo de vida das Entrevistadas

P1 –

P1 tem 49 anos de idade e 07 anos de experiência profissional, é separada e tem uma filha de 16 anos. Encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em Pedagogia.

P2 –

P2 tem 38 anos de idade e 12 anos de experiência profissional, é divorciada e tem um filho. Assim como P1, encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi no Magistério, em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia.

P3 –

P3 tem 44 anos de idade e 07 anos de experiência profissional, é solteira. Assim como P1 e P2 encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi no Magistério, Licenciatura em História e especialização em Coordenação Pedagógica.

P4 –

P4 tem 40 anos de idade e 19 anos de experiência profissional, é casada e tem um filho de 04 anos. Assim como P1, P2 e P3 encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi Magistério, graduação em Serviço Social e mestrado em Política Educacional Planejamento e Gestão da Educação.

P5 –

P5 tem 40 anos de idade e 20 anos de experiência profissional, é casada e tem um filho de 05 anos. Assim como P1, P2, P3 e P4 encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi Magistério, Pedagogia e especialização em Psicologia Cognitiva.

P6 –

P6 tem 48 anos de idade e 28 anos de experiência profissional, é divorciada e não tem filhos. Encontra-se na fase de serenidade e distanciamento afetivo. Sua formação profissional foi Magistério, Pedagogia e especialização em Supervisão Pedagógica.

P7 –

P7 tem 52 anos de idade e 23 anos de experiência profissional, é separada e tem três filhos, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino. Assim como P1, P2, P3, P4 e P5 encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia e atualmente está cursando uma especialização em Coordenação Pedagógica.

P8 –

P8 tem 55 anos de idade e 25 anos de experiência profissional, é casada e tem três filhos Já adultos, uma do sexo feminino e dois do masculino. Assim como P1, P2, P3, P4, P5 e P7 encontra-se na fase de diversificação e está entrando na fase de serenidade e distanciamento afetivo. Sua formação profissional foi Magistério, Pedagogia e especialização em Fundamentos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pontos Comuns encontrados durante a análise e discussão dos resultados

A faixa etária de maior predominância entre as entrevistadas foi de 41 a 50 anos com o total de 05 professoras, seguida das idades entre 51 a 60 anos com 02 professoras e por último na faixa etária entre 31 a 40 anos com 01 professora. Nota-se que é relativo a relação feita entre a idade e o tempo de carreira. A professora que apresenta a maior idade 55 anos, não é a que tem mais tempo de carreira (25 anos), a que tem o maior tempo (28 anos), tem 48 anos de idade. Duas (02) professoras com faixa etária mediana em relação às outras e que apresentam idades de 44 e 49 anos, são as que têm menos tempo de carreira.

Com relação a sua formação profissional, sete (07) professoras são pós-graduadas, seis (06) especialistas e uma (01) mestra, apenas uma (01) não possui especialização, o que caracteriza assim, um grupo com um bom nível de escolaridade, conhecimento e criticidade em se tratando da profissão docente. As entrevistadas apontam no quadro (2), que existem hoje muitos incentivos e oportunidades oferecidas pela rede pública para galgar os caminhos da profissionalização.

Perfil das Professoras Entrevistadas

Perfil das professoras	
Professoras	Depoimentos
P4	“Entrei no mestrado, fiquei licenciada da prefeitura durante o curso e pra mim foi uma coisa maravilhosa. Foi uma coisa muito boa que fiz, no momento certo da minha vida, porque hoje eu tenho esses dois vínculos na prefeitura”.
P7	“Hoje em dia a gente tem muitas formações, a rede dá abertura e condições para o professor se especializar a cada dia e melhorar a sua prática”.
P1	“No ano de 2010 eu terminei uma especialização que foi a prefeitura que proporcionou pra gente. O MEC oferece formação de professor, coloca educação a distancia, curso de extensão, até mesmo pós-graduação, tudo isso é importante. Eu faço os cursos de formação continuada que a rede proporciona”.

Quadro 2: Depoimentos das professoras na FD “Perfil das professoras”

Fonte: Entrevista realizada (2012)

Isso delata um nível de preocupação e exigência da sociedade contemporânea necessária para atender as demandas educacionais atuais e sociais em termos dos avanços tecnológicos e de atualização do mercado de trabalho. Foi observado entre os discursos das professoras que havia também uma conveniência em adquirir a titulação por interesse de aumento salarial.

O corpo docente da escola é composto só por mulheres, assim como o corpo técnico e administrativo, somente o porteiro, o zelador e o instrutor da informática são homens que representam esse universo muito mais feminino do que masculino. O que é observado, é que esse não é um ponto exclusivo dessa realidade escolar, mas pertencente ao universo da educação, principalmente na educação básica. Nos próprios discursos das entrevistadas elas relatam no quadro (3) que na época e cultura em que viveram não restava outra “profissão” para as mulheres a não ser o ingresso no magistério, que por muitas vezes se fazia de forma natural. Esses acontecimentos são enfatizados no comentário de Isabel Lelis (2008) sobre a profissão no Brasil sob uma visão histórica:

“Mais do que qualquer outra profissão, o ensino primário está historicamente associado ao imaginário social fundado no dom ou na aptidão que só as mulheres teriam de modo natural. (Lelis, 2008, p.60) (...) Fatores como uma certa familiaridade com o ofício, desenvolvida no interior de grupos de referência, o peso da

educação feminina, um número restrito de possibilidades no plano socioeconômico, a necessidade imediata de obter um emprego seguro num mercado de trabalho aberto e a conciliação entre o estudo e o trabalho”. (Lelis, 2008; Gatti et al.,1998; Lelis 2008, p. 60)

Estes são sem dúvida fatores que emergem das narrativas das professoras em pesquisa.

Perfil das professoras	
Professoras	Depoimentos
P4	“... cresci com aquela história de minha mãe ficar dizendo que formatura de moça pobre era o magistério”.
P7	“Eu tinha um marido meio rude e ele não aceitava que eu fizesse medicina, foi quando eu resolvi fazer o magistério”.
P8	“Há alguns anos atrás era comum quando ficávamos adolescentes íamos fazer magistério, minha irmã mais velha tinha feito então naturalmente eu fui para o magistério”.
P3	“Eu sou de uma cidade do sertão do Piauí, as meninas da cidade saíam para outra cidade maior para cursar a escola normal e fazer o magistério. Pra mim isso foi bem natural”...

Quadro 3: Depoimentos das professoras na FD “Perfil das professoras”

Fonte: Entrevista realizada (2012)

Quanto ao estado civil, quatro (04) são divorciadas ou separadas representando a maioria sendo que uma delas tem um companheiro com quem divide a casa. O quantitativo de professoras casadas que consiste em três (03), é bem aproximado com o ponto anterior e apenas uma (01) é solteira. A maioria tem filhos que varia entre um (01) ou três (03) a quantidade, somente a solteira e a que vive com um companheiro não têm filhos.

“A diversificação das formas de vida privada” é uma importante tendência que evidencia o processo de emancipação das mulheres. Assim, Dubar (2006) em seu livro *A crise das identidades* destaca abaixo essa e mais outras duas tendências que influíram historicamente nesse processo.

“O acesso das mulheres à autonomia, simultaneamente financeira, pelo trabalho assalariado, e sexual, pelo controle da procriação, a sua emancipação, mesmo lenta e relativa, dos constrangimentos da função doméstica e a sua descoberta, mesmo parcial e recente, de

novas formas de vida privada compõem um processo de emancipação histórico que constitui sem dúvida a maior revolução do século XX no Ocidente”. (Dubar, 2006, pp. 55, 56)

Em relação aos ciclos de vida e suas fases ou estágios, predominou a fase de diversificação com 07 professoras, sendo que uma delas encontra-se em transição para a fase de serenidade e distanciamento afetivo. Nesta última fase citada, apenas uma (01) professora se encontra totalmente nela. “Os professores nesta fase das suas carreiras, seriam, assim, os mais motivados, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma (oficiais ou “selvagens”) que surgem em várias escolas”, como diz Huberman (1989). A fase de serenidade e distanciamento afetivo é marcada, entre alguns estudos empíricos, pela confiança diante de seu trabalho (cf. Prick, 1986; Lightfoot, 1985; Rempel e Bentley, 1970, cit. por Huberman, 1995, pp.44, 45) e somada com o afastamento dos alunos de seus professores mais velhos, denunciando o “choque” de gerações, como acrescentam os estudos de (cf. Lightfoot, 1985; Prick, 1986, cit. por Huberman, 1995, p.45).

1.2 Formação discursiva: Experiência de vida (aspectos sociais e culturais)

A identidade social é, antes de tudo para a maioria dos sociólogos, semelhante à “categoria de pertença”. Para alguns estudiosos da sociologia, nos últimos vinte anos, “a questão da identidade tornou-se cada vez mais central nos seus trabalhos de investigação e implica a análise das relações *subjetivas* às categorias de identificação”. (Dubar, 2006, pp. 11, 12)

Com o sentido de fazer uma reflexão sobre a identidade social dos professores, (Lelis, 1996), desenvolveu sua pesquisa de doutorado com professoras primárias de escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro – Brasil, através da utilização das histórias de vida dessas professoras, na busca de revelar os processos que constituem o *habitus* profissional, ou seja, ao grupo social ao qual a classe pertence.

P4 –

Viveu sua infância e adolescência no interior, na região agreste. Sua família vivia uma vida simples, sem muitos recursos financeiros, mas como morava na zona rural, tinha facilidade

com alimentação e moradia, em aproveitar as riquezas naturais como o plantio e algumas criações de animais. Em contrapartida ela convivia com crianças também muito pobres.

P6 –

Teve uma infância muito boa apesar de ter sido castradora por causa da figura conservadora da avó. Ela era a filha caçula de 05 irmãs do primeiro casamento da mãe e teve mais três irmãs do segundo casamento, ou seja, era um total de oito irmãs mulheres, viviam em uma casa grande com muitas árvores, brincavam e eram bastante unidas. Sua mãe e seu padrasto trabalhavam para poder dar condições de estudo e as irmãs tomavam conta das crianças pequenas. Com 14 anos era metida na política e participava dos movimentos promovidos pela igreja católica, apesar de ser evangélica. Ela cresceu longe do pai e só mais tarde, na adolescência, o procurou e reencontrou-o, chegando a pagar sua faculdade. Manteve um bom relacionamento com o mesmo até seu falecimento. Hoje tem um companheiro.

P7 –

Sua infância foi muito boa e ativa, tinha a liberdade de brincar com seus colegas na rua. A sua fase de adolescente foi também especial. Casou-se muito nova, com dezoito anos, adquirindo responsabilidades desde muito cedo. Tem um neto de 08 anos.

P1 –

Desde quando era pequena, sempre gostou de ler, os livros eram sua companhia. Sua mãe era do interior, ficou viúva logo cedo e teve que ir trabalhar na inchada. Vivia em condições bem difíceis de vida. Sua mãe começava na roça às 04h da manhã e terminava às 05h da tarde e a noite se esforçava para estudar na intenção de mudar essa situação. Mais tarde sua mãe se casou com seu pai e até hoje ele é analfabeto.

P8 –

Morava em um bairro do subúrbio onde a maioria das pessoas era analfabeta. Teve uma infância de muita liberdade, morou numa casa com bastante espaço e muitas árvores. Era uma

família grande de nove filhos e sua mãe não tinha como manter o controle de tudo. Seus pais vieram do interior e por isso teve uma educação simples e brejeira. Casou-se aos 21 anos e aos 25 anos já tinha os três filhos.

P2 –

Oriunda de família simples, quando tinha 12 anos pediu a mãe para comprar um quadro de giz para brincar de escola com outras crianças da rua, que era sua brincadeira preferida.

P3 –

Nascida no interior, sertão do Piauí e pertencente a uma família de professoras, veio quando ela era adolescente, morar em Recife por necessidade políticas de seu pai que era oposição na época. Aos 17 anos, já em Recife, trabalhou como autônoma em outras áreas profissionais e ajudou a cuidar dos irmãos.

P5 –

Sua infância foi marcada pela separação de seus pais desde que tinha 02 anos de idade. Mantinha contato com o pai, mas não uma convivência diária como tinha com a mãe e a irmã, as quais aprenderam, desde muito cedo, a viverem entre si. Sua infância foi dentro de um apartamento brincando com sua irmã e não tinha muita liberdade. Ainda na época de colegial ela e sua irmã foram estudar em colégio interno durante 02 anos. Cuidavam dos afazeres da casa e dos deveres bancários, iam sozinhas para a escola enquanto sua mãe trabalhava e por isso amadureceram mais rápido. Teve uma época que cuidou do avô que era doente. Na adolescência tinham (ela e sua irmã) um grupo de amigos que às vezes faziam um passeio. Suas experiências se confundem com as de sua irmã, por viverem juntas as mesmas histórias de vida.

Pontos Comuns encontrados durante a análise e discussão dos resultados

Com relação à infância, P6, P7 e P8, respectivamente no quadro (4), tiveram uma infância muito boa, P7 e P8 viveram essa fase com grande liberdade. P6 e P8 viveram em casas grandes cercadas por muitas árvores. P7 brincava livre na rua com seus colegas. Em contrapartida com as demais, P5 quadro (4), viveu sua infância dentro de um apartamento, sem muita liberdade.

Experiência de Vida

Experiências de Vida	
Professoras	Depoimentos
P6	“Minha infância foi muito boa apesar de ter sido castradora, porque minha avó era muito castradora, mas nós tínhamos um espaço imenso, cheio de árvores para a gente brincar, ela não deixava ninguém brincar fora”.
P7	“A minha infância foi muito boa, naquela época eu podia brincar com meus colegas na rua, eu tinha mais liberdade do que as crianças de hoje em dia”.
P8	“Eu morei naquelas casas maiores com muito espaço, muita árvore, eu tive uma infância, nesse sentido, muito boa. A gente era completamente livre... Na verdade a gente resolvia pra onde ia, resolvia o que fazer, como brincar, os tempos eram outros”!
P5	“Basicamente a minha infância foi em casa, a gente não tinha muita liberdade, morávamos em apartamento, éramos donas de casa”.

Quadro 4: Depoimentos das professoras na FD “Experiências de vida”

Fonte: Entrevista realizada (2012)

Quanto às relações familiares, P6 e P8 narram no quadro (5) que pertencem a famílias grandes e suas companhias de brincadeiras eram seus próprios irmãos. Os irmãos mais velhos tinham o papel de ajudarem os mais novos com suas atividades de casa. Em contrapartida, P5 quadro (5), apesar de ter uma pequena família tinha uma relação de muita cumplicidade com a irmã.

Na abordagem dos “desafios identitários da família”, François de Singly (1996 cit. por Dubar, 2006 pp.70, 71), aposta nas relações implicadas na constituição da família contemporânea a qual considera como o lugar onde acontecem as elaborações individuais internas. Para ele a família tem como papel principal a “construção das identidades pessoais”.

Experiência de Vida

Experiências de Vida	
Professoras	Depoimentos
P6	“Eu era caçula de cinco (05) irmãs do primeiro casamento e do segundo ela (a mãe) teve mais três (03) filhas, somos oito (08) no total, só mulheres. Eu via todas elas estudarem... Elas me ajudavam nos meus trabalhos”.
P8	“Eram nove filhos e era muito difícil que alguém pudesse orientar... (...) mamãe era sozinha pra tomar conta da casa e dos nove filhos, então não tinha como ver o que a gente fazia”.
P5	“Meus pais se separaram eu tinha 02 anos, sempre foi muito assim, eu, minha mãe e minha irmã. (...) A gente ia e voltava da escola sozinhas, a escola era perto de casa, então a gente ia andando. (...) Brincava muito com minha irmã”.

Quadro 5: Depoimentos das professoras na FD “Experiências de vida”

Fonte: Entrevista realizada (2012)

Em relação às condições socioeconômicas familiares, P4, P6, P1 e P8, demonstram em suas narrativas no quadro (6), que viviam em situações financeiras difíceis, P4, P6 e P8 deixam claro que estudaram em escolas públicas e suas famílias migraram do interior, onde moravam de forma simples, em busca de melhores condições de vida.

“Apesar da complexidade do lugar social ocupado pelos docentes (...) se considerarmos suas origens familiares, é um movimento mais ascendente de suas trajetórias sociais e institucionais. Provenientes, em grande parte, de meios desfavorecidos, os professores e as professoras desenvolveram, ao longo de seus itinerários, estratégias de conquista de títulos escolares, à custa de uma renúncia e de uma austeridade em termos de estilo de vida, de uma *ascese*, no sentido em que fala Bourdieu”. (Nogueira, 1991, cit. por Lelis, 1996 pp. 56, 57)

Experiência de vida

Experiências de Vida	
Professoras	Depoimentos
P4	“... a maioria das crianças que estudava nessa escola, eram crianças que passavam fome, eram crianças que no outro horário estavam trabalhando na enxada, no roçado.

	Na outra escola na sede do município já era outra realidade, mas era uma escola que não é como hoje... Fardamento, material escolar, tudo quem tinha que comprar, era os pais”.
P6	“Nós morávamos em Tijipió (município de Pernambuco), eu estudava no Aníbal Falcão uma escola pública... Como o dinheiro era pouco, não tinha como pagar o cursinho... (...) meu pai disse que se eu fizesse ele pagava minha faculdade, então eu fiz”...
P1	“Minha mãe começava a trabalhar as 04h da manhã, encerrava as 05h da tarde e a noite colocava um candeeiro na cabeça, andava léguas para aprender a ler. Ela dizia que não ia morar ali, que as condições de vida eram bem difíceis, ela trabalhava na inchada, ficou viúva logo cedo e teve que ir trabalhar. ... Meu pai tem uma história de vida diferente, a mãe dele se separou, deixou ele com o pai e ele não teve condições de cuidar. (...) ele tinha toda uma resistência de aprender a ler, até hoje meu pai não sabe ler”.
P8	“... eram nove filhos e minha mãe me disse que eu precisava trabalhar. (...) Eu morava num bairro popular onde a maioria das pessoas não sabia ler, escola pública ainda era uma coisa escassa, mas minha mãe era persistente e dizia que a gente tinha que ir para a escola. (...) Meus pais vieram do interior, então a nossa formação foi um pouco interiorana, uma educação mais brejeira, um pessoal simples de visão pequena”.

Quadro 6: Depoimentos das professoras na FD “Experiências de vida”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

1.3 Formação discursiva: Identidade profissional

As relações que constituem a construção da identidade do professor são para Lelis (2008) como uma teia de histórias familiares, profissionais e sociais que se cruzam. Lelis (2008, cit. por Lelis, 1997), coloca em questão um ensino que não atende a demanda de alunos, as diferenças sociais e culturais e as transformações ocorridas em relação ao ensino e ao saber.

Nóvoa (1998, cit. por Tardif e Lessard, 2008) atribui para a imagem negativa dirigida aos docentes, a desvalorização social e o desprestígio da profissão advinda da democratização do ensino. Em contrapartida e de forma dicotômica, fala da imagem positiva que a sociedade reflete sobre a aposta dos professores na construção de “um futuro melhor”. Ainda hoje, há o reflexo da *imagem pública* da sociedade, que fundamenta a profissão de professor como uma *vocação*, um *sacerdócio*, uma *missão*, ilustrado no relato de uma das professoras (P8) entrevistadas no que representa ser professora para ela: “... você tem que entender que aquilo ali não é um sacerdócio, mas um trabalho. Você precisa desenvolver seu trabalho”.

Em suas elaborações reflexivas sobre o desenvolvimento do espaço público na preservação da educação ou das escolas públicas, já apontadas anteriormente por Nóvoa

(2008, pp. 218, 219), o mesmo propõe que se reconsidere “o trabalho e o *status* dos docentes”, o qual irá influenciar “na própria identidade da profissão docente”.

P4 –

Mesmo sua mãe sendo professora aposentada do estado e sua tia também tendo seguido a carreira de professora, ela fez sua graduação para Serviço Social na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Resistiu muito para se tornar professora, mas a influência da mãe foi algo inevitável. Sua mãe achava que o magistério era a única profissão que estaria ao “alcance” da filha. O que a fez “permanecer” na profissão foi sua acomodação em relação ao tempo.

P6 –

Tem uma irmã que também é professora e já aposentada. Teve uma professora na antiga 4ª série, que admirava muito e que espelhou o seu trajeto profissional. Tinha o sonho de ser advogada, mas as condições de vida levaram-na a um caminho mais fácil. Tinha passado por outros empregos, experimentado outras áreas profissionais, mas o que trazia mais prazer era ser professora, então ingressou no percurso de profissionalização na educação e hoje não se vê realizando outra atividade.

P7 –

Teve uma professora que lhe acompanhou desde a alfabetização até a 4ª série do antigo ensino fundamental e que foi muito “marcante” em sua vida. Narra que queria ser médica e não pensava em ser professora. Dividida entre a vontade de trabalhar com crianças e o impedimento de estudar medicina por causa do marido que não aceitava, ela fez pedagogia. Diz ter muito prazer em trabalhar como professora e se tivesse a oportunidade de escolher hoje uma nova profissão, escolheria a docência.

P1 –

Desde muito pequena sua tia dizia que ela iria ser professora, muitos anos depois sua profecia se cumpria. Recebera grande influência de seu avô que contava muitas histórias quando ela ia para o interior. Inicialmente queria fazer o curso de direito, mas como não conseguiu entrar, achou mais fácil ingressar na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) pelo curso de pedagogia. Sua intenção não era lecionar, mas obter um nível superior e realizar concursos públicos que não fossem os de professora. Terminou caindo de “paraquedas” na profissão docente.

P8 –

Mesmo tendo feito o magistério, não queria inicialmente ser professora. Trabalhou numa multinacional durante 07 anos antes de, circunstancialmente, seguir a carreira de professora. Já com seus três filhos nascidos, ficou difícil trabalhar o dia todo. Como alternativa, ela escolheu fazer o concurso da prefeitura e lecionava no período que os filhos estavam na escola. Se tivesse que escolher novamente uma profissão não escolheria ser professora.

P2 –

Tem duas tias que são professoras e desde pequena dizia que queria seguir essa profissão. Teve bons professores que lhe serviram de exemplo e incentivo em sua profissionalização. Apesar da família e vizinhos acharem que a profissão de professor não teria futuro, ela a escolheu mesmo assim por gostar e se identificar.

P3 –

Sempre pensou em ser professora, queria permanecer no interior e gosta muito da profissão. Sua avó era a primeira professora do município que morava e sua mãe também era professora de lá. Apesar da adoração pela profissão, em contrapartida “sofre” muito também. Com o passar dos anos adoeceu emocionalmente apresentando depressão, utiliza remédios, faz terapias e já teve “várias vezes” que pensou em desistir da profissão. Em virtude de ter

adoecido não escolheria por hipótese alguma essa profissão se tivesse que escolher uma nova carreira.

P5 –

Pela oportunidade que teve de não repetir o ano ao querer ingressar no antigo científico, fez a opção de cursar o magistério. Foi muito influenciada por seu avô que era um professor exemplar e bastante respeitado no meio escolar. Sua tia era também professora, mas ela reconhece que seu avô lhe serviu de maior exemplo em sua profissão. Escolheria novamente ser professora se tivesse que optar por uma nova carreira.

Pontos Comuns encontrados durante a análise e discussão dos resultados

Em relação aos modelos referenciais, de todas as entrevistadas, 06 (seis) delas (P4, P6, P1, P2, P3 e P5) receberam influências familiares como relatam no quadro (7), tanto porque pertencem ou pertenceram a carreira docente como foram exemplos que marcaram sua vida profissional e que produziram algum efeito sobre elas na escolha da profissão. P6, P7 e P2 receberam influências de professores que são lembrados como fortes modelos também de referência no quadro (7).

Identidade profissional

Identidade Profissional	
Professoras	Depoimentos
P4	“Minha mãe é professora, hoje ela tá aposentada, está atuando de novo com cargo comissionado na educação... (...) Eu tenho uma tia também... que a vida toda foi professora... (...) A influência da escolha da profissão foi basicamente a influência da minha mãe mesmo”.
P6	“... eu tenho uma irmã que também é professora, hoje é aposentada. Eu ia pra sala dela nos dias de festa e eu achava superinteressante. (...) A minha professora da 4ª série... Eu achava que ela era fantástica... Hoje eu entendo se foi bom para mim, é bom para meus alunos”.

P7	“Tive uma professora que foi desde a alfabetização até a 4ª série do fundamental. Essa professora foi marcante na minha vida, (...) ela sempre estava me ajudando a crescer como pessoa”...
P1	“Desde a minha infância que eu tinha uma tia que ela olhava pra mim e dizia que eu ia ser professora... (...) Eu tinha também um avô que contava histórias. Apesar dele não ser alfabetizado, quando a gente ia para o interior ele contava aquelas histórias, aqueles causos de Pedro Malazarte”...
P2	“embora na família tivesse pessoas que faziam pedagogia, magistério, então eu tinha essa vontade. (...) Tive professores bons, que nos incentivavam, faziam com que a gente acreditasse isso também conta muito pra postura do professor, pra profissão, embora que sacrificado”.
P3	“... minha avó que é a primeira professora do município, minha mãe era professora... (...) Pra mim isso foi muito natural, eu nunca nem pensei em fazer outra coisa porque eu queria muito ficar no interior”.
P5	“(…) Meu avô é professor, na época era aquele professor catedrático, bem respeitado, adorado, idolatrado pelos alunos, eu acho que o exemplo dele me influenciou, minha tia que é professora também”...

Quadro 7: Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

Mesmo que a maioria das professoras tenha a família como referência na docência, P4, P6, P7, P1, P8 e P5 não queriam ou não tinham inicialmente a intenção de ingressar na profissão como mostram no quadro (8). P4, P6, P7 e P1 desejavam seguir outra carreira, P4 inclusive, chegou a fazer sua graduação para Serviço Social. P6, P1, P8 e P5 deixam claro em seus relatos que enveredaram pela docência por via das circunstâncias de vida. Em contrapartida P2 e P3 sempre pensaram em ser professora quadro (8), foi uma escolha natural que se deu desde a infância.

Identidade profissional

Identidade Profissional	
Professoras	Depoimentos
P4	“... eu queria fugir dessa coisa da área de educação. (...)... aí foi quando eu fiz o vestibular para serviço social... (...) Ela achava que a única formação que estaria ao meu alcance, em termos de minha capacidade intelectual, seria a formação do magistério”...
P6	“Eu não me vejo fazendo outra atividade podia até ser advogada, era o meu sonho ser, mas com o tempo eu não tive condições de fazer um curso, tive que trabalhar”.
P7	“(…) Na verdade eu queria fazer medicina, eu não tinha vontade de ser professora, nem me passava pela cabeça”.

P1	“(…) Eu tentei ainda fazer o curso de direito, eu passei na 1ª etapa, mas depois não passei na 2ª. (...) na realidade eu olhei o curso de pedagogia e vi que existiam muitas vagas aí achei que assim eu iria entrar... (...) Eu sou uma pessoa que apesar de ter entrado de paraquedas na profissão, sei ser profissional”.
P8	“... fiz vestibular para economia porque era o curso do momento... (...) Mas não queria trabalhar como professora, não gostava. As coisas foram caindo meio que de paraquedas, eu escolhi magistério porque todo mundo fazia... (...) Eu usei circunstancialmente porque não tinha com quem deixar meus filhos. Tudo por força das circunstâncias mesmo”.
P2	“A minha escolha pela profissão foi uma escolha muito pessoal (...). Eu sempre dizia que queria ser professora, estava decidida”.
P3	“Na verdade eu nunca nem pensei em ser outra coisa. (...) Ser professora foi minha vontade, meu desejo, minha escolha”.
P5	“Eu escolhi o magistério mais por uma fuga... (...) quando eu mudei de escola eu quase “leveei pau” em química. (...) então eu fiz opção pelo magistério”.

Quadro 8: Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

Com relação à permanência na profissão docente no quadro (9), P4 narra que se acomodou a situação. Já P6, P7, P2 e P5 têm muito prazer em trabalhar como professora e P6, P7 e P5 deixam claro em suas narrativas que escolheria novamente a docência se tivesse que optar por uma nova carreira. Em contrapartida, P4, P8 e P3 afirmam que não escolheriam mais ser professora. P1 não se pronunciou em relação a optar por outra profissão caso tivesse a oportunidade, apesar de se queixar bastante da mesma. Declara que enquanto estiver atuando vai fazer o trabalho que acha que deve ser feito.

Identidade profissional

Identidade Profissional	
Professoras	Depoimentos
P4	“Eu já estou pensando investir em outro tipo de atividade pra quando eu me aposentar que não vai ser na área de educação. (...) O que me fez permanecer na profissão, é que o tempo vai passando”...
P6	“... minha profissão é isso mesmo que eu gosto, é isso mesmo que eu quero”.
P7	“(…) Se eu tivesse que escolher de novo a minha profissão eu voltaria a escolher ser professora. Porque é uma coisa que me dar prazer de fazer, eu não me vejo em outra profissão”.
P8	“(…) Se você me perguntar com o que eu gostaria de trabalhar, eu não quero mais trabalhar com educação, de verdade”.

P2	“É uma profissão que ainda é admirável... (...) Eu estou aqui porque ainda acredito que eu posso ajudar, que essa criança, pré-adolescente, adolescente, amanhã ele pode ser alguém na vida”.
P3	“(…) Eu gosto da sala de aula, eu gosto do aprendizado, do contato com os livros, mas eu sofro muito. (...) Se eu tivesse o conhecimento, a vivência que eu tenho hoje eu não escolheria essa profissão de novo”.
P5	“(…) seu tivesse hoje que escolher uma carreira, eu escolheria de novo ser professora. Eu não mudaria não”.
P1	"No dia que eu resolver que não quero ser mais professora, eu vou sair, não vou ficar enrolando".

Quadro 9: Depoimentos das professoras na FD “Identidade Profissional”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

1.4 Formação discursiva: Percurso de Formação e Profissionalização

Por ser, a formação docente uma atividade verdadeiramente humana, repleta de ações solidárias e humanitárias, reflexo da necessidade de mudança das práticas docentes, vem cada vez mais se afastando daquilo que nas universidades se tem como definição da profissão numa perspectiva racional neoliberal.

“Uma vez que o objeto do trabalho do docente é constituído de seres humanos, os saberes que decorrem dessa experiência precisam ser legitimados eticamente”. (Tardif, 2000, cit. por Lelis, 2008, p.59) Porém não há uma abordagem significativa desses aspectos humanistas nos cursos de formação. (Lelis, 2008)

Os programas de formação existentes “não contribuem para a reflexão sobre a relação que existe entre os docentes e o saber” (Nóvoa, 1998, cit. por Lelis, 2008, p.63). Assim, Nóvoa encara como desafio para a educação, uma “análise histórica do *currículum* dos cursos de formação de docentes”.

Em relação à qualidade do ensino e ao papel da formação docente, Lelis (2008), levanta duas categorias de análise. A primeira delas faz referência ao aprendizado da prática do professor calcado nas instituições da “família e da escola.” A segunda categoria vem atender as exigências de uma formação docente de qualidade, seja nas escolas, universidades ou cursos.

Segundo Nóvoa (1998, cit. por Lelis, 2008), necessita-se para um futuro consciente e de qualidade para a formação docente de um *plano coletivo* que envolva as várias instâncias de educação, o professor, a escola e a profissão.

P4 –

Fazia faculdade em Serviço Social, quando, com o curso de magistério, fez concurso para o estado e ficou trabalhando em escola pública. Em 1996, há 16 anos, fez outro concurso só que desta vez para a prefeitura e assumiu as escolas nos dois turnos. Mais tarde, em 2000, a prefeitura abriu novo concurso que a levou a deixar o estado e assumir duas escolas municipais por oferecer melhores salários. Em 2003 fez o mestrado e leciona, quando aparece oportunidade, em alguns módulos de disciplina de cursos de pós-graduação em faculdades particulares. Com o passar do tempo e o aproximar da aposentadoria, já não vê mais a possibilidade de fazer o doutorado.

P6 –

Começou a trabalhar mesmo sem ter formação, o que lhe deu experiência e desejo de dar continuidade em ser professora. Já havia trabalhado em alguns colégios particulares quando fez concurso para a rede municipal em 2004, há 08 anos. Atualmente é professora dos dois turnos por acumular carga horária no projeto mais educação oferecido pela própria escola. Considera que sua larga experiência pedagógica foi de uma importância significativa para a profissão. Foi aluna de Paulo Freire e chegou a trabalhar com ele. Assistiu palestras e conferências com Leonardo Boff.

P7 –

Foi professora de escolas particulares durante 21 anos e ingressou há apenas 02 (dois) anos na rede municipal através de concurso público. Atualmente trabalha no turno da manhã em escola particular, no período da tarde em escola da prefeitura e à noite faz um curso de pós-graduação. Por sentir a necessidade de se atualizar diante das constantes inovações na educação, se especializou em busca de uma titulação. Em busca de maior estabilidade na profissão resolveu fazer o concurso. Nas escolas em que trabalhou, sempre se sentiu motivada a crescer profissionalmente na busca de uma formação continuada.

P1 –

Ingressou há 07 anos na Rede Municipal de ensino através de concurso público. Resistiu em ter jornada dupla de trabalho para poder preservar a qualidade de suas aulas e evitar o estresse. Mas atualmente trabalha os dois turnos, mantém um vínculo com a prefeitura e o outro com o estado, atuando em turmas com faixas etárias diferentes. Fez especialização e pensa em algum momento fazer mestrado. Ao mesmo tempo em que diz não se importar com títulos, sabe que os mesmos podem levá-la a ter uma melhor remuneração e trabalho na universidade.

P8 –

Com o magistério, ingressou na Rede Municipal de ensino há 25 anos, através de concurso público. Fez pós-graduação em fundamentos na EJA (educação de jovens e adultos). Depois de 06 anos já atuando na prefeitura no período da manhã com educação infantil, fez o concurso para Rede Estadual e atua também na EJA no turno da noite. Aposenta-se esse ano de 2012 pela prefeitura e não vê a hora de se aposentar também pelo estado.

P2 –

Antes de entrar na rede já trabalhava em escola particular há 09 anos. Depois entrou na prefeitura e trabalhou em creche como ADI (auxiliar do desenvolvimento infantil) e por fim fez a seleção simplificada, através de concurso, no ano de 2011, assumindo há 03 anos, sala de aula em turmas do fundamental contratada pela prefeitura. Assume jornada dupla trabalhando outro horário como técnica do estado. Fez pós-graduação e demonstra desejo em cursar o mestrado na intenção de se especializar, buscar uma titulação e futuramente poder realizar um concurso.

P3 –

Apesar de ter feito licenciatura em história, foi aprovada inicialmente na rede Estadual de ensino através de concurso com o magistério. Por nunca ter sido nomeada, enveredou por outras áreas de trabalho sem nunca ter tido experiências anteriores na educação até prestar

novo concurso para a rede Municipal há 07 anos. Fez pós-graduação e hoje atua como professora polivalente no ensino fundamental.

P5 –

No próximo ano, em 2013, completará 20 anos que ingressou no estado através de concurso público. Há dois anos já dava aulas em escola particular e seguiu trabalhando por mais 16 anos. Depois de 09 anos que atuava na rede estadual (em 2002), fez o concurso para prefeitura e passou 06 anos fazendo jornada tripla. Atualmente leciona em sala de aula pela prefeitura no horário da manhã e também algumas tardes e à noite atua como coordenadora da EJA (educação de jovens e adultos) pelo estado.

Pontos Comuns encontrados durante a análise e discussão dos resultados

Em relação ao ingresso na rede pública de ensino, todas as professoras prestaram concurso público tanto para a prefeitura como para quem também trabalha no estado como mostra o quadro (10).

Quanto à jornada de trabalho, todas fazem jornada dupla relatado pelas professoras no quadro (10). Somente P7 dobra seu turno trabalhando em escola particular no outro horário. P4, P6 e P3 dobram sua jornada na prefeitura diferente das demais que são concursadas também pelo estado. P6 e P3 possuem um só vínculo pela prefeitura trabalham os dois turnos acumulando carga horária, como professora do projeto mais educação promovido pela prefeitura e a outra na gerência do mesmo projeto, respectivamente.

Percurso de Formação e Profissionalização

Percurso de Formação e Profissionalização	
Professoras	Depoimentos

P7	“Eu sempre trabalhei em escola privada... (...) senti a necessidade de ter mais segurança... (...) Na rede pública você passa a ser concursado e passa a ter certa estabilidade. Então eu resolvi fazer o concurso”.
P4	“(...) fiquei em estado e prefeitura. Em 2000 teve outro concurso para prefeitura... Foi quando eu saí do estado, porque estado sempre pagou um valor bem inferior da prefeitura, ficando os dois vínculos na prefeitura”.
P6	“Trabalhei em alguns colégios particulares... (...) Depois entrei na rede e pronto”.
P3	“(...) prestei concurso para a prefeitura e estou aqui até hoje”.
P1	“Eu trabalho com alfabetização, como eu fiz o segundo concurso, agora eu assumi um 5º ano”.
P8	“Na prefeitura eu trabalho com educação infantil e no estado eu fui para o EJA à noite”.
P2	“... fui trabalhar com creche na prefeitura durante 03 anos, atuei como ADI, era muito cansativo. Eu trabalhava 08 horas e não me dava condição de ter outra coisa, outro emprego, aí acabei fazendo outro concurso”.
P5	“Pela manhã estou na prefeitura, trabalhando em sala de aula e algumas tardes e todas as noites estou como coordenadora do estado na educação de jovens e adultos (EJA)”.

Quadro 10: Depoimento das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

Quanto aos acontecimentos que marcaram seu percurso profissional no quadro (11), o nascimento dos filhos foi algo comum entre P4, P7, P8 e P5. P4 parou de investir em sua formação, a princípio por questões que ela narra como particulares e posteriormente pelo nascimento do filho. P7 casou-se muito nova e logo teve seus três filhos o que retardou sua escolha profissional. P8 casou-se com 21 anos e quatro anos depois já tinha também seus três filhos, isso a levou fazer novas escolhas profissionais e seguir o caminho da docência. Tendo jornada tripla de trabalho P5 pediu demissão da escola particular que trabalhava, quando seu filho nasceu.

Percurso de Formação e Profissionalização

Percurso de Formação e Profissionalização	
Professoras	Depoimentos
P4	“... assim que terminei o mestrado fiquei sem buscar nenhuma oportunidade no ensino superior, por conta de algumas situações minhas particulares, dois anos depois tive filho, aí passei quase uns

	quatro anos sem buscar isso”...
P7	“... fiquei sem estudar por dois anos para casar, tinha concluído a 8ª série. (...) Acontecimentos importantes na minha vida foi o nascimento dos meus filhos. Foi bom porque eu pude ajuda-los nesse processo escolar, eu mesma pude orientá-los nessa caminhada de vida educacional deles”.
P8	“... casei aos 21 anos, aos 25 anos eu já tinha os três filhos. (...)... como vou fazer para trabalhar agora com três filhos? (...)... apareceu nesse momento um concurso da Prefeitura de Recife. E assim eu pensei que este seria meu caminho, sairia de casa pela manhã deixava meus filhos na escola ia trabalhar e voltava para casa para ficar com eles, conciliava a minha situação”.
P5	“... em 2007 meu filho nasceu eu pedi demissão do colégio particular e fiquei na prefeitura e estado”.

Quadro 11: Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

Em relação à formação continuada no quadro (12), é quase que uma unanimidade entre as professoras afirmarem que não há formação continuada na escola. Somente P5 e P1 acham que o que a coordenação propõe faz parte do programa de formação. Constata-se que há um programa de formação docente realizado pela rede municipal, dito por todas as entrevistadas, que acontece em 08 (oito) encontros, 04 (quatro) a cada semestre. Somente para P3 a formação continuada oferecida pela prefeitura não contribui para o desenvolvimento da prática pedagógica. Diz que em outro momento já houve uma formação que ajudou bastante.

Percurso de Formação e Profissionalização	
Professoras	Depoimentos
P3	“Não existe formação na escola não. O que existe é na rede um programa de formação continuada que a partir deste ano de 2012, um mês é formação em língua portuguesa e outro é de matemática. Só que eu acho que é muito deficiente, não ajuda muito pelo formato, pelo conteúdo, pela distancia. (...) em outro momento a gente teve uma formação chamada pró-letramento que era dado na própria escola (...) tinha uma continuidade, isso ajudou muito, foi a melhor formação da rede”.
P1	“Não há formação na escola, a formação que eu participo é promovida pela rede que é realizada no Paulo Freire. É uma formação feita pela UFPE, pelo núcleo do CEEL e é muito boa, vale a pena”.
P5	“Na prefeitura tem a formação continuada, acontece geralmente no início do ano e no mês de julho. Durante o ano eles oferecem cursos, alguns são direcionados para professores dos anos específicos e outros você se inscreve por escolha. Acho que isso contribui, acho muito construtivo porque o material é rico, mesmo a gente tendo a

	dificuldade de compreender ou achando que o formador não está muito seguro, mas o material é muito rico”
P4	“Existe formação sim oferecida pela rede. Geralmente no início de cada semestre e nesses dois últimos anos está tendo formação continuada mensalmente abordando as áreas de língua portuguesa e matemática. Traz algumas contribuições para nossa prática na sala de aula”.
P6	“Existe formação pela rede. Ultimamente tem sido até muito boa, tem contribuído muito para nosso trabalho em sala de aula, principalmente com a caderneta”.
P7	“Existe formação que a rede oferece. Todo mês tem capacitação para os professores tanto na área de linguagem como na matemática. Essa formação é importante porque ela contribui para o nosso crescimento do aprendizado e traz novas ideias para o contexto de trabalho”.
P8	“Nós temos uma formação oferecida pela gerência (pela rede) do ensino fundamental que tem uma parceria com a UFPE (CEEL) que é um excelente trabalho. A gente faz 08 (oito) encontros, 04 (quatro) no primeiro semestre e 04 (quatro) no segundo semestre. Aborda questões do desenvolvimento das crianças e formas de trabalhar os conteúdos”.
P2	“Na escola tem formação continuada por que é uma forma de orientar, capacitar. Já participei na rede de formação continuada. É uma forma de o professor acrescentar mais conhecimento em sua bagagem, é estar sempre se renovando, acompanhando o processo de formação do aluno”.

Quadro 12: Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”

Quanto às práticas supervisivas na escola no quadro (13), a maioria das professoras diz não existir, só P7 e P5 que atribuem à coordenação o papel de realizar práticas formativas na escola. As outras 06 (seis) apontam a contribuição da coordenação nas práticas de controle e acompanhamento em relação às crianças, atividades e novas ideias para o planejamento. Somente P8 diz que para ela, por razões específicas de sua sala de aula, não acontece acompanhamento.

Percurso de Formação e Profissionalização	
Professoras	Depoimentos
P3	“Nós temos a coordenação pedagógica que nos auxilia. Eu solicito a ela atividades específicas e ela traz algumas sugestões. No nível de formação não, tem esse suporte de trazer atividades para situações específicas quando solicitamos”.
P1	“Não tem práticas supervisivas na escola, tem reuniões pedagógicas de intervenção, por exemplo, para crianças com dificuldades de leitura e escrita”.
P5	“Dentro da escola nós temos a coordenação que está sempre acompanhando o trabalho da gente em sala de aula e no começo do planejamento ela está sempre plantando ideias novas daquilo que ela observa e traz algo diferente para nos nortear. A prática supervisiva da escola tem o lado de acompanhamento e o de formação”.
P4	“Não existe prática de supervisão aqui na escola. Existe a coordenação da escola que também recebe essa formação e na medida do possível a gente tenta colocar em

	prática. A coordenação da escola, nos momentos de reunião com os professores, tenta incrementar, dar sua contribuição”.
P6	“Na escola não tem práticas supervisivas. Nós não temos esse espaço”.
P7	“Existe a coordenação pedagógica, ela trabalha fazendo esse tipo de formação para que a gente veja dentro da área de linguagem, por exemplo, para ver em qual hipótese de escrita se encontra as crianças”.
P8	“Nós temos uma coordenação pedagógica, na minha condição atual não está tendo acompanhamento. Eu tenho na minha sala crianças especiais, muito difíceis e ela não supre essa necessidade até porque educação especial na prefeitura não tem formação, esse acompanhamento não acontece”.
P2	“Tem a coordenação que se reúne com a gente para saber como nós estamos trabalhando com os alunos, principalmente a questão da leitura e da escrita. Tem a parada pedagógica com a coordenação para ver como está o nível dos alunos. Esse acompanhamento favorece para a gente ter uma noção de como os alunos estão evoluindo, qual intervenção que pode ser feita, os encaminhamentos”.

Quadro 13: Depoimentos das professoras na FD “Percurso de Formação e Profissionalização”

1.5 Formação discursiva: Entraves da Profissão

Muito temos ainda a trilhar na história da educação no Brasil e no mundo. As dificuldades encontradas no ofício da carreira de professor, não sofreram muitas modificações desde os anos 60 (Tardif e Lessard, 2008). As poucas verbas públicas disponibilizadas para a educação aumentam essas dificuldades enfrentadas pelos professores. A falta de tempo, o esgotamento da profissão, a quantidade de empregos acumulados, são fatos cada vez mais comuns e presentes no dia-a-dia do professor. Em contrapartida há as exigências de um novo panorama da educação no que se refere à diversificação e heterogeneidade dos discentes e a relação dos mesmos com os docentes e dos docentes com o conhecimento. A aproximação dos professores com os alunos, com o conhecimento, a apropriação do próprio trabalho, são causas fundamentais para gerar mudanças nesse quadro mundial educacional.

Na sociedade contemporânea (pós-moderna) em que vivemos, o ensino sofre pela *crise do saber* (Tardif e Lessard), não pela falta de produção acadêmica, mas pela falta de valorização, pelo lugar que ocupa no mundo atual. Concluem que “a profissão de professor continua sendo, ao mesmo tempo, em muitos aspectos, uma ocupação tradicional e em continuidade com o passado, uma espécie de ofício artesanal que sobrevive como pode no seio da grande indústria escolar da escola de massa”. (Tardif e Lessard, 2008, p. 13)

Nesse sentido, Isabel Lelis lembra que:

“...os professores, refletindo nas condições de vida dos alunos e nas necessidades que estas impõem à dinâmica escolar, como a violência familiar, a ausência dos pais no processo de escolarização das crianças, o consumo de drogas por crianças e jovens, são levados a desenvolver estratégias de ensino e de interação que tomam em consideração as novas características da clientela”. (Lelis, 2008, p. 59).

Desta forma, ela nega o que se tem encontrado nos estudos sobre educação dos anos 80 e aponta que os professores não tenham cruzado os braços a essa situação existencial atual dos alunos, o que os levou a transformar suas estratégias de ensino. Isso vem marcar segundo Vorraber Costa (1995, cit. por Lelis, 2008) a separação que existe entre o que se existe nas universidades, na academia e o que se encontra nas práticas dos professores na realidade da escola e que são “muito afastadas das lógicas que contem a definição daquilo que deve ser a profissão docente”. (Lelis, 2008, p. 59)

P4 –

Se sente frustrada e às vezes infeliz com o insucesso crescente dos alunos. Atrela aos entraves do serviço público que deixam arestas na educação e em contrapartida enxerga alguns pontos positivos nas medidas e planos de governo como também coloca alguns aspectos negativos em relação ao assistencialismo a essas famílias. Aponta que a responsabilidade de educar está voltada exclusivamente para a escola, a qual é imposta pela sociedade. Queixa-se da baixa remuneração do professor.

P6 –

Sente-se também frustrada, tenta buscar alternativas com seu trabalho para que consiga obter maior sucesso. Diz que a proposta de educação implantada pelo governo nem sempre funciona de uma forma positiva, quem está na prática é quem conhece. Fala da existência de recursos financeiros destinados a esses projetos em educação, levantando uma ideia antagônica entre esperança de mudar e falta de interesse político. É intrigada com a falta de valorização da profissão e preconceito com a mesma, alimentado pelas pessoas de uma forma geral, como também pelas próprias famílias dos alunos. Aponta a falta de interesse atual das pessoas em escolherem a profissão de professor.

P7 –

Fala que embora a rede pública ofereça muito bons recursos e uma formação de qualidade para os professores, o desempenho do professor fica comprometido em detrimento da indisciplina dos alunos.

P1 –

Relata a diferença existente entre a realidade da profissão e o que se estuda na faculdade. Considera bastante estressante a profissão e aponta como maior dificuldade em sala de aula, a falta de respeito dos alunos com os professores, delatando a problemática social dessas crianças em relação à ausência afetiva, de acompanhamento em casa, etc. Fala sobre as doenças ocupacionais adquiridas ao longo de suas carreiras e o “ranking” que ocupa hoje como segunda profissão mais estressante, diz que começou a adoecer e que precisa fazer alguma atividade física para não tomar remédios.

P8 –

Denuncia o quanto é difícil estabelecer vínculos afetivos com as crianças pela dificuldade de manter um relacionamento com elas e aponta a extrema falta de limites, a violência e agressividade presentes nessas relações.

P2 –

Fala também sobre o desrespeito ao professor, a falta de limites, a agressão e a violência presentes no dia-a-dia do contexto escolar. Aponta como uma das dificuldades a questão salarial. Contudo, dessa realidade constata que hoje em dia poucas pessoas fazem opção pelo curso de pedagogia.

P3 –

Fala sobre as dificuldades com relação à remuneração. Relata também a desestrutura familiar a qual essas crianças pertencem, deixando a desejar a educação de valores e a

responsabilidade em educar. Narra sobre o repasse das regras e limites, por parte das famílias assim como a violência presente na vida dessas crianças. Constatou que o acompanhamento familiar é imprescindível para um bom desenvolvimento escolar do aluno. Encara a profissão como um grande sofrimento e que a levou a adoecer de depressão. Queixa-se de se sentir sozinha e de não conseguir dar conta das dificuldades encontradas em sala de aula, da falta de reconhecimento, desvalorização e o preconceito da sociedade com relação à docência. Já pensou várias vezes em deixar a profissão.

P5 –

Fala sobre a transferência da responsabilidade em educar, da família para a escola. Enumera como outra dificuldade a falta de uma unidade no projeto pedagógico que apoie os docentes, diz não ser o caso dessa escola, mas percebe como uma problemática geral. Coloca como grande entrave a baixa remuneração e as jornadas de trabalho que os professores precisam dar conta.

Pontos Comuns encontrados durante a análise e discussão dos resultados

Em relação à remuneração, P4, P2, P3 e P5 deixam mais claro em suas narrativas no quadro (12), explicitando sobre os baixos salários de professor. P5 inclusive, lembra das várias jornadas de trabalho que o professor necessita assumir para aumentar a remuneração. P4 e P6 narram sobre os vários recursos financeiros destinados aos projetos do governo para educação, porém P4 aponta a problemática do assistencialismo a qual essas famílias tiram proveito e P6 ao pouco interesse dos políticos em mudar a situação educacional no país.

Entraves da Profissão

Entraves da Profissão

Professoras	Depoimentos
P4	“Eu relutei muito a ingressar na educação porque eu via que minha mãe trabalhava muito e ganhava muito pouco. Hoje em dia, muitas famílias matriculam seus filhos porque existe toda essa questão do conselho tutelar, a fiscalização que criança não pode ficar fora da escola... (...) só estão preocupadas do filho não ter falta para não cortar o dinheiro da bolsa família e da bolsa escola. Não resta dúvida que esse programa tem melhorado a situação de vida de muitas pessoas, de muitas famílias, mas eu acho que pra outras vem alimentando o ócio”.
P2	“... embora a gente encontre as dificuldades, a questão salarial, aborrecimentos, mas estou aqui”...
P3	“Realmente é uma profissão muito sofrida e a remuneração é muito diferente das outras profissões. Mesmo com curso de especialização e até de mestrado, ganha muito menos e trabalha às vezes muito mais”...
P5	“E eu não posso deixar de citar a questão da remuneração. Falta tempo e a gente tem que ir para uma escola, ir para outra, dar assistência em casa, estudar, então a gente não faz o melhor que poderíamos fazer, mas fazemos o possível”.
P6	“Dinheiro tem e todo mundo ganha, mas o aluno não ganha em termos de aprendizagem. É muito complicado educação nesse país porque não existe interesse. (...) Eu tenho esperança que a educação pode mudar, mas eu acho que vai demorar muito”.

Quadro 14: Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

P7, P1, P8, P2, P3 e P5 abordam em seus relatos no quadro (13) a questão da indisciplina e do desrespeito dos alunos com os professores e demais agentes escolares, levantam a problemática da violência bastante presente hoje nas escolas. P4 e P6 sentem-se frustradas com os resultados de seu trabalho como relatam no quadro (13). P7, P1 e P3 consideram bastante estressante a profissão, P3 inclusive, sofre de depressão e diz ser um grande sofrimento ser professora. P2 e P6 constatarem que atualmente poucas pessoas fazem a escolha pela profissão de professor.

Entraves da Profissão

Entraves da Profissão	
Professoras	Depoimentos
P7	“Embora a rede municipal tenha recursos muito bons, dar uma formação de qualidade, mas a indisciplina das crianças é tão grande que você passa pelo menos dois meses em adaptação para poder conseguir começar a trabalhar”.
P1	“Eu gosto de ser professora, mas o que eu não gosto é da falta de disciplina, é trabalhoso, é cansativo. O professor hoje tem várias doenças ocupacionais, estresse, depressão, síndromes, isso aí é um termômetro pra se pensar profissão. (...) Eu

	comecei a adoecer, eu estou pensando em fazer alguma atividade, uma hidroginástica ou fisioterapia, porque o que eu não quero é entrar em remédio controlado por causa do estresse”.
P8	“Antigamente existiam crianças pobres também, mas existiam os limites, hoje é ilimitado. É difícil você conversar, passar alguma informação e é difícil você se afeiçoar. (...) não tinha esses problemas da violência, agressão, hoje é tudo mais acentuado”.
P2	“A gente convive hoje com violência na escola, agressão, que passa pelas questões e histórico familiar. (...) hoje em dia, através das pesquisas, poucas pessoas optam pelo curso de pedagogia”.
P3	“... tem a questão da violência, o ambiente violento que eles vivem, a comunidade é violenta, há uma violência extrema. (...) Eu sou umas dessas milhares de professoras que estão em depressão, que estão com uso de medicamentos, já teve várias vezes que eu pensei em deixar”.
P5	“Todo dia é um desafio! Então se você não está disposta a enfrentar, saia do curso, não entre numa sala de aula”.
P4	“Hoje eu venho me sentindo um pouco frustrada e às vezes eu me sinto muito infeliz na educação, por conta do insucesso que a gente encontra nos alunos”.
P6	“Tem horas que me sinto impotente, fico pensando no que fazer... (...) Eu canso de ver meus amigos que ensinam na universidade dizerem que uma turma começa com 40 e termina com 5, 3 alunos. Há um déficit imenso de professores de matemática, química, física”...

Quadro 15: Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”**Fonte:** Entrevista realizada (2012)

Entraves da Profissão

Em se tratando da desvalorização da profissão e o preconceito da sociedade atribuído à docência, P6 e P3 narram sobre esses entraves e relatam no quadro (14), situações reais vividas por elas. P4, P3 e P5 delatam no quadro (14), a transferência para a escola, da responsabilidade de educar das famílias.

Entraves da Profissão	
Professoras	Depoimentos
P6	“O que mais me intriga é o olhar das pessoas, é como se estivessem dizendo: poxa eu tenho pena de você! (...) As próprias mães dos alunos dizem: não queria, de jeito nenhum, nada nesse mundo pra trabalhar com esses meninos”.
P3	“Acho que se tem muito preconceito, se você é médica, advogada, auditora, as pessoas olham diferente de uma simples professora. (...) Como que uma professora que tem pós-graduação ganha 1.400,00 e não pode reclamar do salário, que está reclamando de barriga cheia. (...) há umas distorções de valores, de conceitos. A família acha que a escola tem obrigação de tudo”...

P4	“A impressão que eu tenho é de que, nos últimos tempos a sociedade vem jogando para a escola grande parte da responsabilidade que seria das famílias”.
P5	“Uma dificuldade que a gente (professor) já vem percebendo a um certo tempo é a transferência da responsabilidade da família para a escola”.

Quadro 16: Depoimentos das professoras na FD “Entraves da Profissão”

Fonte: Entrevista realizada (2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os professores vivem tempos difíceis e paradoxais. Apesar das críticas e das desconfianças em relação às suas competências profissionais exige-lhes quase tudo. Temos de ser capazes de pensar a nossa profissão”.

Nóvoa (1995a, p.12)

Esta investigação que teve como pergunta de partida: **Qual a relação entre a construção de identidade e o processo de formação e profissionalização docente?** Foi respondida através das narrativas contadas pelas professoras entrevistadas quanto: às suas escolhas feitas no caminho da profissionalização, a busca por uma formação de qualidade, aos entraves apontados e encontrados no percurso de suas carreiras assim como, a forma de enfrentá-los, os quais são dependentes de como a docente se vê como docente e de como ela entende sua atuação no contexto educacional contemporâneo.

Expomos seguidamente, de forma empírica, algumas considerações feitas ao longo do processo investigativo levantando através das formações discursivas (FD), alguns aspectos relevantes à pesquisa.

Concluímos, através dos resultados da análise, que entre as entrevistadas, as idades não são proporcionais ao tempo de carreira. A professora que apresenta ter a maior idade não tem o maior tempo de carreira. As professoras que tem o menor tempo de carreira são as que apresentam entre elas as idades medianas, demonstrando um relativismo nessa relação entre idade e tempo de carreira.

No que concebe a nossa pesquisa, as professoras entrevistadas atravessam **etapas de vida diferentes**, levando em consideração os estudos do Ciclo de vida profissional de Huberman (1995). A maioria se encontra numa etapa comum entre elas que é a fase diversificada, mesmo assim precisamos compreender que são seres singulares em relação às suas histórias de vida e que esse complexo universo é marcado também pela diversidade das idades, pelo tempo de carreira, localizado em fases diferentes de vida, gerando movimentos diferentes no que diz respeito ao como encaram a profissão, o que pretendem da profissão, o que elas se propõem a fazer para a evolução de sua formação profissional, principalmente seu posicionamento e papel diante de uma sala de aula e todas as questões que a envolve.

No que se refere ao **nível de escolarização**, analisamos que apenas uma (01) não possui um curso de pós-graduação, qualificando-as como um grupo crítico e que apresenta um nível bom de escolaridade pelas oportunidades dadas, segundo as suas próprias narrativas, através da rede pública.

Para a maioria das entrevistadas que totalizam em seis (06) professoras as **referências parentais** foram de primordial influência na escolha da profissão. De qualquer forma, pelo fato de ser marcante a **influência das famílias** como referência na profissão docente, essa maioria de professoras não tinha a intenção de seguir os passos da família, algumas esclarecem que aconteceu por conta das circunstâncias de vida. Somente duas das professoras entrevistadas desejaram, desde a infância, se tornar professoras. Uma mostra de três (03) docentes relata que escolheriam novamente essa profissão se pudessem fazer outra escolha profissional, em contrapartida outras três (03) afirmam categoricamente que não escolheriam de novo. As duas restantes não deixaram claros seus posicionamentos.

Considerando que a população estudada foi tão somente de mulheres, o nascimento de seus filhos foi um acontecimento importante em suas vidas e que marcou os caminhos profissionais de quatro (04) docentes, ou seja, metade da amostra. Constatamos que das oito (08) entrevistadas, seis (06), a maioria, possui filhos.

Das quatro (04) professoras, que descreveram como tinha sido sua **infância**, três (03) tiveram muita liberdade, moraram em lugares aonde existiam muitas árvores e muito verde. Nem todas relataram detalhes de sua infância. Por elas terem migrado do interior e pela faixa etária delas, espera-se que a grande maioria tenha vivido sua infância numa época em que as famílias moravam em casas ao invés de prédios e a liberdade podia ser vivenciada.

Metade da amostra, ou seja, quatro (04) das professoras entrevistadas relataram que viviam em difíceis **condições econômicas** junto as suas famílias e que estudaram em escolas da rede pública.

Trilhando o caminho das narrativas de vida dos professores, sobre suas próprias histórias, fazendo um percurso autobiográfico, estamos dando um passo fundamental para entender quem são esses atores, quais as escolhas que fizeram e quais as suas percepções sobre seu trabalho, o que podem contribuir para uma ação reflexiva acerca da profissão docente.

Refletir sobre a profissão docente é poder considerar sobre a importância do conhecimento da **identidade profissional** do educador na prática cotidiana da profissão professor para a educação. Pensar sobre estas questões é fundamental, por se tratar de uma

profissão essencialmente complexa, entender quem é esse professor, capaz de dar conta de uma problemática educacional que envolve as instâncias dos conteúdos pedagógicos, da família, do aluno, da escola, enfim da sociedade em geral, acarreta em poder entender todo esse universo de relações construídas entre as dimensões pessoais, profissionais e organizacionais.

Diante da necessidade de mudança desse contexto educacional, na busca de contribuir para a formação de um cenário contemporâneo diferente, é preciso repensar o lugar do professor no quadro atual de educação dando a oportunidade de refletir sobre esta teia de relações que envolvem esta realidade. A partir dos estudos de Bourdieu (1989), a dupla redução que autoriza os mecanismos de interiorização e exteriorização a atuarem, ao mesmo tempo, na formação do *habitus*, é que Dubar (2005) pode defini-lo:

“...tanto como produto de condições “objetivas” interiorizadas (a posição e a trajetória do grupo social de origem) quanto como produtor de práticas que conduzem a efeitos “objetivos” (a posição do grupo de pertencimento), reproduzindo, assim, a estrutura social, uma vez que assegura a continuidade do *habitus* individual”.(Idem, p. 90).

Foi possível desvelar através das narrativas dos professores uma compreensão do cotidiano e do papel do educador, assim como o olhar que este tem sobre sua experiência profissional: o que quer da profissão, quais as influências recebidas ao longo de sua vida pessoal e profissional e que refletem em sua docência. Estas referências são importantes para entender o processo de construção de identidade. É necessário entender como acontecem às interações sociais, as referências que tiveram a partir da família até os dias de hoje e que as influenciaram e continuam influenciando no ser professor. Faz-se necessário levar em consideração a complexidade da profissão nessas várias dimensões sociais e que não se limita a uma dimensão pedagógica.

Percebemos a relevância de o docente compreender o seu papel de educador, levando-o a fazer alguns questionamentos na busca de entender quem é esse professor, o que quer da profissão, quais as influências recebidas ao longo de sua vida pessoal e profissional e que refletem em sua docência.

Em relação à (FD) **formação de professores**, constata-se que não há um programa de formação continuada na escola. A formação oferecida pela PCR (Prefeitura da Cidade do Recife), que acontece sistematicamente, tem uma grande aceitação e importância por praticamente todas as professoras, menos uma delas que diz não contribuir muito para sua

prática. Não existem **práticas supervisivas** de formação na escola, há uma coordenação que, segundo as professoras, contribui com elas em relação ao controle e acompanhamento das crianças, com algumas atividades e ideias.

Ficou evidente nas narrativas que, para entender como **os saberes** se constroem, precisamos fazer um recorte nos reportando ao momento em que as professoras entrevistadas descrevem **suas experiências** como necessárias para atingirem segurança e maturidade em seu trabalho. O enfrentamento da difícil realidade social as faz se distanciar por algum momento do conhecimento acadêmico adquirido nos cursos superiores de ensino, portanto faz-se necessário trazer um conhecimento acumulado no percurso de suas carreiras. Busca unir os conhecimentos e construir um saber próximo a realidade educacional presente em nossa sociedade. Por fim, é preciso refletir sobre a importância de uma formação docente que propõe um caminho diferente a se trilhar, em que o professor seja o agente central desse mergulho repleto de subjetividade, através das narrativas de suas histórias de vida.

Não foi aprofundada, neste estudo, a discussão ou acompanhamento situacional das práticas pedagógicas das professoras, analisando sua atuação, relação com seus alunos, as escolhas de suas estratégias didáticas, sequências didáticas, como organizam e selecionam seus materiais pedagógicos, como dividem o tempo de suas aulas no cumprimento dos conteúdos curriculares. Diante dessas modalidades organizativas, segundo Zabala (1998), no que diz respeito a como o professor está ensinando, precisam ser pesquisadas para que se conheça melhor essa realidade educacional. Em seu livro, “Como Ensinar” ele traz alguns instrumentos que facilitam ao professor o conhecimento e compreensão de suas ações didáticas pedagógicas.

Na (FD) **entraves da profissão**, emergiu da produção de discurso das professoras uma crítica às políticas públicas para a educação, apontando para os baixos salários destinados aos docentes em contrapartida com os diversos recursos financeiros destinados aos projetos do governo como: bolsa família, bolsa escola, recursos oferecidos pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura), que denuncia a problemática do assistencialismo às famílias dos alunos e no que isso pode gerar de deformação do verdadeiro sentido das práticas públicas e a falta de interesse dos políticos em criar políticas públicas viáveis e funcionais para a educação.

Ainda nesta (FD), A **jornada de trabalho**, foi apontada como cansativa e extenuante. Todas as professoras entrevistadas fazem jornada dupla de trabalho, uma delas chegou inclusive a fazer jornada tripla.

A **indisciplina dos alunos** é outro entrave da profissão que emergiu da fala dos docentes e que foram unânimes em afirmar as dificuldades no relacionamento entre docentes e discentes, trazendo à tona a problemática da violência presente nas escolas em contrapartida com a ausência das famílias. Consideram a profissão de professor absolutamente estressante e falam sobre algumas doenças que já aparecem como sequelas da profissão como, por exemplo, a depressão. Inclusive, uma no quadro das oito (08) professoras, já apresenta a doença e outra se encontra em processo de prevenção.

Ainda nos entraves da profissão, em seus relatos aparecem também declarações das professoras em constatar a **escassez de pessoas interessadas** em escolher nos dias de hoje a licenciatura como curso de graduação, situando a atividade docente num quadro ainda muito antigo de desvalorização e preconceito da sociedade para com a profissão de professor. Assim, concluímos que ser professor nos tempos de hoje é escolha rara.

Após estas considerações acerca dos resultados desta investigação, acreditamos que conseguimos atingir os nossos objetivos propostos. Foi-nos possível perceber a relevância do papel do professor para a sociedade, e assim poder contribuir na discussão da temática profissão professor, entendendo sua identidade e as imbricações entre sua formação e o processo de profissionalização.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, I. & Tavares, J. (1987) Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Almedina.

Almeida, Célia Maria de Castro. (fevereiro/2011) Propostas de formação de professores. Revista Profissão Docente (online), Vol. 1, nº 1. Uberaba, Minas Gerais.

Amorim, Heloisa Helena Peixoto. (2010) Profissão docente: uma nova identidade. Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

António, Ana Sofia Pereira de Amaral. (2002) O outro lado do espelho: auto-representações das funções das professoras. Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.

Bauman, Zygmunt. (2005) Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zaharb.

Batistella, Carlos Eduardo Colpo. (2009) Tensões na constituição de identidades profissionais a partir do currículo: análise de uma proposta de formação profissional na área de vigilância em saúde. / Carlos Eduardo Colpo Batistella. Rio de Janeiro: s.n.

Brzeziski, Iria & Garrido, Elsa. (2001) Análise dos trabalhos do GT Formação de professores: o que revelam as pesquisas do período. 1992-1998. Revista Brasileira de Educação, set-dez, nº 18 – Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em educação, São Paulo, Brasil, pp. 82-100.

Burnier, Suzana & Cruz, Regina M.R. & Durães, Marina N. & Paz, Mônica L. & Silva, Adriana N. & Silva, Ivone Maria M. (maio e agosto - 2007) Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Revista Brasileira de educação – Vol. 12, nº 35, Rio de Janeiro.

Cascapera, Cláudia de Mendonça. (2007) Identidade. Resenha in Revista ACOALFAPLP: Acolhendo a Alfabetização nos países de Língua Portuguesa, São Paulo, Ano 2, nº 3. Disponível em <http://www.mocambras.org> e ou <http://www.acoalfaplp.org> publicado em: setembro 2007.

Cavaliere, Gláucia de Cássia Magalhães da Silva. (2009) A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida. Juiz de Fora – MG. Mestrado em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Cugini, Paolo. (jan./jun, 2008) Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na teoria de Zygmunt Bauman. Revista Diálogo Possíveis.

Demailly, Lise. (1995) Modelos de formação contínua e estratégias de mudança. In: Os professores e a sua formação. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Duarte, Marcos Antônio Heleno. Saberes Mobilizados por professores de Matemática: uma relação com as formações continuadas. Vila Nova de Gaia, 2010. Mestrado em Ciências da Educação. Instituto Superior de Línguas e Administração de Gaia.

Dubar, Claude. (2005) A socialização: construção das identidades sociais e profissionais/ Claude Dubar; Tradução Andréa Stahel M. da Silva – São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2006) A crise das identidades: a interpretação de uma mutação / Claude Dubar; Tradução Catarina Matos – Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

Ferreira, Marília de Abreu. (2006) Ser professor: construção de identidade em processo auto-formativo. São Bernardo do Campo – SP. Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo.

García, Carlos Marcelo. (1995) A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: Os professores e a sua formação. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Gatti, Bernadete Angelina. (set./dez. 2003) Formação de professores, pesquisa e problemas metodológicos. Revista Contrapontos – Vol.3 – nº 3, pp 381 – 392, Itajaí.

Giancaterino, Roberto. (22/01/2009) A supervisão educacional: mudanças sob olhar de uma educação libertadora. Publicado em webartigos.com. Acesso em: <http://www.webartigos.com>

Gomes, Romeu. (2009) Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Gómez, Angel P. (1995) O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. In: Os professores e a sua formação. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Gonçalves, José Alberto M. (1995) A carreira das professoras do ensino primário. In: Vidas de professores. Organização de António Nóvoa. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.

Gonzaga, Amarildo M. (2006) A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos. Organizadores: Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco. São Paulo, SP: Editora Loyola.

Goodson, Ivor F. (1995) Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: Vidas de professores. Organização de António Nóvoa. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.

Hall, S. (2005) A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A.

Huberman, Michaël. (1995) O ciclo de vida profissional dos professores. In: Vidas de professores. Organização de António Nóvoa. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.

Josso, Marie Christine. (jul./dez. 1999) Histórias de vida e projetos: A história de vida como projeto e as histórias de vida a serviço dos projetos. Revista Educação e Pesquisa, vol. 25, nº 2, São Paulo.

_____. (maio/agosto 2006) As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Revista Educação e Pesquisa, vol. 32, nº 2, São Paulo.

Kuhn, Thomas S. (1998) A Estrutura das Revoluções Científicas, 5ª edição, São Paulo, SP: Editora Perspectiva.

Lelis, Isabel. (2008) A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias. In: O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais/ Mauricie Tardif, Claude Lessard; Tradução de Lucy Magalhães. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Lessard, C. & Tardif, M. (2008) As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão de professor? In: O ofício de professor: história, perspectivas e

desafios internacionais/ Mauricie Tardif, Claude Lessard; Tradução de Lucy Magalhães. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Medina, Antonia da Silva. (2008) Supervisor escolar: parceiro político-pedagógico do professor. In: Nove olhares sobre a supervisão, Coleção Magistério: Formação e Trabalho. Silva Jr., Celestino Alves & Rangel, Mary (orgs.). 14ª ed. – Campinas, SP: Papiro.

Minayo, Maria C. (2009) O desafio da pesquisa social. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. (2009) Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Moita, Maria da C. (1995) Percursos de formação e de trans-formação. In: Vidas de professores. Organização de António Nóvoa. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.

Nóvoa, António. (2008) Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais/ Mauricie Tardif, Claude Lessard; Tradução de Lucy Magalhães. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Nóvoa, António. (1995a) Formação de professores e formação docente. In: Os professores e a sua formação. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Nóvoa, António. (1995b) Os professores e as histórias de sua vida. In: Vidas de professores. Organização de António Nóvoa. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda.

Pereira, Fátima; Carolino, Ana Maria; Lopes, Amélia. A formação inicial de professores do 1º CEB nas últimas três décadas do séc. XX: transformações curriculares, conceptualização educativa e profissionalização docente. Revista Portuguesa de Educação, 2007, 20 (1), pp. 191 – 219. Universidade do Porto, Portugal.

Tardif, Maurice. (2007) Saberes docentes e formação profissional / Maurice Tardif. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Tardif, M. & Lessard, C. (2008) O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais/ Mauricie Tardif, Claude Lessard; Tradução de Lucy Magalhães. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Orlandi, Eni P. (1999) *Análise de discurso: princípios e procedimentos* / Eni P. Orlandi – Campinas, SP: Pontes.

Pimenta, Selma G. (2006) *Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências na formação e na atuação docente*. In: *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*. Organizadores: Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco. São Paulo, SP: Editora Loyola.

Popkewitz, Thomas S. (1995) *Profissionalização e formação de professores: algumas notas sobre a história, ideologia e potencial*. In: *Os professores e a sua formação*. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Santos, Maria de Cássia dos. A (2012) *Construção de Identidade Profissional Docente: Relatos de Histórias de Vida*. Lisboa, 2012, 101 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação.

Schön, Donald A. (1995) *Formar professores como profissionais reflexivos*. In: *Os professores e a sua formação*. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Vitorino, Wilza Alexandra de Carvalho Rodrigues. (2011) *Formação Continuada: seus impactos na prática docente – Um olhar sobre o programa Pró-Letramento*. Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia-Lisboa.

Zabala, Antoni. (1998) *A Prática Educativa Como Ensinar*. Ed. Artmed, São Paulo.

Zeichner, Ken. (1995) *Novos caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90*. In: *Os professores e a sua formação*. Coordenação de António Nóvoa; tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. 2. ed. – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA.

Zalavsky, Susana Schuartz. (2010) *Formação inicial de professores de História e a tomada de consciência das relações espaço-temporais*. Tese para obtenção do título de Doutor em educação, Porto Alegre. (acesso www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000766546.pdf?...1-20/08/2012)

APÊNDICES

APÊNDICE I

SOESE (Sociedade de Ensino Superior da Escada Ltda.)NUPESF – Núcleo de Pós-Graduação e Extensão - Campus II – Recife/PE

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

MESTRADO EM CIENCIAS DA EDUCAÇÃO- ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Recife, 25 de novembro de 2013

À

ESCOLA MUNICIPAL ELIZABETH SALES COUTINHO DE BARROS

Solicitamos a autorização para a Mestranda, Ana Rosa Zirpoli Leite realizar coleta de dados, tendo como finalidade subsidiar a pesquisa do Mestrado em PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO COM LINHA DE INVESTIGAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES com o tema: **Profissão Professor: Conexões entre Histórias, Saberes e Identidades.**

Cabe ressaltar que os dados da coleta, serão de objeto de estudos exclusivamente acadêmicos. Gostaria de destacar, ainda, a total confiabilidade acerca das informações, pois todos os dados serão tratados de forma sigilosa e o nome da escola e dos participantes não serão divulgados, ressaltando o interesse, caso desejem tal divulgação.

Contando com a vossa colaboração, os nossos sinceros agradecimentos.

Cordialmente,

Silvia Gomes Pereira
Coordenadora do NUPESF

*SOESE/FAESC/NUPESF – CAMPUS II - Estrada das Ubaías, Nº. 758, Sala 109 - 1º andar, Casa Forte, Recife – PE
CEP. 52061-080. Fone: (81) 3269 – 1184 /CNPJ (Faesc) 03.373.369/0001-38 www.faesc.com*

APÊNDICE II - GUIÃO DE PESQUISA

1. Identificação do entrevistado:

- Idade
- Sexo
- Estado Civil (filhos)
- Escolaridade (Graduação, Pós-graduação)
- Tempo de experiência profissional

2. Experiências de vida (aspectos sociais e culturais):

- Relate como foi sua infância, adolescência e como você se vê na fase atual. Conte acontecimentos importantes durante seu percurso de vida.

3. Modelos referenciais:

- Relate sobre pessoas marcantes em sua vida (parentes, professores, amigos)

4. Percurso de profissionalização:

- Relate desde a primeira escola até como se deu o ingresso na rede municipal de ensino da cidade do Recife, a relação com a profissão e com os colegas de trabalho.

5. Escolha da profissão:

- Relate como se deu a escolha da profissão e sua permanência nela.

6. A relação do percurso de vida com sua formação:

- Relate sobre o percurso de vida, aponte mudanças significativas no processo de profissionalização (investimentos pessoais, formação continuada).
- Fale se existe formação continuada na escola. Se existe, relate o que você acha da formação.
- Relate se dentro da escola existem algumas práticas supervisivas de acompanhamento ou formação.

7. Espaço Aberto:

- Relate, se quiser, algo que ache necessário acrescentar.

APÊNDICE III – COLETÂNEA DAS ENTREVISTAS DAS 8 (OITO) PROFESSORAS

Transcrição 1

Nome: P4

Idade: 40 anos

Atua: 5º ano, turmas iniciais desde 1993

Estado Civil: Casada, um filho (04 anos)

Formação: Magistério, Graduação em Serviço Social, Mestrado em Política Educacional
Planejamento e Gestão da Educação

Minha infância e minha adolescência, eu vivi no interior do estado na região do agreste, em zona rural, então até a 2ª série (como se chamava na época), eu estudei em escola de zona rural e depois é que eu fui estudar na sede do município. Com 09 anos eu ingressei na 4ª série e terminei com 10 anos. A partir da 3ª série fui estudar em escola na sede do município. Terminei lá até a 8ª série. Depois eu fui para outro município para onde tinha uma escola de 2º grau oferecendo magistério no horário que tinha transporte da zona rural para cidade. Terminei o ensino médio e foi quando eu vim morar aqui em Recife pra tentar me preparar para o vestibular e assim que eu terminei o magistério eu tentei o vestibular para UFPE, só que eu não passei. No ano seguinte me preparei fazendo cursinho e aí consegui entrar. Só que assim, no primeiro vestibular que eu fiz que foi em 1988, eu fiz para pedagogia, aí não entrei. No ano seguinte quando eu tava fazendo cursinho eu queria fugir dessa coisa da área de educação. Minha mãe é professora, hoje ela tá aposentada, está atuando de novo com cargo comissionado na educação também, mas a carreira profissional dela foi como professora do estado. Eu tenho uma tia também, irmã do meu pai, que a vida toda foi professora de várias escolas aqui, pública e privada e também cresci com aquela história de minha mãe ficar dizendo que: formatura de moça pobre é magistério! Então assim, ela dizia que era mais fácil arranjar emprego,...etc. Mesmo assim eu não queria, aí foi quando eu fiz o vestibular para serviço social, final de 1989 e entrei na federal, aí comecei o curso em 1990. Só que antes de terminar o curso houve um concurso do estado pra quem tinha magistério pra trabalhar, né, com o fundamental 1. E aí eu fiz o concurso e passei, fiquei entre as primeiras cinquenta, fui chamada de imediato e aí assumi. Então uma parte do dia trabalhava na escola do estado e a outra parte eu tava dando continuidade a graduação. Assim que eu terminei a graduação a prefeitura do Recife abriu um concurso, isso foi em 1996. Eu fiz esse concurso e passei também. Como eu já tinha terminado a faculdade fiquei em estado e prefeitura. Em 2000 teve outro concurso para prefeitura, também pra professor, aí eu fiz passei também. Foi quando eu saí do estado, porque estado sempre pagou um valor bem inferior da prefeitura, ficando com os dois vínculos na prefeitura. Assim foi, aí quando foi em 2003, eu comecei buscar fazer uma especialização uma pós-graduação, foi quando uma amiga minha disse que eu podia entrar no mestrado, independente de ter especialização ou pedagogia. Eu entrei, fiquei licenciada da prefeitura durante o curso e pra mim foi uma coisa maravilhosa. Foi uma coisa muito boa que eu fiz, foi no momento certo da minha vida, porque hj eu tenho esses dois vínculos na prefeitura, mas não penso em sair totalmente porque de qualquer forma são duas aposentadorias e eu tenho pouco menos de dez anos para me aposentar então é uma coisa que

ainda vale a pena segurar. Quando aparecem alguns módulos de disciplina em cursos de pós-graduação em algumas faculdades particulares, algumas me chamam eu vou dou aquele módulo, sendo uma coisa mais esporádica da pra eu adequar a minha rotina de trabalho.

Eu relutei muito a ingressar na educação porque eu via que minha mãe trabalhava muito e ganhava muito pouco. Hj eu venho me sentindo um pouco frustrada e às vezes eu me sinto muito infeliz na educação, por conta do insucesso que a gente encontra nos alunos. Cada ano que passa parece que a coisa vai piorando. Por mais que a gente tente melhorar sempre o trabalho, buscar o resultado do processo de ensino-aprendizagem, que seja um resultado positivo, mas existem muitos entraves. Muito desses entraves que muitas dessas questões fogem do nosso alcance. São entraves burocráticos, de serviço público. Se a gente observar tem uma coisa positiva que vem acontecendo nesses últimos anos em termos de estrutura, de algumas escolas, de material, de livro didático, paradidático que algumas o governo federal e local vêm investido. Equipamentos para a escola, laboratório de informática, mas às vezes fica a desejar também a falta de recursos humanos. Numa escola a gente precisa de mais gente pra auxiliar nosso trabalho, a gente não pode deixar a sala de aula pra ir providenciar outras coisas.

Tempo de carreira são 19 anos, foi desde 1993.

Escolha da profissão

A influência da escolha da profissão foi basicamente a influência da minha mãe mesmo. É importante compreender a mentalidade dela, porque foi uma pessoa educada em colégio de freira, sendo interna no colégio, porque naquela época as moças que queriam estudar e moravam em zona rural, não tinham condições, não tinha transporte, enfim tinha que ficar em regimento de internato nesses colégios. Então assim, foi uma educação sem uma visão muito ampla das possibilidades do que a sociedade teria pra oferecer em termos de profissão. Então ela achava que a única formação que estaria ao meu alcance em termos de minha capacidade intelectual, seria a formação do magistério pra ser professora. Apesar dela ter todo aquele discurso de que a mulher deveria se preparar para ter seu emprego e sua independência, independente de um dia casar ou não. Ela dizia muito assim: seu marido é o seu salário. Apesar de ela ter esse pensamento relativamente avançado, pra mentalidade dela, por outro lado ela tinha esse entrave, de achar que só tinha esse caminho. Tanto é que ela dizia a mesma coisa pra minha irmã, que é 03 anos mais nova que eu, só que minha irmã se rebelou, ela dizia: eu não quero ser professora, não vou fazer magistério. Ela fez o segundo grau e ingressou para a área de saúde, ela é enfermeira.

Na minha primeira escola tinha uma professora que me alfabetizou, que até dois anos atrás eu fiz uma visita a ela. Ela era uma solteirona e eu sentia que era o xodó dela, não sei se pelo meu desempenho. Eu acho que ela não tinha nenhuma formação, sabia ler e escrever mais não tinha um curso de magistério pra dar aula. Tinha suas limitações. Mas devido a escassez de pessoas preparadas então, em algumas localidades, pessoas que sabiam ler e escrever, enfim tinham um certo preparo, assumiam esse ofício. Eu me lembro que tinham umas cartilhas do ABC que eram bem fininhas, que vendiam em barracas, que tinha o alfabeto todo, os padrões silábicos e eu fui alfabetizada com aquilo.

Eu vivia em zona rural, mas na minha família agente nunca chegou a passar necessidade, de alimentação, de moradia. Minha mãe era professora, meu pai trabalhava também, quem mora em zona rural você tem muita facilidade, você planta, não tem ovo na geladeira, vai ali onde a galinha põe e pega o ovo. Mas a maioria das crianças que estudava nessa escola, eram crianças que passavam fome, eram crianças que no outro horário estavam trabalhando na enxada, no roçado. Na outra escola na sede do município já era outra realidade, mas era uma escola que não é como hj, que tem merenda o ano todo, chegava a merenda dava pra um mês

o resto do ano não tinha mais. Fardamento, material escolar, tudo quem tinha que comprar, era os pais.

Tem momentos que realmente bate um desestímulo muito grande, assim que terminei o mestrado fiquei sem buscar nenhuma oportunidade no ensino superior, por conta de algumas situações minhas particulares, 02 anos depois tive filho, aí passei quase uns 04 anos sem buscar isso, só foi a partir de 2009.

Aí eu pensava: quando eu me aposentar ou talvez antes, quando meu filho tiver um pouco maior, vou tentar ingressar no doutorado, que aí eu me aposentava e fico só com ensino superior. Mas hj eu confesso que já não tenho mais tanta vontade de buscar o doutorado, porque nessa experiência que eu estou tendo em algumas faculdades particulares, trabalhando com turmas no nível de especialização, às vezes é deprimente e frustrante demais, a forma como os alunos dessas turmas encaram o curso, a grande maioria é de pessoas que estão ali para só adquirir o grau e melhorar profissionalmente. Não tão afim de realmente aprender. O nível dos trabalhos que chegam as minhas mãos é de vc chorar quando vai corrigir. A maioria desses cursos funciona aos sábados, o dia todo, os professores trabalham durante a semana toda, então tempo pra estudar já fica bastante reduzido. Tem a questão de só adquirir o diploma e vai empurrando com a barriga, não são todos, mas é a maioria. Outra questão, não existe seleção, as instituições privadas só estão interessadas no lado financeiro. Então, eu praticamente já descartei a possibilidade de buscar o doutorado. Eu já estou pensando em investir em outro tipo de atividade pra quando eu me aposentar, que não vai ser na área de educação. Eu vou ter uma renda e vou estar sem trabalhar, então vou poder me dedicar a essa outra atividade. O que me fez permanecer na profissão, é que o tempo vai passando, houve uma época que eu pensava muito em estudar para arriscar algum concurso federal, para serviço burocrático mesmo, mas a concorrência muito grande, infelizmente eu não podia deixar de trabalhar e viver sem uma renda pra poder estudar, porque não tinha quem me mantivesse. Então hj, mas perto de me aposentar, com filho pequeno, não posso me dar o luxo de abrir mão de um vínculo que daqui a pouco vou ter uma aposentadoria...

Os professores da década de 70 (minhas professoras dos primeiros anos) eram muito mais despreparados, em termos dos conteúdos trabalhados, do que os professores de hj. Devido ao contexto histórico do país, a formação, então eu lembro que na 4ª série, a única coisa que eu aprendia era representar de forma numérica e gráfica a fração. Eu já tive turma de 4ª série, no estado, na década de 90, que praticamente a turma toda terminou o ano fazendo cálculos com números decimais, fazendo as operações com fração, foi uma turma maravilhosa.

Entraves do trabalho do professor

Hoje eu não consigo, porque os alunos chegam no 4º ano ou 5º ano sem saber ler. Então como é que vc pode avançar nos conteúdos se tem que parar e alfabetizar aquele aluno? É muito difícil para nós! A impressão que eu tenho é de que, nos últimos tempos, a sociedade vem jogando para a escola grande parte da responsabilidade que seria das famílias. Hoje em dia, muitas famílias matriculam seus filhos, porque existe toda essa questão do conselho tutelar, a fiscalização que criança não pode ficar fora da escola, mas não existe um acompanhamento por parte das famílias. Eu tenho experiência de famílias que trazem diariamente seu filho pra escola, mas não está nem um pouco preocupadas se o filho está aprendendo, está se comportando, se está estudando, só estão preocupadas do filho não ter falta para não cortar o dinheiro da bolsa família e da bolsa escola. Não resta dúvida que esse programa tem melhorado a situação de vida de muitas pessoas, de muitas famílias, mas eu acho que pra outras vem alimentando o ócio.

Segunda Transcrição

Nome: P6

Idade: 48 anos

Estado Civil: Divorciada e tem um companheiro (não tem filhos)

Graduação: pós-graduada

Tempo de experiência: 28

Carreira e influências

Eu comecei a trabalhar mesmo sem ser profissional, no tempo que tinha o PROAPE numa sala de crianças de 05 a 04 anos. Eu trabalhava com a professora, porque levava minha irmã e ficava lá. Eu tinha uns dezesseis anos, e fui me interessando, quando ela faltava eu ficava tomando conta e aí fui criando esse vínculo. Ela era uma professora muito boa, era uma escola de estado, e eu fui trabalhando... Depois trabalhei numa ONG, eu não era professora, eu era pesquisadora. Trabalhava com uma comunidade muito carente, pegava as pessoas para fazer parte da ONG, fui me envolvendo e depois a ONG me contratou para ser professora da pré-escola numa igreja batista. Fiquei lá trabalhando como estagiária, sem formação e sem professor me orientando, eu tinha uns 18 anos. Antes disso eu tenho uma irmã que também é professora, hoje já é aposentada. Aí eu ia pra sala dela, nos dias de festa, e eu achava superinteressante. E depois que eu me envolvi com essa sala de aula do pré-escolar, aí é que me deu mais vontade, eu vi que era aquilo mesmo.

Identificações

Tinha feito outras coisas, mas não me identifiquei tanto quanto professora. Aí foi quando tomei minha decisão em fazer o magistério, já tinha feito contabilidade, já tinha sido secretária, já tinha trabalhado numa empresa de cosméticos, como gerente da loja e isso era muito bom, mas não me trazia mais prazer como uma sala de aula, como educação em si. Então fiz o vestibular, que eu havia passado em biologia só que eu não quis. Como o dinheiro era pouco, não tinha como pagar o cursinho, então eu dei um tempo, fiz o magistério com 19 anos, comecei a trabalhar, esperei uma oportunidade, meu pai disse que se eu fizesse ele pagava minha faculdade, então eu fiz na católica e na federal. Passei na católica, terminei todo o meu curso lá e já estava ensinando. Trabalhei em alguns colégios particulares, mas não me identificava por conta da metodologia e da mentalidade dos professores que eram movidos pela remuneração, então coloquei por duas vezes meu cargo à disposição, como supervisora. Depois entrei na rede e pronto. Estou aqui, o trabalho é difícil, vc tem uma clientela diferenciada, em questão de vida, de tolerância, amor de família, a gente vê que o aluno quer mais o carinho do que aprender. Para ele é mais interessante pedir um colo e me dar um cheiro. Eles se desinteressam, não dão valor ao aprender. De 27 alunos só dois sabem pintar bem, o resto não tem nenhum apreço, nenhuma preocupação, ninguém fala para eles que eles podem, só eu, que fico somente 04 horas com eles.

Eu era caçula de 05 irmãs do 1º casamento, elas estudavam, e do 2º ela teve mais 03 filhas, somos 08 no total, só mulheres. Eu via todas elas estudarem, todas são formadas, acho que isso deve ter me dado algum suporte, pra eu estudar também e querer ensinar. Elas me ajudavam nos meus trabalhos, nós tínhamos muitos livros, minha mãe se preocupava muito que a gente estudasse e ela dava esse suporte, meu padrasto também. Só as últimas 03 que não são. São 03 em pedagogia, 01 em enfermagem e 01 em letras. Eu era metida em politicagem,

era do PCdoB. Nos meus 14 anos sempre fui muito crítica, eu participava dos movimentos da igreja católica, eu era evangélica, mas me metia na igreja católica. Não tinha essa questão de religião, a gente queria uma coisa só e a gente tinha que defender. Participávamos de palestras, conferências, aonde tinha o pastor Leonardo Boff, nós estávamos lá. Ele também era muito influenciado por Paulo Freire, eu fiz um curso com Paulo Freire, trabalhei com ele, então tudo isso me levou a gostar do que eu faço, e eu faço com muito prazer. Minha infância foi muito boa apesar de ser castradora, porque minha avó era muito castradora, mas nós tínhamos um espaço imenso, cheio de árvores para a gente brincar, ela não deixava ninguém brincar fora. Eu sempre fui muito questionadora e observadora, ficava só calada observando. Depois a gente foi crescendo, cada uma foi escolhendo fazer aquilo que mais gosta, nós éramos muito unidas e assim foi.

Depois nasceram as três, as minhas irmãs ficaram meio contrariadas porque ia sobrar pra elas, que eram as mais velhas e iam ter que tomar conta, porque minha mãe trabalhava e meu padrasto também. Mas a gente foi aceitando, porque queríamos ter as coisas e a gente só poderia ter se ela trabalhasse. Todas casaram, têm suas casas...

Influências

A minha professora da 4ª série. Nós morávamos em Tijipió, eu estudava no Aníbal Falcão, ela era fantástica, eu não sabia desenhar e agente ia fazer o desenho do sítio do pica-pau amarelo. Como eu não sabia desenhar, eu pintei do meu jeito e fiz porque ela mandou. Todo mundo decalcou, um menino desenhava muito bem, fez perfeito e o meu ganhou porque ela aceitou o meu jeito de fazer. Eu achava que ela era fantástica, eu acho que ela trabalhava no construtivismo e eu acho que isso também me influencia. O construtivismo, como todo método, toda teoria tem a parte boa e a parte ruim, então eu pego de tudo um pouco. E ela fazia isso. Hoje eu entendo, se foi bom para mim, é bom para meus alunos.

Relação com a profissão

Tem horas que me sinto impotente, fico pensando no que fazer, aí começo a ter ideias, pego os livros, eu tenho muitas coleções, pesquiso uma coisa e outra, monto atividades, aí isso vai dando forma ao meu trabalho. Eu não desisto porque eu sou muito persistente, porque pra me derrubar tem que ser maior. Mas eu acho que vale a pena. Porque se vc não ajuda a criança, se ela está na 1ª série ela não sabe nada, se ela aprende o ABC, ela já sabe de mais alguma coisa. Você dando atenção, conversando, dando carinho, afago, isso vai refletir de alguma forma na vida dela, ela vai saber que não estava só.

Escolha

Eu não me vejo fazendo outra atividade podia até ser advogada, era o meu sonho ser, mas com o tempo, eu não tive condições de fazer um curso, tive que trabalhar. Eu poderia até ser também, mas não só, minha profissão é isso mesmo que eu gosto é isso mesmo que eu quero. Todos os anos pra mim é um desafio, eu nunca faço do mesmo jeito, todos os anos são diferentes. Eu tenho todos os meus planejamentos desde que eu comecei a trabalhar, mas eu nunca abrir um para copiar, sempre busquei melhorar.

Dificuldade – Desvalorização da profissão

O que mais me intriga é o olhar das pessoas é como se estivessem dizendo: poxa eu tenho pena de você! O meu ex-marido era auditor fiscal e político aposentado, então ele dizia: eu

não sei como você aguenta um negócio desse, ganha pouco, trabalha muito e não tem sossego. Eu tenho pena de você! Eu dizia para ele: você não precisa ter pena não eu sou uma profissional e estudei para isso. Ele dizia para seus amigos assim: essa aí é uma sofredora! Eu tinha uma raiva e dizia a ele: nunca mais me trate desse jeito. Ele dizia que pagava para eu trabalhar para o prefeito, porque eu comprava do dinheiro dele, papel, cartuchos, impressora, materiais que eu precisava para trabalhar. As próprias mães dos alunos dizem: não queria, de jeito nenhum, nada desse mundo pra trabalhar com esses meninos. Você tem muita paciência Cassia! E eu respondo que me formei para isso.

A relação com os colegas

Nós temos uma parceria, a diretora, a vice, todo mundo que vai chegando, mesmo que não queira incorpora. Porque ninguém consegue trabalhar só. Eu mesma não consigo fazer o meu trabalho sem partilhar. A gente tem um conselho de ciclo que faz isso, quando agente não faz, sentimos falta. A gente diz que também é uma hora pra fazer terapia. A gente vai ajudando uma a outra. A escola, graças a Deus, a diretora e a vice, vão pra sala, brigam pelo aluno, veem o que está faltando. O dinheiro não chegou, tiram do bolso e compram. Essa biblioteca aqui foi uma luta delas duas, são pessoas que dá gosto trabalhar. São pessoas humanas.

Mudanças no percurso/ Professor prático e acadêmico

As mudanças acontecem todos os dias. O que mais ajuda a mudar a mim e a minha prática são os meus alunos. Você estudar é muito fácil, pegar o livro ler, agora quando você coloca aquilo na prática é meio complicado. Muita coisa que você lê não é o que está na prática. Acho que a minha prática foi o que deu a mudança significativa na profissão. Eu passei 5 anos sem trabalhar em sala de aula, mas estava sempre perto de minhas amigas que eram professoras e quando eu entrei na rede eu acho que foi minha maior mudança. Porque eu tinha trabalhado em escolas particulares, e o que eu vi quando cheguei era tudo muito diferente do que eu tinha visto lá. Então, isso me deu um suporte muito grande para minha metodologia, minha visão de vida. Eu era uma pessoa que comprava roupas caras, andava chique e vi que aquilo não era nada. E isso pra mim foi uma mudança pessoal e profissional. Eu aprendi muito mais. Você vê nessa proposta de educação que o governo implanta, mas q gente sabe muito bem que não funciona desse jeito. Mas pra eles... eles nunca estiveram aqui. Eles nunca irão saber, quem sabe somos nós. Uma vez fui para uma palestra e nós discordamos completamente do palestrante, e ele veio dizer que não sabia que era assim. Ora, como não sabia?

Final/ condições/ desistência da profissão

O professor é um eterno pesquisador, apesar de todas as atribuições de enfermeiro, palhaço, psicólogo, pediatra, nós somos ainda pesquisadores, porque você sábado e domingo você trabalha, feriado você também trabalha, isso se você quiser fazer um trabalho bom né? A educação poderia estar em outro patamar, no entanto não há interesse. Muitos professores estão fora, de uma turma de 60 alunos que estão se formando, só sai 10 formados. Eu canso de ver meus amigos que ensinam na universidade dizerem que uma turma começa com 40 e termina com 5, 3 alunos. Há um déficit imenso de professores, matemática, química, física, a minha cunhada é professora de biologia e ensina matemática. Ainda queriam jogar ela pra inglês, ela disse que não fazia isso porque já era loucura. Pra você vê como as coisas se fazem de qualquer forma. Dinheiro tem e todo mundo ganha, mas o aluno não ganha em termos de aprendizagem. É muito complicado, educação nesse país é muito complicada porque não existe interesse. É só isso! O pobre tem que ser pobre pra trabalhar para os filhos dos ricos

que estudam fora do país, e depois voltam pra cá para serem donos de empresas, políticos... Eu tenho esperança que a educação pode mudar, mas eu acho que vai demorar muito. Daqui que apareça alguém que se interesse, essa pessoa vai ser mal vista, perseguida, então vai ser difícil.

Terceira Transcrição

Nome: P7

Idade: 52 anos

Estado Civil: Separada (03 filhos e 02 netos)

Escolaridade: graduada em pedagogia, pós-graduada em psicopedagogia e atualmente está fazendo em coordenação pedagógica.

Tempo de experiência: 23 anos

A minha infância foi muito boa, naquela época eu podia brincar com meus colegas na rua, eu tinha mais liberdade do que as crianças de hoje em dia. Tive uma professora que foi desde a alfabetização até a 4ª série do fundamental. Essa professora foi marcante na minha vida, porque além dela ser da vizinhança, ela sempre procurava colocar limites em mim, ela sempre estava me ajudando a crescer como pessoa me educando. A minha adolescência também foi uma fase boa na minha vida, apesar de ter casado nova, porque eu casei com dezoito anos, eu continuei estudando, mesmo tendo essa responsabilidade mais cedo. Tive 03 filhos.

Eu fiz o fundamental numa só escola, que foi com essa professora, D. Dolores. Era uma escola de bairro, perto da minha casa. Depois eu fiz o ginásio também numa escola da rede privada, mas já era uma escola maior e depois fiquei sem estudar por 2 anos para casar. Tinha concluído a 8ª série. Depois tive a necessidade de voltar a estudar, aí eu cursei o científico. Na verdade eu queria fazer medicina eu não tinha vontade de ser professora, nem me passava pela cabeça. Mas eu tinha um marido meio rude e ele não aceitava que eu fizesse medicina não. Eu queria trabalhar com crianças, aí foi quando minhas colegas perguntaram por que eu não fazia pedagogia. Então eu fui fazer pedagogia e foi na universidade que eu comecei a perceber que era para ser um profissional da educação, ser professora. Foi quando eu resolvi fazer o magistério, quando eu comecei a me identificar com que eu estava estudando. Então eu fiz o magistério especial que era de 1 ano e 6 meses, gostei e continuei. Até hoje estou dentro dessa área e gosto de atuar nela, me realizo profissionalmente com ela.

Acontecimentos importantes

Acontecimentos importantes na minha vida foi o nascimento dos meus filhos. Foi bom porque eu pude ajuda-los nesse processo escolar eu mesma pude orientá-los nessa caminhada de vida educacional deles.

Outros modelos

Na verdade D. Dolores era uma professora muito rígida, ela era muito tradicional, inclusive ela chegou quase a ser freira, depois desistiu. Ela era professora lá no convento que morava. Apesar de ser durona ela conseguia ensinar sozinha e fazer um trabalho muito bem feito. A gente conseguia aprender de fato com ela. Ela foi um exemplo pra mim, até porque ela passou muito tempo na minha vida me orientando e eu gostava dela. Eu gostava do jeito de ser dela,

porque mesmo ela sendo muito durona, ela conversava, ela lhe explicava porque ela estava sendo, ela lhe orientava para a vida.

Caminhada Profissional (investimentos)

Ao longo desse tempo foram surgindo novas práticas de educação, mudanças na metodologia, eu tive que realmente procurar me especializar mais. As escolas que eu trabalhei sempre me motivaram a fazer formação continuada. Elas trabalhavam dentro da linha construtivista, e me motivava estar sempre procurando me aperfeiçoar nessa área. Daí eu senti a necessidade também de fazer uma pós-graduação, até porque hoje em dia o professor que tem um título torna-se mais qualificado. Dá a possibilidade de uma maior remuneração, principalmente pra entrar na rede pública.

Só tenho 02 anos de rede municipal, não tenho muito tempo. Eu sempre trabalhei em escola privada, então também eu não pensava em fazer concurso público, porque eu tinha uma vida estável. Depois foi que eu senti a necessidade de ter mais segurança, porque na escola particular quando você não está mais atendendo as necessidades dela, coloca o profissional para fora. Na rede pública você passa a ser concursado e você passa a ter certa estabilidade. Então eu resolvi fazer o concurso.

Relação com o trabalho e colegas

O desempenho do professor na rede pública torna-se mais difícil, porque a gente tem uma clientela que não tem muita formação cultural e aí por mais que você queira inovar, fazer diferente, demora muito tempo, até para você adaptar as crianças. Embora a rede municipal tenha recursos muito bons para você dar uma formação de qualidade, mas a indisciplina das crianças é tão grande que você passa pelo menos 02 meses em adaptação, para poder conseguir começar a trabalhar. A minha relação com os colegas é boa, estamos sempre juntos, a gente procura dividir tudo. Eu nunca tive dificuldade em me relacionar com ninguém. É uma relação de troca.

Final

Se eu tivesse que escolher de novo a minha profissão eu voltaria a escolher ser professora. Porque é uma coisa que me dar prazer de fazer, eu não me vejo em outra profissão. Eu sinto até falta, às vezes no final de semana, período de férias eu sinto falta de estar em sala de aula, eu realmente gosto de estar em sala de aula. Embora a gente tenha muita dificuldade hoje, até por conta dessa questão disciplinar mesmo, eu tenho o prazer de trabalhar como professora. Hoje em dia a gente tem muitas formações, a rede dá abertura e condições para o professor se especializar a cada dia e melhorar a prática da gente.

Quarta Transcrição

Nome: P1

Idade: 49 anos

Estado Civil: Separa (filha com 16 anos)

Escolaridade: Não fiz magistério, fiz direto o curso de pedagogia 1999 e me formei em 2004

Tempo de experiência: 07 anos que está na rede municipal

Sou relativamente nova na área, vim de iniciativa privada e estava sempre a frente de trabalhos administrativos. Então quando eu estava no 3º terceiro período de pedagogia, eu vi a necessidade de conhecer o universo da escola. Eu entrei no estágio, depois fiz o concurso pra rede, quando eu terminei o curso de pedagogia em 2004, com 30 dias eu fui nomeada e eu entrei em sala de aula. Eu já tinha alguma experiência porque passei um ano no estágio. Eu trabalho com alfabetização, como eu fiz o 2º concurso agora eu assumi um 5º ano. Estou tendo um pouco de dificuldade porque é uma coisa nova para mim, eu era acostumada com outra faixa etária. Trabalhar com pré-adolescente é outra dinâmica, eu estou aqui só há 30 dias.

Referências

Desde a minha infância que eu tinha uma tia que ela olhava pra mim e dizia que eu ia ser professora, não sei por que ela dizia isso? E aí deixou um anel de herança, porque essa tia morreu quando eu tinha 13 anos. Eu nunca levei isso muito a sério, eu era criança, sempre gostei de estudar, sempre fui autodidata, sempre perseverei. Eu estudava, muitas vezes, até o que o professor não dava em sala de aula, eu sempre fui rata de biblioteca, sempre gostei de ler, lia um livro atrás do outro, sentada numa cadeira de balanço. Minha mãe era do interior e ela dizia assim: menina, tu lê demais, vai emporcalhar a cabeça! Tinha um horário lá em casa de apagar a luz, aí eu tinha que parar de ler e ir dormir. Eu tinha também um avô, que contava histórias. Apesar dele não ser alfabetizado, quando a gente ia para o interior ele contava aquelas histórias aqueles causos de Pedro Malazarte e a gente dormia com aquelas histórias, ele era uma pessoa simples mais tinha um cuidado de ser um contador de histórias. Hoje eu vejo a importância disso, porque são laços familiares importantes e eu vejo a valorização da leitura, da compreensão, isso vai tecendo o indivíduo ao longo da sua vida.

Escolhas e caminhada

Eu tentei ainda fazer o curso de direito, eu passei na 1ª etapa, mas depois não passei na 2ª. Eu estudei sozinha para entrar no vestibular, na realidade eu olhei o curso de pedagogia, e vi que existiam muitas vagas aí achei que assim eu iria entrar, eu não sabia nem o que era ser pedagoga, essa era a verdade. Toda tarde minha filha ia pra escola e eu entrava num seminário batista, por que ninguém me conhecia, eu sou muito falante, e ali eu estudava sozinha pra fazer o vestibular. Eu passei na UFPE e coloquei para 2ª entrada por que estava bem cansada de estudar e aí comecei o curso de pedagogia. Durante o curso eu tive momentos de pensar assim: eu vou fazer o curso superior e eu fazia alguma coisa para as áreas administrativas, porque os concursos estavam sumindo em nível médio e teria que ter um nível superior até pra competir. Quando cheguei no curso de pedagogia, inicialmente eu estava me adaptando... Resolvi ir para estágio para verificar como era aquela profissão, mas sempre eu levei a sério, mesmo tendo aquela desmotivação porque a prática é bem diferente da realidade da faculdade. Mas eu sempre tentei fazer a ponte, sempre pensei no que eu poderia fazer, o que eu poderia ler para me ajudar, o que poderia usar como estratégia, sempre fazendo a ponte entre o que eu estou lendo, aprendendo, ou até o que eu não estou concordando, porque a gente vê pessoas que fazem a pesquisa mas não estão nesse mundo, quem está com a mão na prática é quem tem mais condições de se colocar. Eu já sofri um bocado, porque na sala de aula você encontra pessoas diferentes, com cada uma você tem que ter um trato diferenciado, você tem que fazer uma leitura do indivíduo. A gente avalia o tempo todo, a gente avalia o nosso trabalho, o que não foi bom, o que a gente poderia mudar, melhorar, é um espelho, é você se olhar e olhar o outro. É tentar ajudar no que pode, buscar os parceiros na família, tentar ver o que podemos fazer junto aquela criança. Porque a criança está ali precisando tanto

de um apoio escolar como familiar. Eu gosto de ser professora, mas eu não gosto da falta de respeito do aluno, às vezes jogamos muito tempo fora, perdemos muito tempo só em dar educação doméstica. O trabalho de professor já é muito estressante e que ele não só cuida de dar o conhecimento ou ser o mediador, mas a gente encontra várias problemáticas, criança que não tem afetividade em casa, outra que não tem acompanhamento, a que se administra sozinha, ou a que está numa fase polêmica da vida, até porque ela está numa faixa etária maior do que as demais crianças da sala. Você passa 2/3 do tempo só resolvendo questões. Eu sou uma pessoa que apesar de ter entrado de paraquedas na profissão, mas eu sei ser profissional, tenho responsabilidade e compromisso. Eu gosto de ser professora, mas o que eu não gosto é da falta de disciplina, é trabalhoso, é cansativo. O professor hoje tem várias doenças ocupacionais, estresse, depressão, síndromes, isso aí é um termômetro pra se pensar a profissão. Outro dia liguei a TV e estava passando uma entrevista que falava que a profissão mais estressante e que estava em 2º lugar era a de professor. Não deveria ser assim, não é?

Situação da profissão

No ano de 2010 eu terminei uma especialização em alfabetização que foi a prefeitura que proporcionou pra gente. Eu tenho mais experiência e gosto mais de alfabetização. A profissão de professor não é fácil. Agora mesmo nós tivemos esse concurso que a prefeitura chamou 650 profissionais. Desses 650, 150 pediram exoneração já. De repente o MEC coloca a disposição livros, equipam as bibliotecas, dar formação do professor, colocar educação à distancia, curso de extensão, até mesmo pós-graduação a nível de especialização, tudo isso é importante. Mas a gente tem que ver que esse é o lado que o sistema tenta suprir. Acho que falta a sociedade civil valorizar isso, uma criança que vem pra escola com bolsa família, com merenda, com biblioteca, com professora com especialização, recebem livros, sapatos, não aproveita isso, a gente tem aqui tb uma coisa a se olhar: que a família não está fazendo o papel dela. Aqui tem crianças que moram em casas terríveis, não se consegue resolver essa problemática que é uma problemática social bem maior. São diversos olhares, cada indivíduo é diferenciado, cada um tem uma necessidade. Quem está na profissão tem que ter esse olhar. No dia que eu resolver que não quero ser mais professora, eu vou sair, não vou ficar enrolando. Já vi professor dormir em sala de aula, quando está perto de se aposentar, já está bem cansado. Daqui a algum tempo vai faltar profissional para o trabalho de professor.

Jornada de trabalho

Hoje meu tempo é menor, já não tenho mais tempo de ficar na cadeira de balanço lendo. Eu tentei muito não trabalhar os dois horários, porque eu sei que meu trabalho fica muito melhor quando a gente tem mais tempo para planejar. Isso ainda é uma luta do nosso sindicato. Quando a gente vai pra casa, descansa, pega o material faz o projeto, depois do projeto pensado, a gente vai pegar o material vai ver o que a gente pode trazer para as crianças, pedir pesquisas, orientar. Dois horários ficam complexos, porque eu chego em casa exatamente as 07h da noite, fica impossível. Eu comecei a adoecer, eu estou pensando em fazer alguma atividade, uma hidro ginástica ou fisioterapia, porque o que eu não quero é entrar em remédio controlado por causa do estresse.

Referências e influências (outras)

No ensino fundamental, eu tive professores que eram uma dupla, eram irmãos. Na época eles emprestavam livros deles próprios, pra gente lê, tive bons professores de português. Minha mãe começava a trabalhar as 04h da manhã, encerrava as 05h da tarde e a noite

colocava um candinheiro na cabeça, andava léguas para aprender a ler. Porque ela dizia que não ia morar ali, que as condições de vida eram bem difíceis, ela trabalhava na inchada, ficou viúva logo cedo e teve que ir trabalhar. Aquela minha tia, que me influenciou, ela me pedia para ler os salmos e quando eu tinha 07 anos minha mãe me colocou no reforço, então quando eu entrei na escola eu já sabia ler. Aí a professora queria me passar para o próximo ano, mas minha mãe, mesmo sem ter aquela educação, ela só sabia ler e escrever, não deixou que eu passasse para a outra série. Meu pai tem uma história de vida diferente, a mãe dele se separou, deixou ele com o pai e ele não teve condições de cuidar. Então cada um teve que trabalhar em um lugar e não teve condições de estudar. Aí quando ele se casou com minha mãe ela colocou ele na escola, mas ele tinha toda uma resistência de aprender a ler, até hj meu pai não sabe ler. Se eu tivesse mais tempo e morasse mais perto até que eu ensinaria, meu pai gosta daquelas emboladas, ele consegue aprender números, assina o nome dele, mas leitura ele não consegue. Mesmo assim ele conseguiu sempre trabalhar. Hoje nós temos uma realidade bem diferente, as pessoas precisam de escolaridade para ser mão de obra especializada. A escola pública por mais dificuldade que ela tenha, está aí. Acredito que ela não caiu ainda porque têm profissionais compromissados, que se incomodam de ver a realidade.

Minha mãe não podia comprar os livros e a escola não dava como dar hoje, então eu ia para casa de uma colega copiar as tarefas do livro. Veja só, isso é interesse, é estar motivado. Quando eu fui pra federal eu descobrir que eu não sabia escrever, eu lia muito, mas não escrevia. Hoje eu me apropriei.

Percurso de vida / mudanças/ futuro

Eu faço os cursos de formação continuada que a rede proporciona. Teve um ano que eu participei do projeto professor alfabetizador, que era um projeto que a gente entrava nas escolas e que deu muito certo, mas que quando mudou de prefeito a prefeitura parou. Fiz especialização em alfabetização, já o mestrado, estou bem tentada a fazer este ano, mas é uma coisa ainda mais um pouco para frente. Se eu conseguir fazer um bom trabalho em sala de aula, pra mim está muito bom, está ótimo! Eu não me preocupo muito com título, a minha percepção é que o título é uma coisa boa, vai me dar mais dinheiro, vai me dar condições de ir para uma universidade, mas se eu estiver fazendo um trabalho que eu estou me sentindo bem, estou tendo um retorno do que estou fazendo e estou em paz comigo mesma, amanhã eu posso até fazer um mestrado, eu já vi que eu tenho condições. Eu não me preocupo muito com título, mesmo porque eu já estou com 49 anos, eu não quero mais tanto estresse na minha vida. Eu já tenho duas salas de aula, pode ser que amanhã eu mude de ideia, eu gosto de políticas públicas, formação de professores... Nossa carga horária é grande, as histórias de vida influenciam...

Quinta Transcrição

Nome: P8

Idade: 55 anos

Estado Civil: casada (03 filhos adultos, inclusive uma filha casada)

Escolaridade: Magistério, Pedagogia e pós- graduação (fundamentos na EJA).

Tempo de Experiência:

Caminhada profissional e Escolhas

Há alguns anos atrás era comum as meninas da casa fazerem magistério, minha irmã mais velha tinha feito então naturalmente eu fui para o magistério. Só que eu não me identifiquei muito, não me vi como professora. Nessa época eu estava com 18 anos quando terminei e aí fiz vestibular para economia porque o curso do momento, que estava dando dinheiro nessa época era economia, não sabia nem o que era. Entrei para faculdade, só que a minha casa é numerosa eram nove filhos e minha mãe me disse que eu precisava trabalhar. Mas não queria trabalhar como professora, não gostava. Logo, logo consegui um emprego, o primeiro lugar que fui fazer a entrevista, os testes eu fiquei. Tinha ainda 18 anos, depois arrumei namorado, casei aos 21 anos, aos 25 anos eu já tinha os 03 filhos. Enfim, como vou fazer para trabalhar agora com 03 filhos? Porque em princípio minha mãe ficava com eles, mas depois ela começou a cansar... Eu não me via sem trabalhar, aí apareceu nesse momento um concurso da Prefeitura de Recife. E assim eu pensei que este seria meu caminho, sairia de casa pela manhã deixava meus filhos na escola ia trabalhar e voltava para casa para ficar com eles, conciliava a minha situação. E assim foi, saí da empresa que eu trabalhava que era uma multinacional, ganhava bem melhor, mas eu não tinha mais como ficar tive então que optar por esse caminho porque se eu ficasse em casa acho que eu pirava. E aí permaneço nele (no emprego) a 25 anos. Eu não acabei o curso de economia, dois anos depois que havia iniciado eu parei. Já estou no final de carreira, esse ano eu me aposento da prefeitura mais continuo com o estado, porque entrei depois. Entrei na rede municipal com magistério, assim que eu pude eu fiz o curso de pedagogia e logo depois fiz a pós-graduação (EJA). Com 06 anos que eu estava na prefeitura, o estado ofereceu também o concurso, aí eu fiz e entrei também. Na prefeitura eu trabalho com educação infantil e no estado eu fui para o EJA (educação de jovens e adultos) à noite. As coisas foram acontecendo e eu fui pegando as oportunidades que vinham surgindo. Ao todo tenho 35 anos de trabalho, mas com educação tenho 25 anos.

Infância/pessoas/ acontecimentos importantes

Eu morava num bairro popular onde a maioria das pessoas não sabia ler, escola pública ainda era uma coisa escassa, mas minha mãe era persistente e dizia que a gente tinha que ir para escola. Só que naturalmente acontecia, quando ficávamos adolescentes, as meninas iam fazer magistério e os homens iam se espalhar no mundo. Sem contar que a minha irmã mais velha também já tinha feito magistério, isso também influenciou. Na verdade eu desconhecia tudo para ser capaz de tomar alguma decisão ou fazer alguma escolha. Eram nove filhos e era muito difícil que alguém pudesse orientar nesse sentido. Eu morei naquelas casas maiores com muito espaço, muita árvore, eu tive uma infância nesse sentido muito boa. Porque a gente era completamente livre, mamãe era sozinha pra tomar conta da casa e dos nove filhos então não tinha como ver o que a gente fazia. Na verdade a gente resolvia pra onde ia, resolvia o que fazer, como brincar, os tempos eram outros. Meus pais vieram do interior, então a nossa formação foi um pouco interiorana, uma educação mais brejeira, um pessoal simples, de visão pequena. O que a gente aprendia na escola era muito pouco, eu fui aprender a ler com quase 08 anos de idade.

Escolha

Não teve nada muito especial para essa escolha não.

As coisas foram caindo meio que de paraquedas, eu escolhi magistério porque todo mundo fazia isso e dos 18 aos 21 anos eu não usava. Eu usei circunstancialmente, porque não tinha com quem deixar meus filhos. Tudo por força das circunstancia mesmo.

Relação hoje com o trabalho

Eu sempre fui uma pessoa sociável, de fazer amizades, manter diálogo. Eu diria que foi um percurso tranquilo. Claro que a gente vai envelhecendo, vai cansando, eu contei regressivamente durante esses dois anos, eu venho sempre dizendo um dia é a mais, um dia é a mais. Porque para a maioria o final é muito complicado o cansaço é imenso. Hoje eu estou com uma sala mais eu mesma digo: coitados desses alunos! Você já não tem muita coisa mais para oferecer, porque você já está esvaziada. A sensação é essa e eu estou ainda regressivamente contando os dias e louca pra me livrar daqui, porque eu sei que eu não tenho muito mais o que passar pra elas, você cansa de verdade. Há uma diferença muito grande dessa realidade em relação aos limites das crianças desde meu começo de carreira para agora. Antigamente existiam crianças pobres também, mas existiam os limites, hoje é ilimitado. É difícil você conversar, passar alguma informação e é difícil você se afeiçoar. Eu sei que essas crianças não têm culpa, são vítimas dessa situação. Talvez eu tenha sido tão pobre quanto eles, mas não tinha esses problemas da violência, agressão, hoje é tudo mais acentuado. Se você me perguntar com o que eu gostaria de trabalhar, eu não quero mais trabalhar com educação, de verdade. Em se tratando de educação infantil, que são os anos iniciais, de 0 a 3, eu acho muito bom.

Final / O que representa ser professora

O professor é uma referencia muito forte, muito definitiva na vida das crianças, especialmente hoje que as mães estão muito ausentes. Não sei se escolheria essa profissão se tivesse que começar de novo. É muito difícil pensar sobre isso. Eu abracei a causa e tentei me inserir, temos que tentar fazer. Acho que a gente tem essa obrigação mesmo. Não é nem por um favor, você tem que entender que aquilo ali não um sacerdócio, mas um trabalho. Você precisa desenvolver seu trabalho.

Sexta Transcrição

Nome: P2

Idade: 38 anos

Estado Civil: Divorciada (um filho)

Escolaridade: Magistério, Pedagogia e Psicopedagogia (pós-graduação).

Tempo de experiência: 12 anos ao todo, 03 na rede municipal.

Eu fiz magistério e terminei em 1991, quando eu tava com 18 anos. Em 1992 comecei a trabalhar em escolinha particular, escola de bairro.

A minha escolha pela profissão, foi uma escolha muito pessoal, embora na família tivesse pessoas que faziam pedagogia, magistério, então eu tinha essa vontade. Eu lembro quando eu tinha 12 anos que eu pedi pra minha mãe comprar um quadro, pra mim aquilo era o máximo eu fazia escolinha em casa. Chamava outras crianças para brincar de escola. Eu lembro que minha mãe dizia assim: professora ganha muito pouco, até a própria vizinhança dizia que não tinha futuro, mas mesmo assim eu gostava. Foi por uma questão de gosto mesmo e identificação. Sempre me identifiquei com Educação Infantil porque quando eu estagiava nas turmas de 3º e 4º ano as crianças eram muito trabalhosas e eu pensava desistir de ser professora. Trabalhei 09 anos em escola particular na Educação Infantil, depois fui trabalhar

com creche na prefeitura durante 03 anos, atuei como ADI (auxiliar do desenvolvimento infantil), era muito cansativo. Eu trabalhava 08 horas e não me dava condição de ter outra coisa, outro emprego, aí acabei fazendo outro concurso. Fiz a seleção simplificada no ano passado e peguei esse ano turmas do ensino fundamental, apesar da experiência ser com crianças pequenas, mas é pra mim um desafio. Hoje o aluno tem todo o direito de participar, de interagir, dar suas ideias, agora tudo tem que ser com limites. Eles não podem fazer o que querem, porque aí vai para o caminho de desrespeito ao professor. A gente convive hoje com violência na escola, agressão, que passa pelas questões e histórico familiar.

Referências

Embora tivesse por parte da minha mãe duas tias que queriam ser da área de saúde, acabaram sendo professoras. E eu sempre dizia que queria ser professora, estava decidida. Não me arrependi não, acho que tudo na vida é válido, embora a gente encontre as dificuldades, a questão salarial, aborrecimentos, mas estou aqui... Agradeço a Deus, por tudo que eu tenho, vamos tocar pra frente. Se tiver outras oportunidades na área mesmo de educação, educação infantil que é minha preferencia, vou aproveitando. Tive professores bons, que nos incentivavam, faziam com que a gente acreditasse isso também conta muito pra postura do professor, pra profissão, embora que sacrificado. É uma profissão que ainda é admirável, apesar de que hoje em dia, através das pesquisas, poucas pessoas optam pela curso de pedagogia. Devido à violência que está aí fora, Isso vem intimidando as pessoas a procurarem a profissão. A gente vê em jornal e revista: aluno ameaça professor, então quem pensa em fazer pedagogia, termina não fazendo mais. Que a algum tempo atrás não existia essa tamanha violência como existe hoje, talvez se fosse hoje eu já pensasse duas vezes antes de fazer. Hoje os professores estão desestimulados justamente por conta dessa falta de respeito mesmo, dessa agressão.

Ser Professor

Eu estou aqui porque ainda acredito que eu posso ajudar, que essa criança, pré-adolescente, adolescente, amanhã ele pode ser alguém na vida. E que você está semeando, um pouco que você faz, lá na frente vai repercutir de alguma forma. Eu sempre digo que a saída de uma sociedade é ainda a educação. É uma profissão que precisa estar buscando a informação, se aperfeiçoando, pesquisando, a gente tem que estar estudando. Eu tenho vontade de fazer mestrado, hoje em dia você vai fazer um concurso tem que ter titulação, isso ajuda muito também. São planos para o futuro, eu acho difícil entrar na federal! Mas a gente tem que estar sempre dando continuidade.

Mudanças significativas

Quando você inicia uma carreira profissional, você vai ter dificuldade, desânimo, você fica desacreditada, mas eu acho que você tem que tentar, avaliar, enfrentar, não desistir, a não ser que você veja que não é aquilo que você queria. Já vi professores desistirem porque não era nada disso, não gostaram, não se identificaram, não querem nem saber de sala de aula. Então se eu estou aqui é porque gosto, não adianta você está no trabalho fazendo o que não gosta, senão você vai trabalhar mau humorado, estressado. Então eu acho que quando a gente faz o que gosta tudo flui.

Final

Hoje não se tem, mas a desculpa de dizer que o filho não vai para a escola por falta de dinheiro, ou porque não tem fardamento, alimentação, livros ,materiais, hoje tudo tem, eu já estudei em escola pública e minha mãe tinha que comprar os livros, bolsa, fardamento, tudo. Hoje em dia tem tudo, mas em contrapartida tem outras dificuldades. Eu penso e sugiro que precisa ter a presença de um psicopedagogo nas escolas, onde pudesse atender as famílias, aí você pode ajudar, fazer alguma coisa. Essas crianças que tem dificuldade de aprendizagem, os professores até tentam fazer alguma coisa, mas não conseguem. Algum problema tem, não é? Mas as famílias não têm dinheiro pra pagar um psicólogo. Os pais não dão assistência aos filhos, não têm interesse.

Sétima Transcrição

Nome: P3

Idade: 44 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Magistério, Pedagogia, Pós-graduação em Coordenação Pedagógica.

Tempo de Experiência: na rede municipal 07 anos.

Eu não tive outras experiências antes, apesar de ter feito o magistério (1983 a1985), que na verdade eu entrei nesse concurso com o magistério, mas eu nunca tinha trabalhado na área. Em 1988 fiz o concurso do estado e fui aprovada, foi na época de Arraes e tiveram algumas confusões, acabou que eu não fui nomeada e eu fiquei muito chateada, muito decepcionada. Aí entrei em outras áreas, fui fazer outras coisas e deixei pra lá. Só um tempo depois foi que eu resolvi retomar, prestei concurso pra prefeitura e estou aqui até hoje.

Infância / adolescência / escolha

Na verdade eu nunca nem pensei em ser outra coisa. Eu sou do interior do Piauí, de uma família de professoras, minha avó que é a 1ª professora do município, minha mãe era professora e lá a gente não tinha muita oportunidade porque eu sou de uma cidade do sertão do Piauí, então pra a gente estudar, a maioria eram meninas, tínhamos que sair para uma outra cidade maior e cursava a escola normal, fazia o magistério. Pra mim isso foi muito natural, eu nunca nem pensei eu fazer outra coisa, porque eu queria muito ficar no interior. Não era meu plano sair, mas quando terminei, em 1985/1986, a gente não vivia numa democracia, meu pai sempre foi da oposição, a política na cidade grande já é difícil, imagina numa cidade pequena. Não tinha essa história de concurso, então não tinha oportunidade de conseguir um contrato para trabalhar nas escolas. Acabei mesmo, por necessidade, vindo pra Recife, mas eu nunca nem pensei em estudar outras coisas. Mas aí quando cheguei, acabei fazendo faculdade de psicologia e quando chegou na metade do curso eu desisti, vi que não era a minha praia. Aí prestei vestibular para história que era o que realmente queria, aí fiz licenciatura em história na UFRPE. Ser professora é tudo o que há de bom, apesar das dificuldades. Ser professora foi minha vontade, meu desejo, minha escolha.

Quem sou eu

Minha irmã queria muito que eu fizesse direito porque tinha mais oportunidade. Ela fez economia, vive muito bem, ela é auditora. Um irmão fez contabilidade, outra irmã fez enfermagem e eles diziam que eu não precisava ser professora, mas eu dizia que queria. Realmente é uma profissão muito sofrida e a remuneração é muito diferente das outras profissões. Mesmo com curso de especialização e até de mestrado, ganha muito menos e trabalha às vezes muito mais, realmente é muito difícil, você tem que gostar. Mas aí tem outras coisas que me faz sentir extremamente útil, dando minha contribuição para transformar a sociedade, eu sei que transformo a vida desses garotos, de uma forma positiva eu influencio. Eu não tenho tempo de fazer um trabalho voluntário, então de certa forma eu reúno tudo na minha profissão. Sou muito dedicada, faço o que for possível e acho que sou muito útil. Dou minha contribuição realmente para ter um mundo melhor.

Dificuldades

Na profissão o que eu acho que é mais difícil é um conjunto de fatores: a desestrutura familiar, a desestrutura do adulto cuidador da casa onde essas crianças vivem. Há uma falta de interesse muito grande, uma falta de respeito e há umas distorções de valores, de conceitos. A família acha que a escola tem obrigação de tudo, a criança não vê a escola diferente da casa, vê como espaço da brincadeira e aí isso gera conflitos. A escola é um ambiente aonde tem regras e é necessário que tenha regras. É necessário que essas crianças aprendam regras, porque na vida tem. Tem a questão da violência, o ambiente violento que eles vivem, a comunidade é violenta, há uma violência extrema. Isso dificulta muito. A falta de concentração, pela oferta dos jogos eletrônicos, internet, talvez seja estímulo demais para estrutura de menos, isso deixa os alunos meio perdidos. Como não tem mais aquela questão da disciplina em casa, de uma mãe mais atenta, ou outro adulto que cuide, acompanhe a vida escolar, eles ficam muito soltos e acham que não devem fazer. Eu vejo bem a diferença, porque os que têm se desenvolvem super bem, eles são educados, não dão trabalho, eles cumprem as tarefas, eles saem da escola com todas as competências que eram para ter naquele ano. Então eu percebo que o acompanhamento familiar faz total diferença porque a escola não dá conta de tudo.

Ser professor

Pra mim ser professora hoje é um sofrimento. Sendo bem sincera, eu gosto muito, eu gosto de verdade. Eu gosto da sala de aula, eu gosto do aprendizado, do contato com os livros, mas eu sofro muito. Eu sofro tanto que cheguei a adoecer. Eu sou umas dessas milhares de professoras que estão em depressão, que estão com uso de medicamentos, já teve várias vezes que eu pensei em deixar. Chega um momento que você vê que não dá conta. Tem essas dificuldades mais tem outras dificuldades, da administração, da própria regra, engrenagem da escola que emperra algumas coisas, às vezes eu me sinto muito sozinha, isolada e às vezes dá um desespero. Por conta disso já pensei muito em deixar, porque eu não consigo chegar e fazer de conta, eu nunca vou conseguir, eu acabo me envolvendo e eu me envolvo muito, isso acabe num desgaste emocional muito grande. Eu faço terapia, já trabalhei muito isso e aí eu descobrir que sou eu que sou assim, eu sou sensível, se eu passar 60 anos na sala de aula eu vou estar me preocupando, me envolvendo emocionalmente. O que eu já fiz foi aprender a contornar algumas situações, mas eu sofro, eu vou para casa pensando nisso. Eu não consigo chegar e me desligar, isso causa muito sofrimento. Tem essa questão e tem a questão do salário também. É muito difícil saber que você é inteligente, que você é preparada, que você

estudou, que é dedicada, trabalhadora, responsável e você não é reconhecida na sociedade, o sua remuneração é muito aquém do que você precisa, do que você merece. Às vezes eu acho que seria melhor migrar para uma outra área, mas até agora ainda não fiz isso. Acho que se tem muito preconceito, se você é médica, advogada, auditora, as pessoas olham diferente de uma simples professora. Um sobrinho meu que eu sempre ajudo quando vou para o interior, faço sempre as atividades com ele, dizia: professora pública venha me ensinar. Ele dizia que eu era professora pública e escola pública é a mais fraca. Então eu tive que explicar para ele que não é assim, professora pública teve a competência de passar no concurso, quem está na escola são as melhores, as mais preparadas, que tem maiores titulações e tudo mais. E aí você vê é só uma criança, ainda não tem um conceito formado, só está reproduzindo o que escuta do adulto. Tem muito preconceito sim, principalmente se você é professor 1, minha formação é licenciatura, mas eu agora estou na polivalência, professor de 1º a 6º acha que você não é nada, que você não sabe nada, isso não é real, na verdade a gente estuda pra “caramba” eu pelo menos estudo pra “caramba”. A gente vê um preconceito enorme, quando você ouve o comentário do tipo: uma professora está ganhando R\$ 1.400,00 e está reclamando de que? Tem pessoas de nível técnico por aí, com nível médio, que entram ganhando R\$ 4.000,00 / R\$ 5.000,00. Como que uma professora que tem pós-graduação, ganha 1.400,00 e não pode reclamar do salário, que está reclamando de barriga cheia. Que para melhorar um pouquinho nosso salário a gente muitas vezes dobra e até triplica nossa carga horária. Não tem direito a vida, não tem direito a nada. Tem até situações engraçadas, domingo eu estava num churrasco na casa de minha irmã e tinha outra professora que é da rede e estava lá com o marido. Vivem muito bem, moram num prédio muito bom, e ele estava falando da inauguração da nova etapa do shopping, eu perguntei aonde era mesmo que era e ele me falou que não era lugar pra professor não, dizendo para mim e para esposa dele. Ou seja, já sabe que a gente ganha tão pouco, que tem lojas que a gente não tem o direito nem de entrar, de passar na frente que não vamos ter condições de consumir. Se fosse para falar intelectualmente, acho que menos de 10% das pessoas que entram naquelas lojas tem o conhecimento que eu tenho, o preparo que eu tenho, então não é uma coisa real na proporção que a gente estuda em relação a remuneração. Se você chegar em algum lugar, preencher um ficha ou cartão e disser que você é médica ou professora, é muito diferente.

Escolha

Veja, se eu tivesse o conhecimento, a vivência que eu tenho hoje, eu não escolheria essa profissão de novo. Porque isso me adoeceu, não é nem pelo trabalho, eu sempre fui muito forte, eu vim do interior com 17 anos, eu lutei, eu trabalhei como autônoma muito tempo, eu cuidei dos meus irmãos, eu passei por tudo numa boa. Eu adoeci quando cheguei nas escolas, entrei em depressão, tive que ficar de licença algumas vezes, ainda hoje eu tomo medicamento, às vezes eu preciso tomar um ansiolítico para poder enfrentar uma situação mais desafiadora. Essa semana eu tive três picos de pressão alta, por conta de aborrecimento, coisa que eu nunca tinha tido. Então é algo que está me prejudicando fisicamente e emocionalmente. Eu não escolheria, mesmo sabendo que teria uma pontinha de frustração, porque eu gosto do ambiente da escola, eu gosto dos livros, das formações, mas eu não escolheria de jeito nenhum.

Final

Acho muito legal que esteja fazendo mestrado nessa área, que pesquise, que estude, porque eu acredito que vai melhorar, eu vejo que está melhorando. Eu também entendo que as mudanças são lentas, não é? Historicamente, daqui a 50 anos vai se dizer que no início do novo milênio

a coisas vão ser diferentes, mas pra gente que está vivendo isso no dia-a-dia é difícil. Mas eu acho que melhora com isso, com trabalho, com estudo, pesquisas que sejam colocadas na mesa retratando a situação real. E eu acho que vai mudar porque o Brasil está crescendo economicamente e não existe crescimento sem educação, se a população não tiver educação e a educação ela não começa por cima, ela é a base. Tem que reestruturar, vai ter que investir, então essas pessoas daqui a 15, 20 anos já irão pegar uma situação melhor. Uma situação escolar melhor, uma valorização maior, um plano de carreira mais adequado, uma remuneração mais justa, mas hoje é isso!

Essa desvalorização tem atraído pessoas para a profissão que não são muito comprometidas, quando é uma profissão que tem o atrativo financeiro ela atrai pessoas tão mais comprometidas, dedicadas, eu fico muito triste quando eu vejo isso. Quando a gente vai para as formações vejo pessoas com tanta falta de interesse, se preocupam em assinar a ata para sair, me preocupo como essa situação irá mudar. São pessoas que não estão dando sua contribuição, não estão lutando para melhorar. Todo mundo “mete o pau” no sindicato, mas não vão nem lá, não vão em assembleia, não participam, aí fica difícil. Você exige coisas que não pode, como é que você diz ao aluno para não jogar lixo no chão se quando você vai ao banheiro joga? Abriam uns cursos de pedagogia, a gente já teve uns estagiários aqui na escola que nem sabiam ler direito, é uma situação muito difícil e muito triste também. Acaba que junta tudo e vai fervendo no caldeirão, vai mexendo, misturando e vai dando no que estamos agora, que não é nada agradável.

Oitava Transcrição

Nome: P5

Idade: 40 anos

Estado Civil: casada a 07 anos (filho 05 anos)

Escolaridade: Magistério

Tempo de experiência:

Eu escolhi o magistério mais por uma fuga, no início, porque eu mudei de escola, estudava no Nossa Senhora do Carmo fui para o São José e quando eu mudei de escola eu quase “leveei pau” em química. Como o São José tinha opção de você seguir o científico ou o magistério, então eu fiz opção pelo magistério. Mas aí eu fui me entrosando, desenvolvendo...

Influências

Meu avô é professor, na época era aquele professor catedrático, bem respeitado, adorado, idolatrado pelos alunos, eu acho que o exemplo dele me influenciou, minha tia que é professora também só que ela mora longe, mas acho que foi mais a influencia de vovô. Nós convivemos, moramos juntos e aí acho que foi a maior contribuição. Mas a minha opção mesmo foi essa, fuga. E aí eu gostei me enturmei, me formei 1988 e só fui trabalhar em 1991, porque eu não me sentia segura para atuar e tinha que cuidar do meu avô. Ele teve um AVC, tínhamos que fazer um sistema de revezamento e sobrava pra mim que era a caçula e fiquei com essa responsabilidade.

Percurso

Fiz pedagogia na FAFIRE, entrei 1989 e quando foi 1991 comecei a trabalhar numa escolinha particular na Educação Infantil, passei quase 05 anos na pré-alfabetização. Em 1993 fiz o concurso do estado e passei, o ano passado fiz 20 anos de profissão, próximo ano eu faço 20 no estado. Fiz especialização em psicologia cognitiva aplicada a educação, em 1995, foi logo quando surgiu o construtivismo. Em 1997 voltei para escola particular e passei mais 04 anos, numa escola em Beberibe e depois fiz seleção no Colégio Auxiliadora, lá fiquei por 10 anos. Em 2002, fiz o concurso para prefeitura, passei e aí fiquei com os 03 horários, de manhã no Colégio Auxiliadora (particular), à tarde na prefeitura e à noite no estado. Nessa época eu já era coordenadora no estado, voltei para sala de aula para cumprir com as horas necessárias e fui trabalhar com Artes no EJA (educação de jovens e adultos). De manhã eu ensinava história, geografia e matemática e à tarde, na prefeitura, eu trabalhava com todas as disciplinas. Em 2003 eu fui para uma escola de magistério e fiquei lá até 2008. Trabalhei os 03 horários durante 06 anos, em 2007 meu filho nasceu, eu pedi demissão do colégio particular e fiquei na prefeitura e estado. Pela manhã estou na prefeitura, trabalhando em sala de aula e algumas tardes e todas as noites estou como coordenadora do estado na educação de jovens e adultos (EJA).

Infância / história de vida/ acontecimentos

Meus pais se separaram eu tinha 02 anos, sempre foi muito assim eu, minha mãe e minha irmã. Meu pai estava presente, mas não na convivência do dia-a-dia. Como ficou difícil da minha mãe organizar nossos horários, nós fomos estudar em colégio interno durante 02 anos. Férias, feriados nós vínhamos para casa, mas o semestre letivo, a gente ficava lá. Basicamente a minha infância foi em casa, a gente não tinha muita liberdade, morávamos em apartamento, éramos donas de casa. A gente ia e voltava da escola sozinhas, a escola era perto de casa então a gente ia andando. Não tínhamos grupo de amigos, só na adolescência é que às vezes a gente ia ao cinema, ia pra sorveteria depois da missa, era tudo muito rigoroso. Brincava muito com minha irmã. Estudava sozinha, a gente tinha que dar conta porque mainha quando chegava do trabalho tomava a lição. Acho que a gente amadureceu muito cedo em relação às responsabilidades. Eu já com meus doze, treze anos já ia pra banco, fazia pagamento, depósito, saque...

Desafios/ Profissão

Eu vou fazer 20 anos, mas toda vez que começa um ano é como se fosse o meu primeiro. Eu lembro quando eu comecei e as pessoas diziam que eu era novinha mais que depois eu iria desanimar, mas eu não perco essa esperança de mudar, de sempre fazer melhor. Pra mim é um desafio, eu gosto, eu me sinto realizada em ver o crescimento do aluno. Eu estou aprendendo muito com essa minha turma, eu acredito na educação. Eu dizia muito para minhas alunas, que ser professora é estudar o tempo todo, é batalhar o tempo todo, é estar sempre buscando uma coisa nova, é sempre estar lutando por um objetivo. Todo dia é um desafio! Então se você não está disposta a enfrentar, saia do curso, não entre numa sala de aula. Porque aí você pode causar danos que são irreversíveis. Então eu trago isso pra mim, quando eu entro na sala que eu não estou bem eu digo a eles. Eu sou bem sincera, peço ajuda a eles. Eu acredito na minha profissão, eu acredito no meu trabalho. Eu estou me sentindo bem melhor agora do que quando comecei. Eu me sinto mais segura, mas preparada, eu consigo identificar os desafios, coisas que eu não percebia antes, não deixo passar muito tempo e já tento resolver. Eu acredito na educação ainda, se não eu já tinha caído fora.

Dificuldades da carreira

Um dificuldade que a gente (professor) já vem percebendo a um certo tempo é a transferência da responsabilidade da família para a escola. Alguns momentos a gente precisa fazer o papel da família em função do nosso trabalho, da nossa prática, porque senão nós não vamos atingir o objetivo. Uma das dificuldades é essa. Outra dificuldade que eu vejo, que não é o caso dessa escola, mas eu escuto de outros colegas e realmente acontece, é a falta de apoio. É de ter um grupo coeso, esse grupo caminhar numa mesma direção, com a mesma ideia, buscando o mesmo objetivo, porque se vc tem uma escola com 05 turmas e cada um vai numa direção, não se chega a lugar algum. O resultado lá no final não aparece. E eu não posso deixar de citar a questão da remuneração. Falta tempo e a gente tem que ir para uma escola, ir para outra, dar assistência em casa, estudar, então a gente não faz o melhor que poderíamos fazer, mas fazemos o possível. Isso é um grande entrave! Acho que a gente tem condições de fazer alguma coisa, não é motivo para cruzar os braços. A gente faz o que pode dentro dos nossos limites.

Final

Se eu tivesse hoje que escolher uma carreira, eu escolheria de novo ser professora. Eu não mudaria não.